

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**O PATRIMÓNIO CULTURAL DA
FREGUESIA DA CUMIEIRA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA
CULTURA

JOSÉ EMÍLIO ESTEVES DA SILVA



Vila Real, 2010

Dissertação de Mestrado em Ciências da Cultura,
apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto
Douro por José Emílio Esteves da Silva, sob a orientação da
Professora Doutora Henriqueta Maria Gonçalves, para a
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Cultura, de
acordo com o disposto no nº 1, alínea b) do Artº 20º do
Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de Março da Lei Portuguesa.

À minha esposa e ao meu filho.
À minha família.

Agradecimentos

A realização deste trabalho não foi um esforço solitário e, no momento da sua conclusão, há várias pessoas a quem devo agradecer por ter tido a energia e a capacidade para o concluir. É minha convicção que este trabalho não seria possível sem o contributo dessas pessoas que, com os seus ensinamentos, experiências ou mesmo com uma simples palavra de incentivo, me ajudaram.

Quero agradecer, em primeiro lugar, a orientação cuidada e responsável da Professora Henriqueta Gonçalves que sempre me deu o seu apoio e estímulo e sempre se mostrou disponível para atender as minhas dúvidas. Aqui lhe deixo um profundo reconhecimento.

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Ciências da Cultura, que ao longo destes dois anos me acompanharam, a sua disponibilidade às minhas solicitações, as suas palavras de incentivo e, acima de tudo, a sua amizade.

Aos colegas de Mestrado, em particular ao José António, agradeço todo o companheirismo, amizade e o excelente ambiente que envolveu este curso.

Um especial agradecimento aos habitantes da Cumieira que, portadores de saberes ancestrais, quiseram contribuir, com a sua palavra, para que este trabalho de pesquisa e recolha fosse possível.

Uma palavra final de agradecimento à minha esposa e ao meu filho pelo apoio e incentivo que me deram e um pedido de desculpas pelo tempo em que, absorvido por este trabalho, lhes deixei de prestar a merecida atenção.

RESUMO

O património cultural, material e imaterial, caracteriza e identifica uma comunidade através dos tempos. A freguesia da Cumieira, concelho de Santa Marta de Penaguião, possui, na sua área, um vasto património constituído por achados arqueológicos e edificações e por um conjunto de saberes ancestrais, ainda utilizados no seu quotidiano, que faz a história do seu povo. Exemplos dessa riqueza são os indícios de povoamento romano e mouro, a igreja, as capelas de diferentes estilos e épocas, as casas brasonadas, as tradições, os cantares, a gastronomia.

Este trabalho teve como objectivo a recolha e a análise do património cultural, numa freguesia onde não existe qualquer tipo de investigação sobre esta matéria.

Para além da pesquisa em fontes bibliográficas e do trabalho de campo, foram realizadas entrevistas, essencialmente a habitantes mais idosos, que foram gravadas em suporte digital, para uma melhor análise e memória futura. Depois de analisadas e validadas, construímos um corpus de 180 recolhas.

Com este trabalho pretendemos contribuir para um melhor conhecimento da história deste povo, para a manutenção dos seus valores culturais e, principalmente, para a constituição de um acervo de registos do património cultural que caracteriza e identifica esta freguesia.

ABSTRACT

The cultural, material and immaterial patrimony characterizes and identifies a community throughout the times. Cumieira parish, in the council of Santa Marta de Penaguião, has, within its limits, a big patrimony composed by archaeological discoveries and buildings and even by ancient knowledge which is still put in practice daily at present time and that makes its people history. Examples of that precious set are the Roman and Moorish settling signs, the church, the chapels from different styles and eras, the manor houses, traditions, songs and gastronomy.

The objective of this work was the gathering and analysis of cultural patrimony in a parish where no such investigation took place before.

Apart from research in bibliography and in loco work, interviews have been made, essentially to the oldest people, which were digital recorded for better analysis and future memory. After being analysed and validated, a corpus of 180 gatherings was created.

With this work we wish to contribute to a better knowledge of this people's history, for the maintenance of their cultural values and, mainly, create a data registration of the cultural patrimony which characterizes and identifies this particular parish.

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	5
Introdução	9
Metodologia	12
I Capítulo – A freguesia da Cumieira.....	15
1. Localização da freguesia	15
2. Caracterização histórica	16
3. Economia.....	22
4. Evolução da população	28
5. Património material.....	31
a) Casas solarengas	31
b) Igreja	34
c) Capelas.....	38
d) As Alminhas	41
e) O Cruzeiro.....	41
f) Marcos da Casa de Bragança	42
g) Ara votiva romana	43
h) Marco granítico das Demarcações Pombalinas do Douro Vinhateiro	43
i) Calvário de Silhão.....	45
j) Lagar de azeite do século XVIII	45
k) A fonte do Cruzeiro	46
l) A fonte do Cancelo	46
m)A toponímia	46
II Capítulo - Património oral I: Composições líricas	49
1. Cantigas: caracterização e motivos	49
2. Influências	63
3. O homem e a sua relação com o meio.....	67
4. Lengalengas.....	68
III Capítulo – Património Oral II - Composições narrativas	70
1. Anedotas.....	70

2. Adivinhas	71
3. Histórias jocosas.....	74
4. Contos populares: maravilhosos e exemplares	76
5. Lendas	85
IV Capítulo – Património Oral III - Composições mágicas e religiosas, superstições e crenças	88
1. Orações e responsos	88
2. Ensalmos	94
3. Superstições e Crenças	96
a) Superstições	96
b) Crenças.....	98
V Capítulo - Património Oral IV – Tradições: Usos e Costumes, Gastronomia e Jogos Tradicionais	100
1. Tradições: usos e costumes.....	100
2. Gastronomia	110
a) Apresigo.....	110
b) Sopas.....	112
c) Doces	113
d) Salgados	114
3. Jogos tradicionais	115
Conclusão	123
Bibliografia.....	127
Anexos:.....	132
Composições líricas - Cantigas	132
Lengalengas	193
Composições Narrativas	196
Composições mágicas e religiosas.....	208
Tradições.....	225

Introdução

O termo Cultura foi “um conceito desenvolvido inicialmente pelo antropólogo Edward Burnett Tylor para designar o todo complexo e metabiológico criado pelo homem”.⁽¹⁾ Podemos entender desta citação que o autor considerava cultura todas as práticas sociais desenvolvidas pelo homem. Nesta orientação de pensamento, podemos designar cultura todo um conjunto de “feitos”⁽²⁾ relacionados com a actividade humana, onde se inserem as crenças, os comportamentos, os valores e todo um conjunto de regras que identificam uma sociedade, ou seja, todo o conjunto de bens materiais e imateriais. São estes valores, que constituem o nosso património cultural, que é necessário preservar. Segundo a Lei 107/2001 de 8 de Setembro, o património cultural integra:

todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.

O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.⁽³⁾ (DR, 2001: 5808)

A criação de legislação adequada e a maior intervenção de organismos estatais, levaram à sinalização, identificação e registo de uma grande fatia do património cultural português, tornando-se um contributo decisivo para a sua preservação.

No conjunto dos bens materiais podemos incluir os achados arqueológicos, as igrejas, as capelas, as casas, as ruas, os monumentos e locais ou outro tipo de construções que, dotados de valor e simbolismo, contribuem para o conhecimento da história de um povo.

Em relação a achados arqueológicos, Henrique Botelho, na revista o “Archeologo Português” (1903: 152) salientava e enumerava a quantidade de peças encontradas na

¹ <http://wapedia.mobi/pt/Cultura>, consultado em 15 de Agosto de 2009.

² Definimos “feitos” como toda a actividade desenvolvida pelo homem.

³ A Lei 107/2001 de 8 de Setembro, revogou a Lei nº13/85 de 06 de Julho, que definia o Património Cultural como “o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devam ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura portuguesa através do tempo”.

freguesia da Cumieira que datavam do tempo do Imperador Romano Constâncio II⁽⁴⁾. O *Diccionario Chorografico de Portugal Continental e Insular* referia a presença de factos reveladores da (possível) existência de uma aldeia romana onde se situa a actual Vila da Cumieira.

Em documentos escritos, a Cumieira já aparece referida em 1139, numa doação feita por D. Afonso Henriques ao Mosteiro da Ermida.

Este conjunto de documentos é a confirmação da existência de um povoado com raízes anteriores à fundação da nacionalidade.

Nos bens imateriais podemos compreender toda a literatura oral que engloba o folclore, a linguagem, os costumes, tradições populares, etc.. Quando falamos de folclore, referimo-nos ao conjunto de tradições orais que reúne as cantigas tradicionais, as lendas, os contos, os provérbios, as adivinhas e as anedotas. Segundo a *Nova Enciclopédia Portuguesa*, o folclore «estuda e recolhe tradições orais, lendas, contos, canções e danças populares»(1991: 948). Este género de cultura, de origem popular, caracteriza-se por ser transmitida através do tempo, de geração em geração.

O termo folclore (folklore) surgiu em Inglaterra em finais do século XVIII com os irmãos Grimm e não é mais que a unificação das palavras “folk” e “lore” (povo e saber). O saber de um povo com raízes ancestrais.

Em todos os povos, todo este conjunto de saberes, de mitos, de festas e de outras actividades culturais, nasceu e acompanhou o homem ao longo do tempo, transitando, em muitos casos, ao longo de vários séculos.

A freguesia da Cumieira tem, assim como outros povos, um passado de tradições que chegaram até aos dias de hoje mas que, por vários factores, tendem a acabar. Um exemplo disso é o desaparecimento dos festejos do culto do “Maio”.

Ao longo dos tempos, as tradições orais desempenharam um papel activo e determinante na transmissão de conhecimentos. Através das canções, lendas, crenças, danças e jogos é possível conhecer a história de um povo. As canções descrevem-nos um pouco das suas vivências, das suas preocupações, dos seus sentimentos e até das próprias emoções. A sua temática transporta-nos, muitas vezes, para determinadas épocas do ano. Elas surgem associadas ao ciclo agrícola que se desenvolve ao longo do ano e ao calendário litúrgico.

⁴ Flávio Júlio Constâncio, conhecido como Constâncio II, nasceu a 7 de Agosto de 317 e morreu a 3 de Novembro de 361. Foi imperador dos romanos desde 337 até sua morte.

Neste sentido, dividimos as canções em dois sub-géneros, que consideramos essenciais para a sua análise: canções tradicionais e folclóricas e canções de carácter religioso. A teoria defendida por Vergílio Pereira vai ao encontro da nossa proposta quando afirma que o povo sempre possuiu “dois tipos de música: a profana para os recreios e tarefas e a religiosa para as necessidades de culto e práticas espirituais...” (1950: 138- 139).

No sub-género “canções tradicionais” englobamos um conjunto de temas cantados em momentos de lazer que não estão relacionados com a actividade agrícola. Segundo Rosa Torres, “as canções tradicionais são uma fonte informativa que reúne o cerne da individualidade de uma cultura e que faz a ligação entre o presente e o passado. Elas falam da natureza, do amor e da morte, das relações familiares e sociais” (1998: 22-23).

Por seu lado, as canções folclóricas reúnem um conjunto de temas que estão relacionados com as actividades agrícolas. Para António Reis este tipo de música está ligado “às tarefas agrícolas, representando acções de trabalho (...) Os poemas rústicos que corporizam este género musical são representativos das diversas acções de trabalho. Cada tarefa determina um poema adequado ao referido contexto, um ritmo, uma melodia, uma coreografia, etc.” (Reis, 2008: 73).

As músicas de carácter religioso estão associadas, como já foi referido, ao calendário litúrgico. Dentro destas, as mais conhecidas entre nós são as que aparecem ligadas à veneração de Jesus pelos Reis Magos.

As crenças, as superstições e as bruxarias (rezas de curandeiras) transportam-nos a um tempo remoto, difícil de localizar. Muitos destes rituais, ligados a práticas mágicas, são muito anteriores à era cristã, sendo no tempo dos romanos e dos gregos já praticadas. Muitas dessas práticas viajaram durante séculos até chegarem aos dias de hoje. Exemplo disso é a existência de “benzedeiras” que, em aldeias rurais, ainda praticam determinados rituais como “talhar o bicho” a “etrícia” ou a “zipla”. Para António Reis, a benzedeira “age em conformidade com o espírito de missão evangélica, como mandatária de Deus, e em nome do qual diz resolver todos os problemas humanos, convicta que recebeu de Deus esse poder de curar toda a enfermidade” (Idem, 2008: 248).

É todo este conjunto de bens que caracteriza um povo, que o identifica e, ao mesmo tempo, o diferencia de outros povos, que pretendemos pesquisar como um contributo para a sua preservação e divulgação. A preservação passará pela constituição de um acervo, pela consciencialização dos habitantes da freguesia para a necessidade de manter esse legado histórico-cultural e pela sensibilização para a sua transmissão às gerações futuras. A

divulgação passará pela publicação das recolhas como forma de incentivar a população para a manutenção desse património.

Jorge Dias a este respeito afirmava:

Temos a obrigação de salvar tudo aquilo que ainda é susceptível de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo num Portugal diferente do nosso, se conservem tão portugueses como nós e capazes de manter as suas raízes culturais mergulhadas na herança social que o passado nos legou. (1983: 9)

A única forma de salvar todo este património cultural é gravá-lo em suporte digital e textualizá-lo em papel. A gravação traduz um meio mais fiel de transmitir os dados recolhidos, mas não é uma forma prática de divulgação, pois obriga o leitor ou o ouvinte a munir-se de equipamento apropriado. Estes registos ficarão, assim, guardados para estudiosos ou para entidades que pretendam recuperar tradições perdidas. A textualização em papel é a forma ideal de divulgação por ser de fácil acesso e consulta.

Por forma a concretizar os objectivos a que nos propomos, estruturaremos o trabalho desenvolvido em cinco capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “A freguesia da Cumieira”, será dedicado à contextualização geográfica, histórica e económica da freguesia e à apresentação do património cultural material nela existente. Os capítulos seguintes serão dedicados ao património cultural imaterial. Assim, no segundo capítulo, “Património Oral I: Composições Líricas”, faremos a análise das composições, apresentaremos as influências que permitiram um tão vasto património e analisaremos a relação do homem (da freguesia da Cumieira) com o seu meio. O terceiro e quarto capítulos, “Património Oral II – Composições Narrativas” e “Património Oral III – Composições mágicas e religiosas, superstições e crenças” destinar-se-ão à análise das composições recolhidas. No quinto capítulo, com o título “património Oral IV – tradições: usos e costumes, gastronomia e jogos tradicionais” serão apresentadas algumas das tradições existentes na freguesia, a gastronomia que a identifica e os jogos tradicionais infantis. Por fim, na conclusão, serão apresentados e sintetizados alguns pontos que desenvolveremos ao longo do trabalho.

Metodologia

Metodologia é o processo utilizado para orientar o espírito de investigação, empregando um conjunto de meios para poder atingir o fim pretendido.

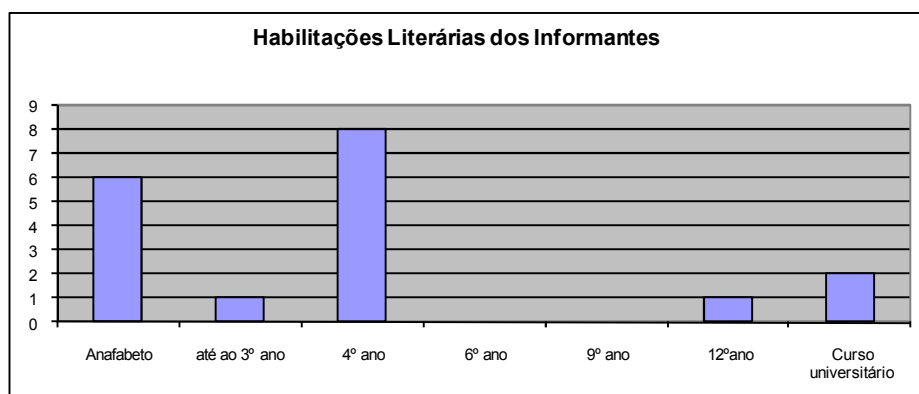
Entrando no estudo científico, a metodologia de investigação em Ciências Sociais entende-se como forma de reflectir, interpretar e explicar os fenómenos sociais. Com base nas Ciências Sociais foi utilizada a entrevista não estruturada e a entrevista participativa como instrumentos privilegiados na recolha de dados e informações.

A primeira etapa metodológica foi a realização de trabalho de campo com o intuito de seleccionar informantes fidedignos. Após este trabalho, realizámos entrevistas e depoimentos que foram gravados em suporte digital de modo a ser feita a textualização, a análise e o tratamento desses dados que servirão para memória futura. Aliado a cada entrevista ficou registado o nome, a idade e a morada dos informantes.

A interpretação dos dados recolhidos foi feita com base na análise de conteúdo dos mesmos e na comparação entre eles.

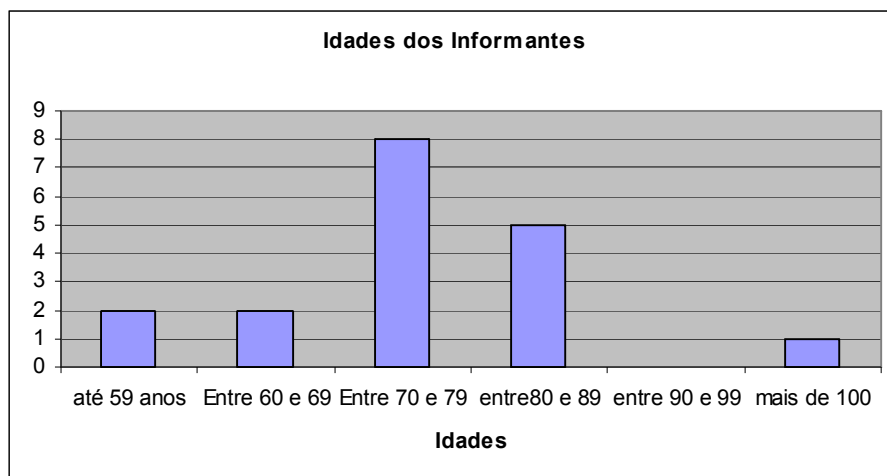
As pesquisas bibliográfica e documental foram outros métodos utilizados para servir de suporte a algumas das afirmações e conclusões por nós apresentadas. Localizámos e adquirimos os livros disponíveis e consultámos os documentos possíveis de obter, de forma a podermos avaliar a contribuição do material recolhido para, de alguma forma, cimentar o trabalho em pesquisa.

Habilitações Literárias dos informantes



Analisando o gráfico, apercebemo-nos, rapidamente, que a maioria dos informantes tem um nível escolar bastante baixo, salientando-se as colunas dos analfabetos e os que possuem o 4º ano de escolaridade. Os analfabetos são 33,3% dos informantes, sendo 83% os que têm habilitações literárias até ao quarto ano de escolaridade.

Idades dos informantes



Analisando o gráfico das idades, detectamos que a maioria dos informantes tem uma idade compreendida entre os 70 e os 89 anos. Estas duas colunas compreendem 66,6% do total de informantes.

No global, e após a análise dos gráficos, concluímos que os informantes têm uma idade bastante avançada, um dos quais com idade superior a 100 anos, e que possuem um nível escolar muito baixo. Estes dados levam-nos a acreditar que todas as informações prestadas foram efectuadas com base em conhecimentos transmitidos pela oralidade, o que atesta uma maior profundidade e veracidade aos dados recolhidos.

I Capítulo – A freguesia da Cumieira

1. Localização da freguesia

A Cumieira é uma pequena vila, sede de freguesia, que pertence ao concelho de Santa Marta de Penaguião, distrito de Vila Real. A sua área engloba cerca de 1143 hectares de superfície e reúne os lugares da Amoreira, Assento, Barreiro, Bairro Novo, Bertelo, Covêlo, Pousada, Veiga e São Martinho. Fica situada a 8 Km da sede do concelho, e a 7 Km da capital de distrito. Confronta com a freguesia de Sever a Sul (rio Aguilhão), com as de Fornelos e Torgueda a Poente, a Norte com a de Parada de Cunhos (rio Sordo) e a Nascente com as de Folhadela, Sabroso e Ermida (rio Corgo).⁽⁵⁾

Circuitam esta freguezia três rios, hum a que chamam de Côrgo, que tem o seu principio em Villa Pouca de Aguiar, (...) o rio chamado de Arcadela que tendo o seu diminuto principio nas fraldas da serra do Maram em huma fonte chamada de Tornos (...) o rio que tem por antenumazia da Sordeira ou Sordo, que tem a sua origem na Campiam... (Costa et al, 2006: 447)

Litologicamente, os solos de maior e menor altitude apresentam diferentes composições. Nos terrenos de maior altitude surgem os solos graníticos que fazem parte do maciço compósito⁽⁶⁾ de Vila Real, sendo alcalinos de grão médio a grosso, de duas micas. Os solos de menor altitude são predominantemente xistosos e fazem parte do complexo xisto-grauváquico⁽⁷⁾ do grupo do Douro.

Resultante da sua localização, das variadas características geológicas e das influências climatéricas, a paisagem é decorada com encostas divididas em socacos onde sobressai a vinha e o olival. Pela sua especificidade encontra-se inserida na Região Demarcada do Douro, apresentando uma paisagem de contornos absolutamente únicos num quadro nacional e internacional.

⁵ As freguesias de Ermida, Folhadela, Parada de Cunhos, Sabroso e Torgueda pertencem ao concelho de Vila Real, circundando a freguesia da Cumieira em 70% dos seus limites.

⁶ Maciço compósito – Maciço em cuja constituição geológica entram dois ou mais tipos de materiais diferentes.

⁷ Xisto - rocha metamórfica fortemente laminada. Grauvaque - rocha de origem sedimentar formada por fragmentos de outras rochas.



Ilustração 1 - Localização da freguesia da Cumieira

É servida pela Estrada Nacional nº2 que liga Vila Real à sede de concelho e ao Pêso da Régua. Ao longo do seu percurso:

não temos 5 minutos, em andamento, sem panorama grandioso e novo. A cada instante se descobrem formidandos relevos, montes sobre montes, despenhadeiros, enormes recôncavos, imprevisíveis anfiteatros revestidos de vinhas e olivais, um ou outro fundengo rústico e vergiliano. (Correia, s/d: 87-88)

2. Caracterização histórica

O começo histórico da Cumieira é de difícil e nebuloso esclarecimento. Há povoações que nasceram simplesmente no período português, outras a sua origem é já muito anterior à fundação da nacionalidade. Nasceram por necessidade de ocupação de terrenos agrícolas que permitisse a sobrevivência e que, pelas suas remotas origens, não podemos assinalar a data da sua fundação.

A vila da Cumieira encontra-se inserida nesse período. Muito embora o primeiro documento escrito que apresenta referências sobre a Cumieira apareça datado do ano de 1139, numa doação feita por D. Afonso Henriques ao Mosteiro da Ermida, onde se lê “*et inde pergit per illu carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum Palacium francisco (francez) usque in pellago Godim, etc.*”,⁽⁸⁾ a sua fundação é já muito antiga, pois na sua área foram encontrados numerosos documentos arqueológicos (pias, mós, ânforas, tijolos, moedas), confirmando um povoamento muito primitivo.

⁸ Dicionário Chorographico (1936): 1004

Correia de Azevedo, em *Vila Real de Trás-os-Montes*, afirmava que

No ponto de vista arqueológico, podem considerar-se raras as freguesias do concelho⁽⁹⁾ em que não existe qualquer rasto de um passado remotíssimo: uma edificação do tipo dolménico, uma ara de paganismo e outros vestígios culturais, um muro castrejo, um topónimo pré-nacional ou ainda pré-romano, provando, apesar do despovoamento sofrido bastante antes da nacionalidade, que as populações nunca mais desapareceram, isto é, nunca a região foi lançada no ermo completamente.(s/d: 5)

Existem locais confirmados onde os romanos e os mouros se instalaram: no lugar da Ranha, no Fojo, no Ladário, no Romão e no lugar das Mouradias ou Mourarias. Os termos Fojo e Ladário estão directamente ligados a locais onde foi desenvolvida actividade romana. Segundo Gonçalves Monteiro, o nome Fojo “estará relacionado com vestígios de exploração romana de ouro ou outras riquezas minerais, como o estanho” (1984: 108); por seu lado, o nome Ladário era a designação dada ao local de culto dos romanos - neste caso, onde os romanos ofereciam as suas dádivas e as suas preces ao deus Júpiter. O nome atribuído ao lugar do Romão deriva do latim “*romanus*”, confirmando, assim, uma associação entre este local e o povo romano. Segundo uma lenda⁽¹⁰⁾, existente na freguesia, neste lugar aparecia, todas as noites, junto a uma poça, um soldado romano a dar de beber ao seu cavalo. Sabemos que uma lenda não traduz a realidade dos factos, contudo não deixa de ter um fundo de verdade e de confirmar uma ligação entre o povo romano e o lugar do Romão.

Os três primeiros locais são contíguos e ocupam uma área de cerca de 50 hectares de terreno que envolve o monte de Santa Bárbara, local que oferece uma vista que abrange as serras de Montemuro, Marão, Alvão e Padrela e ainda a bacia do Rio Corgo, lugar perfeito para controlar uma vasta extensão de terreno. Além disso, era servida pelos vales da Veiga e do Corgo que lhe forneciam toda a alimentação necessária à sua manutenção. Era, pois, um local propício para a instalação de um povoado que, pela área ocupada, deveria apresentar uma população muito significativa.

O Lugar do Romão dista 2 Kms das estações anteriores e está, também ele, localizado num alto preponderante em termos estratégicos.

⁹ A paróquia da Cumieira aparece, no século XIII, inserida na “ECCLESIE DE TOTA TERRA DE PANONIIS”; no português actual podemos traduzir por “Igreja de toda a terra de Panoias”.

¹⁰ Anexo nº184 – Lenda do Romão.

O povo romano terá chegado à Península no II século a.C. e ocupou este lugar até ao ano de 409 d.C., altura em que povos de origem germânica se instalam na Península Ibérica, terminando com uma ocupação romana de seis séculos.

No ano de 711 teve início a ocupação do território pelos Mouros. Aproveitando as disputas internas existentes entre os Visigodos, não tiveram grande resistência na sua incursão e três anos após o início das invasões terão chegado ao norte de Portugal.

Em 722, teve início a reconquista cristã da Península Ibérica com a vitória sobre os Mouros na Batalha de Covadonga (Espanha). O norte de Portugal terá sido reconquistado em finais do século XI.

Após a reconquista cristã, foram muitos os mouros que aceitaram permanecer no país. As Mourarias foram locais mantidos ou criados, normalmente localizados fora dos limites urbanos, para os Mouros se instalarem, com direitos e obrigações próprias específicas, diferentes da restante população.

O *Diccionario Chorografico de Portugal Continental e Insular*, de 1936, referia-se assim ao lugar das Mourarias ou Mouradias:

Fica esta herdade situada a S.E. da povoação do Assento numa das ramificações da montanha de Sta. Barbara...

Aqui viveram os romanos e mouros, e se tem encontrado diversas peças arqueológicas tais como: restos de ânforas, tijolos de varias formas, sendo uns lisos outros ornamentados, moedas dos imperadores romanos, restos de uma coluna e grande quantidade de tijolos.

Ainda se notam vestígios de uma antiga habitação, provavelmente dos mouros....

Dizem os antigos que foi aqui encontrado o sino pequeno que existe actualmente na igreja da freguesia. É provável que por este termo haja alguma necrópole que até hoje ainda não se descobriu.

Cerca de 1902, ao plantar uma vinha, foram encontrados diversos fragmentos de vasilhame, tijolos, moedas etc. (Fonseca, 1936: 486-487)

Henrique Botelho, no “*Archeologo Português*”, a respeito de todo o material que lhe chegou às mãos, e após uma breve análise, concluiu:

Na Cumieira, no sitio das Moradias, numa propriedade do Exmo. Sr. José Joaquim Baptista, por ocasião da plantação de bacelos, encontraram os trabalhadores grande quantidade de tijolos partidos, grossos e com um grosso rebordo muitos deles, dois bronzes pequenos muito mal conservados, que pareciam de Constâncio II ou Constante II, e outros objectos...

Da rápida descrição dos restos que me vieram à mão, da qualidade da configuração dos tijolos e da existência de carvão, que não será difícil de reconhecer como animal, parece-me muito provável que na Cumieira existiu um cemitério romano.... É tal a quantidade de tijolos, que hoje fazem muros com eles. (Botelho, 1903: 149-150)

Em nota de rodapé, Américo Costa faz ainda outro comentário:

Noutra herdade da mesma freguesia, denominada “Ranha de Cima”, em Britelo, também tem aparecido diversas peças arqueológicas, como sejam mós, diversas pias (que ainda existem algumas em Bertelo), moedas, etc... e em 1940 ao rotearem uma vinha do Sr. Álvaro Guedes Coimbra, foi encontrado grande quantidade de tijolos, pedras mui bem aparelhadas e uma grande pia em granito que se presume que seja um pequeno lagar de fazer vinho do tempo dos romanos. É de supor que no tempo dos romanos existia a cultura vinícola pelo que se verifica na cor ennegrecida das diversas ânforas encontradas em 1902 nas moradias, que fica a 3 quilómetros desta estação. (1936: 487)

O povo romano deixou na freguesia da Cumieira outros vestígios e traços que ainda hoje são visíveis (pilares da ponte da Ribeira, a ponte da Veiga e ainda vestígios de empedrado no caminho da Costa da Veiga), muito embora grande parte tenha desaparecido. Estas duas pontes faziam parte de um caminho romano que ligava *Lamaecus* (Lamego) a *Aquae Flaviae* (Chaves). e que passava por esta freguesia. A ponte sobre o rio Aguilhão era o “portal” de entrada (daí o nome resultante da área envolvente se chamar Portela, ou seja, uma pequena porta) que levava à povoação da Veiga. A sua continuação leva-nos através da encosta da Veiga até ao Nosso Senhor da Costa, no Lugar das Carvalhas, daí seguia pelos Outeirinhos em direcção ao Largo da Eira, Cruzeiro, Trás da Mina, Vale de Cales, Estação, Boavista, Valado, Eido, Eirô, Carreira, Silhão, Ribeira, Ponte da Ribeira, subindo depois a Parada de Cunhos, já no concelho de Vila Real. Existia também uma variante que ia da Ponte da Veiga em direcção à Ranha e que dava ligação às Mourarias (ou Mouradias), ao Fojo e ao Ladário. Este é um dos muitos caminhos romanos existentes no nosso país.

Esta via foi usada durante vários séculos como um eixo de ligação principal vindo, ao longo dos séculos, a ser denominada de caminho romano, estrada real ou estrada da mala-posta, nomes ainda hoje atribuídos a este caminho. No seu percurso, chegou mesmo a ser colocada uma linha férrea:

Houve também por algum tempo caminho de ferro americano desde a Régua a Vila Real, pertencente à Companhia Transmontana, fundada em 1874, sendo uma das estações aqui nesta freguesia, no lugar da Estação. O seu motor era mulas para os passageiros e bois

para mercadorias. Também possuía máquinas a vapor, sistema Wintertur, mas pouco partido tirou delas por serem muito fortes os declives a vencer, e por isso passados alguns anos foram vendidas duas para Braga, onde fizeram muito bom serviço. ⁽¹¹⁾

Mercê da criação deste caminho-de-ferro, dois nomes entraram na toponímia desta freguesia, Estação e Estalagem. No primeiro caso, tratava-se do local onde o trem tinha a paragem agendada e onde se fazia a troca de animais; no segundo, era o local onde existia uma estalagem que servia para albergar os condutores e alguns passageiros.

Desde a baixa idade média, a Cumieira pertence ao julgado de Penaguião, sendo, durante o reinado de D. Afonso Henriques, o seu governador D. Moço Viegas, filho de Egas Moniz. Em termos eclesiásticos, a paróquia pertencia à eclesía de Panóias, do arcebispado de Braga, existindo aqui um distanciamento em relação a Penaguião que pertencia ao Bispado do Porto.

Nas Inquirições de 1258 aparece já como paróquia, com o nome de Santa Eovaye de Anduffi, no julgado de Penaguião, arcebispado de Braga:

Pertence esta freguezia a Província de Trás os Montes por ser nella situada, hé do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas, chama-se de Comieira hé da comarca de Villa Real na jurisdiçam eclesiastica e no secular concelho de Penaguiam.

Fica este Concelho na Comarca de Sobre o Tâmega da parte Nascente, olhando para elle da cidade do Porto: he senhor delle o Marquez de Fontes, que apresenta in solidum todos os officios no que toca às justiças que conhecem do cível, & crime, ...

Santa Eulália da Comieira, abbadia da Mitra de Braga ⁽¹²⁾, que rende três mil cruzados, tem cincoenta vizinhos, & estas Ermidas, Nossa Senhora da Urca, Nossa Senhora da Esperança, Santa Barbora, Santa Anna no lugar da Veiga, S. Payo no lugar de Britello. (Costa, 1868: 362)

Viria depois a pertencer ao bispado de Lamego, até à criação da diocese de Vila Real, em 20 de Abril de 1922.

O lugar da Veiga teve o seu foral em 15 de Dezembro de 1519 pelo rei D. Manuel I, em Évora, sendo o Senhor do julgado de Penaguião o Marquês Rodrigo Pedro Annes de Sá Almeyda e Menezes.

¹¹ *Diccionario Chorographico* (1936): 1005.

¹² Abadia da Apresentação, que então era uma autoridade, jurisdição ou dignidade do Prelado Eclesiástico.

Veiga

Item quatro casaes de trauan-/ca que traz ora Joham aluarez / da veiga e Joham afomso seu / vezinho pagam em dinheiro de perneo / ambos sessemta e quatro reaes e oito / pretos E de pam ter-
çado vimte e qua-/tro alqueires e oito galinhas . § Ou-/tros quatro casaes que sam de mance-/los que
traz affomso durãaez e berto-/lameu affomso pagam deles sessemta e / quatra reaes e oito pretos. E de
pam ter-/çado vinte e quatro alqueires e oito /

(Coluna B)

galinhas. § Joham Vaz e andre vaz / da cumieira trazem cinco casaes do mo-/esteiro de freixo
de que pagam em dinhei-/ro oytemta e dous reaes e quatro pretos / § Estes diz que aviam de pagar dez
galinhas e nam as paga . § Gomez / martjnz polo casal de figueiredo paga en di-/nheiro dezaseis reaes
e quatro pretos e / duas galinhas . § Aluar[o] eanes de / pumarelhos pollo casal que traz pa-/ga em
dinheiro dezaseis reaes e quatro / pretos e duas galinhas. § Joham / da cunha polla quintam das eiras
pa-/ga en dinheiro dezaseis reaes e oito pre-/tos e duas galinhas . § Aluaro afomso / de britelhos por
hum logar que traz / paga dezaseis reaes e oito pretos . / Pedr[o] eanes de paradella com seus / Irmãos
e Joam martjnz de fiolhaes pagam / en dinheiro dezaseis reaes e oito pretos /

Ilustração 2 - Foral da Veiga de 15 de Dezembro de 1519 dado por D. Manuel I (Santana 1999; 266)

Com a criação do Morgadio da Cumieira, instituído em 1624, Diogo Alvares Mourão passou a ser o Senhor da Casa e do vínculo das Terras da Cumieira. Sucedeu-lhe o Dr. Matias Alvares Botelho, Morgado de Mateus, que, por casamento, viria a ganhar o vínculo da Casa e das Terras.

“Em 23 de Fevereiro de 1823 eclode a revolta de Vila Real, comandada por Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, que se recusa a aceitar a Constituição Liberal” (Cidade, 2004: 135). A população da Cumieira opõe-se e declara o apoio incondicional à Constituição, mantendo-se firme ao lado das tropas leais ao governo, chefiadas pelo tenente coronel Correia da Silva contra os revoltosos chefiados pelo ex-Conde de Amarante. O *Diário do Governo* de 8 de Maio de 1823 salientava esse facto:

Tendo-nos sido sempre doloroso fallar nos acontecimentos de Trás-os-Montes, cuja lembrança nos horrorisa, temos hoje a satisfação de publicar os sentimentos dos habitantes da Cumieira (comarca de Villa) cujo elogio, se fazello tentassemos ficaria muito áquem de nossos desejos; e por isso transcrevemos parte de um documento remetido ao Governo, pelo constante, fiel, e digno Tenente Coronel de Milicias de Villa Real, Carlos Correa da Silva (que nunca deu ouvidos ás sugestões do rebelde de Amarante) que para tal nos foi confiado.

O paroco da Cumieira, Manuel Flabiano Coelho, em seu nome e de todos os Constitucionaes da sua freguezia, tem a distincta honra de offerecer de novo a V. Magestade os sentimentos mais sinceros da sua inateravel adhesão ao Systema Constitucional que felizmente hoje rege a Nação Portuguesa⁽¹³⁾

Em 1895, pelo Decreto de 26 de Setembro, a freguesia da Cumiera foi anexada ao concelho de “Villa Real” que suprimiu o concelho de “Santa Martha de Penaguião” e voltou a este, quando restaurado por Decreto Real de 13 de Janeiro de 1898, publicado no *Diário do Governo* n.º 11, de 15 de Janeiro.

3. Economia

A Cumieira é uma vila tipicamente rural. Nos últimos anos tem vindo a verificar-se um desvio da mão-de-obra da agricultura para a construção civil, para as forças militares e de segurança, para a educação e para o comércio. Praticamente só os mais idosos se dedicam à agricultura. A proximidade da cidade de Vila Real e a procura de melhores condições de trabalho e salários explicam, em parte, esta tendência.

Na agricultura cumieirense, salientam-se dois produtos fundamentais para a economia desta freguesia: o vinho e o azeite. Há outras produções como a batata, produtos hortícolas e, durante várias décadas, a castanha e o milho.

O cultivo da vinha é das mais antigas culturas, sendo já realizado pelas civilizações Egípcia e Grega, cerca de 1500 anos a.C. Em Portugal, existe desde tempos muito remotos, pois já no séc. II a.C. historiadores romanos se referiam à cultura da vinha na Península Ibérica. No Lugar da Ranha foi encontrada “uma grande pia em granito que se presume que seja um pequeno lagar de fazer vinho do tempo dos romanos. É de supor que no tempo dos romanos existia a cultura vinícola pelo que se verifica na cor ennegrecida das diversas ânforas encontradas...” (Fonseca, 1949: 487). A própria civilização Celta introduziu técnicas de tanoaria. A primeira variedade a ser cultivada foi a videira brava, proveniente da região mediterrânica mas, depois dos ataques da filoxera em finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, passaram a usar-se variedades vindas da América do Norte, espécies muito mais resistentes a doenças.

Em finais do século XVII, o cultivo da vinha estava pouco desenvolvido, a paisagem Douricense ainda apresentava muitas terras incultas:

¹³ Diário do Governo nº109 de 8 de Maio de 1823. Texto completo no anexo 186.

No anno de 1681 não tinha o Alto-Douro huma taõ larga plantaçaõ de vinhas; o gosto da Inglaterra inclinado nesse tempo a vinhos doces (os vinhos de Lisboa apresentavam maior doçura, mas os do Douro eram mais fortes e conservavam-se mais tempo), fazia que os lavradores, além das vinhas suficientes para o consumo interno, só plantassem vinhas em situações escolhidas em as costas das ribeiras mais expostas á força do sol; isto compreendia pequenas porções de terra destacadas por entre os mattos. Não havia as grandes quintas que hoje se vem; os lagares de 3, 4, até 5 pipas ao muito, que naquelle tempo havia, e os tuneis das mesmas medidas mostraõ as pequenas porções, em que consistia a colheita de cada lavrador. O resto das terras pela maior parte estava inculto, e de annos em annos se lhe cortava o matto, e se queimava sobre a terra para nella semear centeio... Outras terras se traziaõ semeadas de sumagre, que se cultivava com cuidado... (Fonsecca, 1791: 73-75)

A fraca exportação e o baixo preço dos vinhos conteve a plantaçaõ de novas vinhas.

Em 1755, D. Bartolomeu Pancorbo, negociante espanhol, com a ajuda de lavradores abastados, apresenta um projecto de exportação para países do Norte da Europa oferecendo, pelos vinhos, valores muito superiores ao pago pelos negociantes Ingleses. Com o elevado capital envolvido e com o vinho sem escoamento, o projecto acabou por falir.

As ideias de Pancorbo, apesar do projecto ruir, fizeram despertar as mentalidades e com os mesmos objectivos foi criada, em 1756, a Companhia Geral da Agricultura do Alto Douro. Dona Maria Engrácia Caetana Pereira, residente em Silhão, na freguesia da Cumieira, seria uma das principais responsáveis pela criação desta companhia:

O plano geral traçado para separar os terrenos produtores das diferentes qualidades de vinho que se podiam obter nas margens do Douro desde a sua foz até ao Cachão da Baleira, termo do curso navegável do mesmo rio, foi feito, evidentemente, por quem bem conhecia toponimicamente a Região.

Calculamos que seja obra do Padre Mestre Mansilha, filho da aldeia de Sedielos e em cuja família, do Termo de Penaguião, se constavam abastados lavradores de vinhos. Recordemos, por exemplo, sua prima D. Maria Engrácia Caetana Pereira, de Silhão (Cumieira), com propriedades em Remostias (Peso da Régua) e na Cumieira.

Os vinhos desta Senhora, no dizer do próprio Padre Mansilha, “foraõ grande parte da cauza, (por não dizer toda) de que se originou a Companhia, pella Zombaria que se fez de elles virem para o Porto, esperar fortuna. (Fonseca, 1951: 60)

A criação desta companhia era:

aplaudida por uns, odiada por outros. As turbulências que a fundação da Companhia

provocara nas ruas do Porto tiveram repercussões e ligações ao Douro que haviam sido objecto de inquirição. Talvez por isso, pelo menos três párocos entenderam que deviam aproveitar a oportunidade para elogiar a nova Instituição. O de Fontes (Concelho de Penaguião) evocava no seu texto os bons ofícios da nobilíssima Companhia do Alto Douro, o de Fornelos elogiava os benefícios trazidos pela “Ilustre Companhia” e o da Cumieira congratulava-se com a “instituição de uma nova Companhia a favor do bem comum. (Silva, 2003: 66)

A Região do Douro viria a ser demarcada em 1756 pelo Marquês de Pombal, para vinho generoso.

A Cumieira produzia, nessa altura, “hum grande quantidade de excellentes vinhos de embarque, os quaes se distinguem pela sua fortaleza, e cor” (Fonsecca, 1791: 49).

As vinhas a meia encosta, abrigadas dos ventos marítimos, pelas serras do Marão e Montemuro, e a reflexão dos raios solares no xisto, aliados a uma rigorosa selecção de castas, acentuam as condições naturais para a obtenção de vinhos generosos e de consumo (principalmente tintos) de excelente qualidade.

No início do século XIX, a produção de vinho generoso aumentou, produzindo a freguesia da Cumieira “1459” pipas de vinho de embarque. Entre 1802 e 1811, era a quinta freguesia que maior quantidade deste vinho produzia, chegando a alcançar as “2838” pipas, em “1805” (Guerner, 1814: 63-34). Foi um século de grande prosperidade que fez expandir a construção de vinhedos.

Eram famosos os vinhos generosos da Cumieira, principalmente os produzidos na Quinta do Canto. Desta quinta “foi engarrafado um vinho da Pipa de Meca, nome esse de uma criada que sorrateiramente o ia beber, para as comemorações da Prisão do Régulo Gungunhana”^{(14) (15)}.

Com o aparecimento da filoxera, no início do Século XX, doença que atacou a videira, a economia teve um impacto extremamente negativo, ao ponto de levar famílias rurais à falência e, conseqüentemente, ao abandono e venda de muitas propriedades. As vinhas

¹⁴ O Régulo Gungunhana foi preso por Mouzinho de Albuquerque em 1896. “Detinha o segundo maior império nativo de África. Este ocupava mais de metade de Moçambique, uma parte do Zimbabué e da África do Sul, estimando-se a sua população entre 500.000 a 2.000.000 de habitantes de várias etnias.” www.jornalaguarda.com/noticia.asp?idEdicao=224&id=10160&idSeccao=2624&Action=noticia, consultado em 12 de Junho de 2010.

¹⁵ www.cm-pesoregua.pt/turismo/turismo_lazer3.htm em 18 de Dezembro de 2009.

ficaram num estado desolador. Foram anos dolorosos, não só porque a produção era extremamente baixa, mas principalmente pelo investimento que foi necessário fazer para reconverter as vinhas.

Em 1960, com o objectivo de melhor escoar o vinho do produtor e melhorar a qualidade, foi criada a Adega Cooperativa da Cumieira. Em 1987, a necessidade de uma maior agressividade nas vendas e a procura de novos mercados leva à sua fusão com as adegas de Santa Marta e de Medrões.

Durante os anos 70/80 do século XX, a freguesia foi, novamente, assolada por várias catástrofes naturais que fizeram tremer a economia local. O jornal “*O Comercio de Porto*” referia-se assim aos acontecimentos:

a Cumieira tem sido vítima de catástrofes naturais, com enorme regularidade, que fazem exasperar os agricultores. Com efeito, praticamente todos os anos, se não são os temporais a destruir os campos agrícolas, é a geada negra, as invasões de mildio, etc.

A freguesia da Cumieira, integrada na Região do Vinho do Porto, foi assolada (...) por uma violenta trovoadas de granizo que arrasou as vinhas e os pomares, cuja produção estava já bastante adiantada. Centenas de pequenos e médios viticultores da Cumieira, que no ano passado (1988) sofreram a maior razia de sempre na sua produção, ficaram agora, igualmente, quase sem nada por força de mais esta catástrofe.

Há vinhas inteiras onde apenas sobrou o pé da videira, tendo desaparecido quer as uvas quer as próprias folhas...

Também os caminhos rurais ficaram bastante danificados, o mesmo sucedendo com batatais, campos de feijão, olivais etc. (CP, 1989: 15)

Nos anos seguintes, a população rural atravessou, novamente, momentos difíceis, por ser necessário esperar alguns anos para a vinha recuperar e voltar ao seu ritmo de produção.

Actualmente, a aposta em produção de qualidade fez com que os vinhos produzidos na Cumieira, principalmente da Quinta da Gaivosa e da Adega Cooperativa da Cumieira (inserida nas Caves Santa Marta), sejam uma referência a nível nacional e internacional, com a atribuição de variados prémios e distinções. São de salientar, também, os vinhos da Quinta da Portela e da Quinta do Poldro:

Segundo dados recolhidos em organismos oficiais (Casa do Douro e Caves Santa Marta) a viticultura Cumieirense é composta por cerca de 500 produtores, dos quais 400 são associados da Adega Cooperativa. Em termos de produção e nos anos considerados

normais, os Vitivinicultores produzem 2.475.000 litros de mosto vínico (4.500 pipas)⁽¹⁶⁾ dos quais cerca de 825.000 litros (1.500 pipas) são destinadas à produção de vinho generoso (vinho do Porto). Todo este vinho é produzido em 1.680 propriedades, concluindo-se que a característica dominante é a pequena propriedade, que permite um rendimento global e anual de 600.000 contos.⁽¹⁷⁾

Até meados do século XX, na freguesia existiam 3 alambiques, um na Boavista, um no Assento e um de uso exclusivo da Quinta da Cumieira, para produção de aguardentes de excelente qualidade. Também existia, no lugar da Azenha, uma destilaria onde era queimado o vinho para a produção de aguardente fina. Sendo única nas redondezas, era enorme a quantidade de produtores, da Cumieira e de freguesias vizinhas, que aqui recorriam. Esta aguardente é um elemento fundamental para a produção de vinho fino.

O cultivo do olival tem, também, desempenhado um papel importante na economia e no modo de vida das gentes da Cumieira. O azeite, além do uso gastronómico, teve também um papel fundamental na iluminação a candeias, sendo ainda nos dias de hoje muito usado nas igrejas e nos cemitérios, para iluminação das almas.

O olival aparece entre nós, de uma maneira mais generalizada, no início do séc. XIX; contudo, já em 1790 a Cumieira produzia grande “abundância de azeite, principalmente na costa desde a ribeira do Sordo até ao lugar de Silhaõ” (Fonsecca, 1791: 49). A sua exploração é feita em regime de monocultura, sendo os “Corgos” um excelente exemplo, muito embora nos olivais mais antigos apareça associado à vinha, servindo muitas vezes de demarcação entre terrenos:

Nos últimos anos, face a movimentos de reestruturação e conversão integrados nos Projectos e Leis Comunitárias, muitos olivais têm cedido o seu lugar a vinhedos. Contudo, e de acordo com informações do M.A.P., o cadastro regista ainda 20.000 exemplares, mas na realidade existem muitas mais. Relativamente à produção (exceptuando os anos de produção zero ou perto disso) situa-se entre os 60.000 e os 100.000 litros de azeite.” (Bonito, 2000: 5)

¹⁶ Cada pipa, na Região do Douro, tem capacidade de 550 litros.

¹⁷ http://eira.espigueiro.pt/gac-cumieira/vilacumieira_economia.html consultado em 30 de Outubro de 2004; 600.000 contos equivale a 3000000 de euros.

A Cumieira, até meados do séc. XX, possuía 3 azenhas, duas no Eiró e uma no Assento, onde se produzia grande quantidade de azeite.

O Cultivo do milho, para transformação em farinha, tinha um peso muito significativo na alimentação e, por consequência, na economia, da população da Cumieira. O vale da Veiga, o vale do rio Sordo e os “Lameirões”, na margem direita do rio Corgo, eram os principais responsáveis pela grande quantidade de milho que aqui se produzia. Este, normalmente, era transformado em farinha e vendido, para feitura de pão. É de salientar que a maioria das grandes famílias, na altura extremamente numerosas, possuía um forno a lenha onde era cozido o pão para toda a semana.

Por seu lado a folhagem do milho era aproveitada para a alimentação do gado bovino, geralmente propriedade das grandes quintas. Ainda em 1970 a Casa do Valado produzia leite para venda directa.

O gado ovino também era significativo, havendo, ainda em meados do séc. XX, três grandes rebanhos.

Por seu lado, o gado suíno estava distribuído por toda a freguesia. Era difícil encontrar uma casa que não criasse este animal para consumo próprio.

Pela elevada quantidade de soutos que existiam na Cumieira, a castanha teve também um papel muito importante na vida e na economia. Durante vários séculos a castanha constituiu uma grande fonte de alimento e de rendimento dos povos, principalmente do interior norte, sendo o seu consumo substituído pelo aparecimento do milho e da batata. Os soutos foram, aos poucos, substituídos por vinhedos.

Algumas das medidas em uso na freguesia da Cumieira:

- para líquidos

Tonel	1100 litros
Pipa	550 litros
Almude	30 litros
Cântaro	15 litros
Pote	7,5 litros
Canada	2,5 litros
Quartilho	¼ de litro
Meio quartilho	1/8 de litro

- para sólidos:

Alqueire	12 Kg
Rasa	12 Kg
Quarta	$\frac{1}{4}$ do Alqueire
Seremil	1,5 Kg
Arroba	15 Kg

4. Evolução da população

A Cumieira foi sempre uma aldeia rural com um índice elevado de população. Em 1733 tinha 604 habitantes. Segundo “*As Freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758*”, tinha “esta freguezia duzentos e oito vezinhos⁽¹⁸⁾”, entre os quaes são maiores setecentos e quinze e menores sincoenta e sinco” (Capela, 2006: 447), continuando em 1767 com o mesmo número, 208 fogos (Niza, 1767: 167). A partir desta data, teve um aumento significativo, apresentando nos anos de 1781 e de 1819, 866 e 1267 habitantes, respectivamente.⁽¹⁹⁾

Este aumento da população deveu-se, principalmente, à criação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro que, de acordo com Azevedo:

resolveu, de momento pelo menos, a situação dos cultivadores da região pelas garantias de colocação do seu produto e originou um progresso demográfico que havia de reflectir-se nos acontecimentos futuros. As paróquias de Panaguião, Lobrigos, Cumieira e Pêso da Régua sofreram, no período que vai de 1781 a 1819, um aumento de população respectivamente de 277, 414, 401 e 374 habitantes, acréscimo tanto mais impressionante quanto é certo que se verificou na população geral do país um abatimento, revelado pelo arrolamento geral de 1815 na diminuição de 24.162 fogos, em relação ao de 1805, atribuído às campanhas da Guerra Peninsular. (Azevedo, 1944: 147)

Em meados do século XIX, a população quase duplicou, tendo nessa altura 1430 habitantes, mantendo-se praticamente inalterável até meados do século XX, altura em que se verificou o maior aumento de população, passando para 2111 habitantes. Este aumento é tão mais significativo que durante este período a freguesia da Cumieira viu partir para o Brasil

¹⁸ Fogos

¹⁹ Dados retirados de “Condições Económicas da Revolução Portuguesa de 1820”. (Azevedo, 1944: 181)

618⁽²⁰⁾ dos seus habitantes. Apesar do elevado número de emigrantes, este período foi o mais produtivo em termos de índices populacionais. A partir dessa data, o povoamento oscilou muito com a emigração.

População e Ofícios nos finais do Séc. XVIII	
População por sexo	Totais
Homens	385
Mulheres	400
Fogos	255
Ofícios	População
Eclesiásticos	15
Pessoas literárias	5
Sem ocupação	20
Negociantes	1
Cirurgiões	2
Barbeiros	3
Boticários	1
Lavradores	100
Jornaleiros	100
Alfaiates	11
Sapateiros	5
Ferreiros	1
Ferradores	1
Moleiros	1
Criados	60
Criadas	59
Carreiros	11
Sargentos	1
Almocreves	5
Doutores	1
Mestre de Escola	1
Sem ofício	20
Domésticas e crianças	361

²⁰ Número de passaportes com registo de destino para o Brasil. Dados recolhidos no Arquivo Distrital de Vila Real.

Nas décadas de 50, 60 do século XX, a imensa pobreza e as más condições de vida fizeram despertar ainda mais a emigração. A população estava a crescer, as famílias eram numerosas e a terra para trabalhar pertencia aos grandes senhores, pouca era a que lhes pertencia. A Europa, acabada de sair de uma guerra mundial, necessitava de mão-de-obra para a reconstrução e Portugal passava por uma grave crise financeira. Aos olhos de muitos era a oportunidade da vida, era a possibilidade de tentar uma vida melhor. Muitos foram os que emigraram para a França e Alemanha. Mas outros destinos, como a África, despertaram o interesse, aparecendo como a terra das grandes oportunidades.

Nos finais da década de 70, princípios da de 80, do século XX, a emigração aumentou, principalmente para a Europa. Houve o que se poderá apelidar de uma “fuga” de população, principalmente para países como a Bélgica, o Luxemburgo e a Suíça. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, a Cumieira tinha, no ano de 1950, 2111 habitantes, contra apenas 1278 no ano de 2001, o que dá um decréscimo da população de cerca de 833 habitantes, número muito significativo.

Neste século, fruto do aparecimento de novos empregos e de melhores condições de trabalho na cidade de Vila Real, não tem havido grandes oscilações no número de residentes e o número de emigrantes estabilizou. Grande parte da população mantém a produção agrícola como um complemento de trabalho, garantindo um melhor nível de vida e, por consequência, a manutenção da residência na freguesia.

Evolução no número de habitações	
Ano	Nº habitações
1702	256
1758	208
1791	255
1981	548
1991	572
2001	652

O número de fogos, até 1981, está em concordância com a evolução da população. A partir dessa data, a melhoria das condições de vida e a maior facilidade de acesso ao crédito

permitiram um aumento substancial no número de fogos.

5. Património material (ruínas, achados, casas solarengas, igrejas, capelas, todos os indícios que possam identificar uma determinada época num contexto histórico)

a) Casas solarengas

Quase todas as Casas Solarengas existentes na freguesia da Cumieira foram construídas ou reconstruídas no século XVIII. O brasão, colocado na entrada principal ou no palácio em local bem visível da entrada principal, espelhava o esplendor da época.

Influenciados pelo barroco, estes edifícios apresentam, nos cantos, nas cornijas, nas ombreiras e padieiras das portas e janelas, cantaria muito bem talhada. As paredes eram de argamassa de barro, caiadas de branco.

Poderemos salientar o Solar de Bertelo, a casa dos Pedroso em Bertelo, a casa dos Pôncio de Leão em Côvelo, a Casa do Canto, a Casa da Quinta da Cumieira, a Casa dos Távoras e a Casa do Bairrinho na Veiga, todas elas brasonadas. A Casa do “Tavinho”, a Casa das “Cabrais”, a Casa Convento da Quinta da Portela e a Casa da Boavista, são igualmente construções a destacar na freguesia da Cumieira.

O secular Solar de Bertelo, restaurado no séc. XVIII, com o seu imponente frontispício é um símbolo da cultura, da prosperidade económica e da simbologia da época: “A pedra de armas representa os apelidos Carvalhos, Correias, Pintos e Pereiras.” (Azevedo, 1974: 203).

A casa da Quinta da Cumieira pertenceu, até meados do século XVIII, ao Convento de São Gonçalo de Amarante. Em 20 de Julho de 1752, foi adquirida pelo então Morgado de Mateus e da Cumieira.

O Morgadio da Cumieira foi instituído por Diogo Álvares Mourão⁽²¹⁾ em 1624, mas, por casamento de sua filha, as terras e a casa do seu vínculo seriam anexadas às do Morgado de Mateus:

Sabemos efectivamente, que o Morgadio da Cumieira, instituído em 1624 por Diogo Álvares Mourão, e o Morgado de Mateus, instituído pelo Dr. António Álvares Coelho, em 5 de Dezembro de 1641 se uniram no Dr. Matias Álvares Botelho.

²¹ Foi primeiro da sua genealogia, Diogo Álvares Mourão, senhor da Casa da Cumieira, filho de D. Diogo de Mourão, e de sua mulher, D. Helena Álvares, casado que foi com D. Maria Miz de Azevedo. (Azevedo, 1974: 201)

Sucedeu-lhes nos dois morgadios o seu filho António José Botelho Mourão, “Morgado de Mateus”, que construiu o actual Palácio de Mateus. (Brandão, 1964: 5)

O seu portal de entrada ostenta o brasão de armas onde se “lêem os caracteres nela esculpidos: na primeira os Botelhos, e na segunda os Mourões” e “revela bem o grau de prosperidade dos fidalgos que a habitaram” (Azevedo, 1974: 200-201).



Ilustração 3 - Brasão do Solar de Bertelo

A Casa do Canto, com a sua arquitectura em forma de U, evidencia toda a imponência vivida em tempos passados. As datas escritas em vários portais apontam para uma construção do início do século XVIII. Em 1800, data na qual foi passada carta de brasão, seria aumentado um piso na ala direita, para colocação do magnífico brasão:

Em fins do século XVIII esta casa encontrava-se na posse de José Borges Peixoto Pereira Ribeiro, em nome de quem foi passada carta de brasão, com data de 20 de Agosto de 1800. Armas: no primeiro quartel, as dos Borges; no segundo, as dos Ribeiros, no terceiro, as dos Peixotos, e no quarto as dos Pereiras. Exactamente os apelidos que se encontram representados na pedra de armas que se mantém na Casa do Canto. (Azevedo, 1974: 201- 202)

A Casa dos Távoras⁽²²⁾, a julgar pela data inscrita no pequeno brasão que se encontra colocado na fachada principal, teria sido construída (ou reconstruída) no século XVIII; é por

²² A Casa dos Távoras foi extinta em Janeiro de 1759 com a condenação dos últimos Távoras, acusados de atentarem contra a vida de D. José.

certo, também, um dos bons exemplares dos tempos de prosperidade que se viveu na altura na freguesia da Cumieira. “Trata-se de uma Casa Senhorial que pertenceu à importante Família dos Távoras, cuja figura de proa era o desafortunado marquês de Távora (1703- 1759)” (Araújo, 2004: 14). Ainda são visíveis os arcos e o brasão que se encontra na fachada principal, que seria na altura (possivelmente) a entrada da capela.

A Casa do Bairrinho, no lugar da Veiga, encontra-se em ruínas. O tipo de construção que apresenta, paredes em xisto com os portais em granito, leva-nos a acreditar tratar-se de uma casa com edificação anterior ao século XVIII. Na sua fachada principal apresenta um belíssimo brasão em granito que sobressai no degradado xisto:

No lugar da Veiga, da freguesia da Cumieira pode admirar-se uma pedra de armas de bom trabalho, que a custo se sustem na casa, em ruínas a que pertence, conhecida pelo nome de Casa do Bairrinho. (Azevedo, 1974: 203)

Outras casas apresentam magníficos brasões. É o caso da Casa do Matos, no Barreiro, que, numa parede interior do muro circundante à casa, exhibe um belo exemplar de brasão. Em 1910, aquando de um saíramento, na quinta da Bouça-Boa, foi encontrado este esplêndido brasão, de construção bastante rude, mas, sem dúvida, uma prova da imponência da casa que ali existiu.

A Casa da Pousada apresenta, no portal de entrada da quinta, um brasão menor, com os mesmos dizeres de um admirável brasão colocado na entrada da casa. Este brasão não pertencia à quinta, terá sido transferido de um outro local e aqui colocado. Não deixa de ser, apesar disso, um magnífico exemplar.

Outras casas solarengas merecem lugar de destaque nesta freguesia. Falamos da Casa da Boavista, da casa da Cabrais, a Casa do Tavinho e Casa Convento da Quinta da Portela, na Veiga, já acima mencionadas, pela imponência da sua construção. Destas, salientamos a Casa Convento da Quinta da Portela, não pela construção em si, mas pela insígnia em forma de Cruz Baptismal que se encontra na calçada junto ao portal principal de entrada:

A ordem, regra ou doutrina prosseguida pelos primeiros habitantes da Quinta da Portela, admite-se que tenham sido religiosos ligados ao princípio histórico do Mistério de Cristo ou da realidade de expressão “Christus Pax”, monásticos que veneram o Sacramento do Baptismo e o sentido da ressurreição, com vista à salvação.

Daí a ostentação de uma insígnia bastante simples, construída no centro do pavimento, junto ao portal ou frontispício da entrada do Solar da portela: um emblema ou

símbolo singelo, mas provavelmente muito significativo.

O sinal, que é constituído pela forma de uma Cruz Baptismal (oito braços), na base da qual se encontra ainda um triângulo (tipo Tríade), pretenderá certamente simbolizar a harmonia e a unidade da Trindade Cristã: Pai, Filho e Espírito Santo.

Elemento apreciável da sensibilidade, cultura e da criatividade religiosa da época (Sécs. XVIII/XIX), cuja escolha ou apreciação, tipo ou feição poderão ser discutíveis, a verdade é que o emblema ou insígnia do Solar da Portela, em forma de cruz e triângulo, significará com certeza um dos mais totalizantes símbolos, desde a Alta Antiguidade. (Araújo, 2004: 19-20)

b) Igreja

A Igreja Paroquial de Santa Eulália da Cumieira encontra-se situada no lugar do Assento. Pensamos que, desde a instituição da Cumieira como sede paroquial, a igreja esteja situada no local onde hoje se encontra. A actual igreja, construída em 1729, não terá sido edificada de raiz, mas resultante da reconstrução de uma já existente. Nas inquirições de D. Afonso III, em 1258, aparecia referência à “Parróchia⁽²³⁾ de Sancte Eovaye⁽²⁴⁾ de Anduffy⁽²⁵⁾”, escrito num latim popular que poderemos traduzir para Igreja de Santa Eulália do Assento (Costa, 2000: 270). No Tombo da Igreja, de 1499, o Bacharell Dioguo Guomez de Barros fazia a descrição do lugar do Assento onde se encontrava a dita igreja:

Junto com ha dita ygreja ahe stão sertas casas com seu quinteiro comvem ha saber: hũa casa grande telhada e hũa adegua he lagar collmado e da outra parte duas cortes collmadas e asy fiquao quinteiro no meo he hesta de fora contra ho norte hum moinho de azeite he hum palheiro hy acerqua. (1499: 40)

A descrição “do asemto da ygreja” e “da redomdeza do asemto corresponde ao local onde se encontra a actual igreja edificada. Há outros factores que nos levam a acreditar numa reconstrução. Em primeiro porque os lugares designados de Assento eram locais onde a igreja era construída, o lugar onde Deus tinha o assento da sua residência, o assento do seu povo e,

²³ “Parrochia” deriva do latim *parochia* que significa igreja, matriz ou divisão de uma diocese.

²⁴ “Eovaye” foi uma das várias formas de o povo pronunciar a palavra Eulália. Ao longo dos séculos, aparece escrita de várias formas: “Eovaye, Ovaya, Hovaia” (Costa 2000: 270).

²⁵ O contexto em que surge a palavra “Anduffy” ou “Andauffi” leva-nos a acreditar referir-se ao lugar do Assento, isto porque, em documentos datados de 1139, a paróquia aparece referida como Cumieira e não como Anduffy.

no mesmo Tombo, Dioguo Barros já se refere ao local como o “asento da ygreja”. Em segundo lugar, pela existência dos passais contíguos, em data anterior à construção da actual igreja. Pinho Brandão referia que “Igreja possuía neste tempo variadas terras e passaes”. Em terceiro, porque o grande aglomerado de casas antigas, de construção rústica, desenvolve-se, precisamente, em volta da Igreja. Isto leva-nos a concluir, efectivamente, da existência de uma construção religiosa, capela ou pequena igreja, com data anterior a 1729 (Idem: 40).

O tipo de construção, da actual igreja, transporta-nos para o período do barroco joanino⁽²⁶⁾ sendo, pelo seu interesse arquitectónico, classificada como Imóvel de Interesse Público em 1983 pelo Decreto 8/83 de 24 de Janeiro (I.I.P.). A Diciopédia 2003 fazia a seguinte descrição exterior da igreja:

Na fachada nobre rasga-se um portal de verga rectangular e moldurada, sobrepujado por arquitrave ressaltada, sobre o qual se abre um nicho semi-circular com aletas, abrigando uma escultura de Santa Eulália. Ladeiam-na duas janelas rectangulares, delimitando a frontaria duas pilastras em pedra. O remate é realizado por uma cornija desenvolvida, sobre o qual assenta um frontão trapezoidal marcado por urnas piramidais e cruz latina central. Num plano ligeiramente recuado, face à frontaria, está a torre sineira rectangular seccionada por fortes cornijas ressaltadas.

O Abbade da Cumieira, Manoel de S. José Justiniano, nas Memórias Paroquiais de 1758, descrevia a localização dos santos por altares:

tem a paroquia huma só nave e dentro desta sete altares, o maior, pello lado do Evangelho três, o primeiro que hé culatral da Senhora do Rozario, o segundo de Sam Jozé, e o terceiro que tem huma imagem do Senhor Crussificado serve para depozito da pia Batismal; pella parte da Epistula três, hé o primeiro culatral do Senhor das Necidades (Necessidades), o segundo de Sam Sebastiam e o terceiro de Sam Gomçallo. (1758: 2498)

Os interiores da igreja, decoração e pintura, são da autoria de Nicolau Nasoni ⁽²⁷⁾, e datam do ano de 1739. Todo o interior da igreja estava decorado com pinturas. Os altares

²⁶ A produção arquitectónica realizada ao longo do reinado de D. João V (1707-1750) recebeu a designação de Barroco Joanino.

²⁷ Nicolau Nasoni nasceu em Itália em 1691 e faleceu na cidade do Porto em 1773. Foi decorador e arquitecto, desenvolvendo grande parte da sua obra em Portugal: “O Morgadio de Mateus possuía, no tempo da construção da Igreja, uma grande quinta na Cumieira e que, era tradição Nasoni ter passado algum tempo nessa mesma quinta com o Morgado de Mateus, durante o andamento das obras. A vinda de Nasoni para a Cumieira em 1739

são de talha joanina, à excepção do retábulo de Nosso Senhor dos Passos que é de Barroco Nacional. As paredes, as cornijas e o arco cruzeiro estavam decorados com pinturas. Os tectos, da capela-mor e o corpo da Igreja, eram decorados com gesso e madeira, respectivamente, em caixotões que retratavam cenas da Bíblia.

Em meados do século XX, o padre da paróquia, Eduardo Sarmento, mandou substituir o telhado da igreja por se encontrar em más condições, destruindo as pinturas do tecto do corpo da igreja e da capela-mor. José Hermano Saraiva salienta esse facto, dizendo que “as obras de restauro que a igreja sofreu em 1949-1951 destruíram as pinturas executadas por Nasoni”⁽²⁸⁾ (2004: 134). O resultado desta intervenção não podia ter pior desfecho, com elas “desapareceu e perdeu-se quase toda a obra de pintura existente. A pintura das paredes já tinha desaparecido anteriormente, na quase totalidade.” (Brandão, 1964: 8)

Através de fotografias, ainda é possível observar o belo conjunto arquitectónico que constituía a decoração do tecto:

No tecto da Igreja havia, com as pinturas, numerosos dísticos. A parte inferior do coro estava dividida em seis caixotões pintados. Um dos caixotões representava a cena da Tentação de Eva no Paraíso Terrestre; um outro, Adão a cavar a terra e Eva com um menino ao colo.

Composição com motivos arquitectónicos e ornamentais muito frequentes nas pinturas de Nasoni: colunas, varandas, balaustres, grinaldas de folhas e flores...

No centro o Espírito Santo (pomba) difundindo raios de luz, com urna coroa de nuvens e anjos.

Na zona inferior da varanda, com superfície circular, cortada pela fotografia, vê-se uma pomba descendo; ao lado da pomba, anjos. Junto à coluna inferior da esquerda, um anjo. Há pormenores curiosos: animal rompante da balaustrada (ao centro) e motivo na margem superior da gravura. (Idem: 12)

está ligada, certamente, ao protectorado mecénico do Morgado de Mateus que era também Morgado da Cumieira, ... A construção da actual Igreja com o seu arranjo e decoração (obra de pintura e de talha) não ter sido estranha a acção benfeitora do mesmo Morgado que na altura era António José Botelho Mourão” (Brandão 1964: 9-10).

²⁸ “Era de Nasoni a decoração das paredes do corpo da igreja e capela-mor, arco da capela-mor, do tecto da capela-mor, das cornijas e dos vãos das janelas. Os vestígios e documentos existentes não deixam dúvidas sobre o assunto” (Brandão 1964: 10).

De todo o conjunto de pinturas, apenas restam as do arco cruzeiro, das cornijas e da porta falsa do púlpito, do lado da epístola, que permanece intacta. O conjunto de talha dourada mantém-se em bom estado de conservação:

Mas o fragmento de pintura com maior interesse que felizmente não desapareceu fica na entrada principal da Igreja: a parte inferior do lintel da porta, decorada com o dístico - NOVA JERUSALEM - (APOCALIPSE, III, 12) e uma pequena superfície de parede sobre a mesma porta, entre esta e o coro, com a importantíssima legenda NICOLAO NASONIO SENENSIS PINGEBAT 1 ANNO / 1739. (Idem: 10)



Ilustração 4 - Assinatura do arquitecto Nicolao Nasonio

“As dimensões da actual Igreja Paroquial, o belíssimo conjunto de talha dourada que possui e a riqueza das pinturas decorativas que exoneram testemunham o ambiente de esplendor que rodeou a Igreja em tempos passados” (Idem: 10).

Apesar de contar com a acção benemérita do Morgado de Mateus e da Cumieira para a sua construção, os rendimentos da Igreja eram muito elevados. As “herdades e pertemças”⁽²⁹⁾ (da igreja) rendiam “os fructos desta egreja por nove, até nove mil e quinhentos cruzados, com a reserva de duzentos alqueires de feijões, dez cantaros d’azeite, dezasseis arrobas de presunto, todos os passaes, e pé de altar, as quaes reservas renderão quatrocentos mil reis”⁽³⁰⁾, ou seja, 2400 quilos de feijão, 150 litros de azeite e 240 quilos de presunto que, para além do aluguer, teriam de ser entregues à igreja como reserva.

Além dos passais, localizados na freguesia da Cumieira, a Igreja do Assento possuía um casal e vários terrenos na freguesia de Poiares, Peso da Régua, vários casais em Lobrigos e terras em Sanhoane, concelho de Santa Marta de Penaguião.

²⁹ *Igrejário da Igreja de Santa Eulália do Assento* (1499), 39v.

³⁰ *Diccionario Chorographico* (1936): 1004.

c) Capelas

Dos vários povos que constituíam a paróquia da Cumieira, no século XVIII, todos possuíam uma capela onde os paroquianos poderiam fazer as suas orações sem se deslocarem à igreja. O Padre Manoel de S. Jozé Justiniano, Abade da Cumieira, nas Memórias Paroquiais de 1758, referia-se assim às capelas existentes:

Tem esta freguezia em o lugar da Comieira humma capella que hé do povo, com a invocassam da Senhora da Esperansa, tem outra no lugar do Assento, aonde se situa a paroquia, com o titulo de Senhora da Breia, tem no lugar de Birtello a capella de Sam Paio, no lugar da Veiga se venera outra com a invocassam de Santo Amaro e em hum alto da freguezia se acha a capella de Santa Barbora, e todas são sogeitas à igrája parochial.

Em 1868, Carvalho da Costa referia capelas nos mesmos povos, mas em relação à que se situa no lugar da Veiga atribui-lhe uma designação diferente, deixou de se chamar de Santo Amaro e passou a chamar-se de Santa Ana: “Santa Eulália da Comieira, (...) tem estas Ermidas: Nossa Senhora da Urca, Nossa Senhora da Esperança, Santa Barbora, Santa Anna no lugar da Veiga, S. Payo no lugar de Britello” (Costa, 1968: 362).

A capela de Nossa Senhora da Esperança, situada no lugar da Cumieira, é de construção simples e tem no alto um campanário em granito com um pequeno sino. No seu interior destaca-se a imagem em madeira da Virgem, obra popular do século XVI. A julgar pela data da imagem, somos levados a acreditar que a capela tenha sido construída por esta ocasião. Sabe-se, efectivamente que, em 1624, a capela pertencia à administração do Dr. Diogo Álvares Mourão, casado com D. Isabel Coelho, sucedendo-lhe, em 1665, sua irmã D. Maria Coelho. Em 1758, esta capela aparece referenciada como pertencente ao povo.

Do seu “espólio de alfaías litúrgicas do templo, o destaque é suscitado pela custódia de prata, obra de ourivesaria do século XVII”.⁽³¹⁾

O igrejário de 1727 referenciava uma capela, no lugar de Silhão, pertencente à Quinta do mesmo nome, salientando a: “Obrigação à fabrica da capela da Quinta de Silhão” para com a Igreja de Santa Eulália da Cumieira. Também o igrejário de 1790 referia a “obrigação à fábrica da capela de S. João, no lugar de Silhão” (Costa et al, 2006: 447-448).

Esta capela já não existe, mas, relacionado com ela, chegou, até aos dias de hoje, uma

³¹ Igreja da Cumieira. In Infopédia, Porto Editora, 2003-2010. [http://www.infopedia.pt/\\$igreja-da-cumieira](http://www.infopedia.pt/$igreja-da-cumieira)>, Consultado em 18 de Abril de 2010.

história que os habitantes mais idosos ainda utilizam para se referirem às pessoas avarentas:

Havia um padre que quando binha rezar a missa a Silhão trazia as batatas cozidas no bolso. Às vezes diziam assim: - tóto, tu és um agarrado, és como o padre de Mouços, quando binha rezar a missa a Silhão trazia as batatas cozidas no bolso... ⁽³²⁾

No povo do Assento, no lugar de Santa Maria da Breia, existia uma capela em honra de Nossa Senhora da Bréa. Aparece escrita de várias formas ao longo dos tempos, Bréa, Vrea ou Brea, e foi construída em 1711. O Tombo da Igreja de Santa Eulália referia a:

Obrigação à fábrica da capela de Nossa Senhora da Bréa, a favor dos juizes e mais fregueses desta freguesia que de novo erigiram uma capela no lugar do Assento, que está já acabada e com tudo o que lhe é necessário, pedem assim licença para que possa ser benzida e a ela se obrigam com os seus bens. (Costa et al, 2006: 448)

Pensamos ter sido construída para substituir a igreja paroquial durante o andamento das obras de restauração. Após a sua extinção, a Santa, conjuntamente com o seu altar, cuja talha se enquadra no Barroco Nacional, terão sido transferidos para a igreja paroquial. A santa encontra-se colocada, como imagem secundária, no altar de Nossa Senhora de Fátima, o altar (da antiga capela da Breia) está embutido lateralmente, apresentando, como imagem principal, Nosso Senhor dos Passos: “Na povoação do Assento havia uma capela de Nossa Senhora da Vrea. A santa mui conservada, foi transferida para um dos altares lateraes da igreja parochial, onde hoje se encontra” (Fonseca, 1936: 1005).

A data da construção da capela de Santa Bárbara⁽³³⁾ deve ser muito antiga, pois já a ela se fazia referência nos inícios do século XVIII. Está situada no cume do monte do mesmo nome, sendo este o ponto culminante⁽³⁴⁾ de toda a freguesia:

Daqui se desfruta de um vasto e belo horizonte, abrangendo muitas terras entre as quais podemos citar Vila Real, Parada de Cunhos, Mateus, Sabroso, Nogueira, Ermida, Alvações, Sever, Lobrigos, Cambres, Lamego, a capela de São Domingos de Queimada, Serra do Marão, Senhora do Viso, etc., etc. No sopé deste monte, do lado nascente, corre o rio Corgo e a poente corre ao fundo o rio Aguilhão. (Fonseca, 1936: 1005)

³² Cf. Anexo 182: - O Padre de Silhão.

³³ Santa Bárbara da Cumieira é, para os lavradores e população da freguesia e das terras vizinhas, a protectora das colheitas.

³⁴ Este local era chamado de Calvário e pertencia ao povo de Còvelo; possivelmente, após a construção da capela, a Santa terá dado o nome ao monte.

A capela de São João Baptista foi construída no ano de 1791, situa-se no lugar do Valado e é propriedade privada.

Na Veiga, existiam três capelas, uma em honra de “Santa Anna”, outra em nome de “Santo Christe”⁽³⁵⁾ e uma terceira em nome de Nossa Senhora da Conceição.

As opiniões quanto à fundação da capela de Nossa Senhora da Conceição são muito divergentes, mas tudo aponta para que tenha sido erigida no início do séc. XVII. Arnaldo da Fonseca no *Diccionario Chorographico* aponta o ano de 1617 como sendo o da sua fundação.

No lugar de Santo Xisto “ainda existe uma pedra do altar de uma outra capela denominada Santo Christe que está em ruínas há muitos anos e desconfia-se que fosse construída em 1500”. Ficava situada, a norte da Veiga, precisamente no local onde se encontram os caminhos que, vindos da Veiga e da Portela, se dirigem para o Assento. Em seu lugar estão colocadas umas alminhas que invocam duas datas: 1717 e 1956 (Fonseca, 1936: 1005).

Actualmente, na Veiga, apenas existe a Capela de Santa Ana, datada de 1764, precisamente a data que está inscrita na fachada principal da capela. Do seu espólio fazem parte, além da Santa Ana, a Nossa Senhora da Conceição e o Santo Xisto, vindos de outras capelas em ruínas, o S. Sebastião e o Menino Jesus vestido.

Manoel de S. Jozé Justiniano, abade da Cumieira, nas “Memórias Paroquiais de 1758”, referencia a capela da Veiga com a invocação de Santo Amaro, “no lugar da Veiga se venera outra com a invocassam de Santo Amaro”, mas pensamos tratar-se da capela de Santa Ana (1758: 2500).

No lugar de Bertelo existe a capela de Nossa Senhora do Carmo. É uma capela de construção simples com um pequeno campanário em granito que alberga um pequeno sino. Da sua fundação nada se sabe, apenas que foi reconstruída no ano de 1889.

Segundo informações, existia antigamente em Bertelo uma capela, bem como algumas casas, na margem esquerda do rio Aguilhão, numa propriedade com o nome de S. Paio, um pouco a S.E. do actual povoado. Hoje nem sequer vestígios restam. De facto, o Padre Carvalho (1706) e o Abade Manoel de S. Jozé Justiniano (1758) referem S. Payo como capela de Britelo: “Foi encontrado S. Paio numa vinha... era provavelmente o lugar da dita capela, na qual este santo se conserva na capela da Nossa Senhora do Carmo em Britelo” (Costa, 1949: 1005).

³⁵ Santo Christe evoluiu para Xisto.

d) As Alminhas

São várias as alminhas espalhadas pela freguesia. Elas são um convite a todos os que passam por estes locais, a destaparem a cabeça, a benzerem-se e a rezarem pelas Almas. Em muitas delas aparece uma imagem que retrata o penar das almas e, associada a ela, versos alusivos à cena:

“Ó! Vós que estais passando
Lembra-vos de nós
Que estamos penando.”⁽³⁶⁾

A esmola depositada na caixinha serve para, de tempos em tempos, ser oferecido por elas o Santo Ofício da Missa.

Destacamos o Senhor dos Aflitos (antigamente designado por Senhor da Costa), o Nicho do Imaculado Coração de Maria, as alminhas da Portela, as de Santo Xisto (na Costa da Veiga) e as da Estação, além de outros marcos de culto espalhados por alguns caminhos ou encruzilhadas.

A construção das alminhas em encruzilhadas de caminhos deve-se, segundo o povo, a dois motivos: - em primeiro, pelo facto de estes locais estarem associados à morte. Era nas encruzilhadas que se faziam as “esperas” para os “ajustes de contas” e normalmente estes confrontos terminavam na morte de alguém; em segundo lugar, pelo facto de ser o local onde as bruxas surgiam com mais frequência, servindo, deste modo, para afastar os espíritos maléficos.

e) O Cruzeiro

O cruzeiro da Cumieira encontra-se situado no cemitério da freguesia desde 1890. Não sabemos a época da sua construção, apenas que até àquela data se encontrava situado no lugar do Cruzeiro, perto da antiga capela de Nossa Senhora da Breia. Este cruzeiro era constituído por

huma cruz alta de pedra de cantaria lavrada, e com assentos á roda da mesma pedra.

A Cruz do Cálvario foi quebrada pelo carreiro Henrique Quitéria no ano de 1890.

Como multa imposta pelo Pároco António Julio Correia,- natural de Valdigem - Presidente Nato da Junta da Paróquia, pagou oito libras em ouro.

³⁶ Alminhas do Santo Xisto.

Esta Cruz passou depois para o cemitério da Cumieira onde se encontra. (Fonseca, 1949-1951: 51)

f) Marcos da Casa de Bragança



Ilustração 5 - Marco de Demarcação da Casa de Bragança

Três dos marcos das demarcações da Casa de Bragança encontram-se implantados na casa da Boavista. Têm gravado o escudo com as cinco quinas, e a letra B, numa posição inferior, sendo em granito de secção quadrangular com cerca de um metro de altura. Sabemos, efectivamente, que estes marcos não foram encontrados na freguesia da Cumieira, contudo não deixam de ser belos exemplares destas demarcações.

A Dinastia de Bragança viria a reinar em Portugal, após a restauração da independência em 1 de Dezembro de 1640, até 1910, data da implantação da República:

A Casa de Bragança foi fundada pelo rei D. João I e pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, concorrendo ambos para o seu estabelecimento pelos dotes que o primeiro fez a seu filho D. Afonso, o primeiro duque de Bragança, e o segundo à sua filha D. Beatriz Pereira Alvim, pelo casamento de ambos realizado em Frielas, no dia 1 de Novembro de 1401 (era de 1439). (Abrantes, 1954: 27)

g) Ara votiva romana

A ara⁽³⁷⁾ votiva (altar de Voto), dedicada a Júpiter, foi encontrada no lugar do Ladário e encontra-se em casa do Senhor Manuel Tapada.

Este monumento reveste-se de grande importância para o estudo da fundação da Cumieira. O local onde foi encontrado está inserido dentro de uma cintura definida como zona ocupada pelo povo romano. O aparecimento desta ara veio comprovar a presença, neste espaço, da ocupação romana.

Esta construção, normalmente erigida ao ar livre, servia como local de depósito de oferendas. Esta ara corresponde a uma peça quadrangular, em forma de coluna, na qual se encontra uma inscrição gravada na sua base.

h) Marco granítico das Demarcações Pombalinas do Douro Vinhateiro

O Marco Pombalino nº55, considerado Imóvel de Interesse Público pelo Decreto 35909, DG nº 236, de 17 de Outubro de 1946, é um dos belos exemplares das demarcações Pombalinas de 1758:

Localizado na Adega Cooperativa da Cumieira, este marco integra um conjunto de outros exemplares da mesma tipologia executados em granito e classificados como "Imóvel de Interesse Público" em 1946, caracterizando parte importante de toda a região vinhateira do Alto Douro inscrita na lista de Património Mundial da UNESCO sob a designação genérica de "Alto Douro Vinhateiro".⁽³⁸⁾

A primeira alusão à produção de Vinho do Porto surge numa documentação referente à sua exportação de vinhos para os Países Baixos em 1675. Com a assinatura do Tratado de Methuen⁽³⁹⁾, em 1703, entre Portugal e a Inglaterra, o Vinho do Porto começou a ter grande

³⁷ As aras “eram, normalmente, dedicadas a Júpiter ou a deuses considerados menores mas, a partir do século de Augusto, também eram dedicadas aos imperadores romanos”. (Duarte 1994; 299) O século de Augusto insere-se num período compreendido entre 43 a.C. – 14 d.C..

³⁸ www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=73696, consultado em 12 de Dezembro de 2006.

³⁹ O Tratado de Methuen foi um diploma assinado entre a Grã-Bretanha e Portugal, em 27 de Dezembro de 1703. O seu nome deve-se ao facto de o negociador britânico, em representação da Rainha Ana da Grã-Bretanha se chamar John Methuen. O representante de Portugal foi D. Manuel Teles da Silva, Marquês de Alegrete. Este tratado também ficou conhecido como Tratado dos Panos e Vinhos; impunha aos portugueses a obrigatoriedade de consumir os têxteis britânicos e, em contrapartida, aos britânicos, os vinhos de Portugal.

projectação, principalmente com a entrada no mercado britânico. A partir desta data, houve uma grande transformação da vinha com a reestruturação dos vinhedos. Esta transformação provocou um excesso de produção, provocando uma crise,

apenas ultrapassada com a criação, em 1756, da "Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro" por iniciativa do futuro Marquês de Pombal (1699-1782) com a qual se pretendia garantir a qualidade do vinho, a fixação dos preços e a demarcação da região vinhateira. E foi justamente no âmbito desta última medida que logo no ano seguinte em 1757, se procedeu à colocação de 201 marcos de fabrico com a intenção de prolongar esta primeira grande delimitação, alargada quatro anos depois, com a fixação de mais 134 marcos. Executados em granito, é na face alisada destes elementos paralelepípedicos voltada para os caminhos, que se lê, epigrafada, a designação "Feitoria 1758" ou "Feitoria 1761" com a qual se distinguem os vinhos exportáveis.⁽⁴⁰⁾

Às demarcações de 1758 para vinhos de embarque, foi adicionado, em 1761, na zona de feitoria parte do Lugar da Veiga e algumas das encostas que se estendem entre a Veiga e a Cumieira, a requerimento e pedido feito pelo

Padre Manoel de São Joseph Justiniano, Abbade da freguesia da Comieira no qual representa que fazendosse a ultima Demarcação nas terras que no Alto Douro são capazes de produzir vinho de embarque ficou de fora della o Lugar da Veiga sendo o vinho que produz o melhor do Douro, e que por tal foi sempre reputado pela feitoria Ingleza, como por esta Companhia que o comprou pello preço de vinte e cinco mil reiz cada huma pipa; Suplicava se lhe metesse o dito lugar da Veiga na Demarcação de feitoria por evitar o prejuízo que se lhe segue e aos moradores do mesmo lugar.

E sendo mandado informar pellos Deputados, e Concelheiros, ... dicerão lhes parecer justo. (Fonseca, 1994: 279)

Com o despacho favorável ao requerimento apresentado, foram implantados, em 1761, os seguintes marcos:

- Lugar do Marco (cruzamento dos caminhos que vão para a Veiga e Concieiro);
- Ribeira da Vergossa, numa propriedade dos descendentes do Senhor José Manuel Cardoso, na Veiga;
- Caminho da Costa, numa propriedade dos descendentes de José Pinto Barreto;

⁴⁰ <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73696/>, consultado em 18 de Dezembro de 2009

- Lugar de Silhão, numa propriedade dos descendentes de Américo Mourão.

Este facto alargou significativamente a área autorizada para produção de Vinhos do Porto, na freguesia da Cumieira.

i) Calvário de Silhão

O Calvário⁽⁴¹⁾ de Silhão, constituído por três cruzeiros, sendo ligeiramente maior a do centro, é o único, dos cinco que existiram na freguesia, que ainda resiste ao tempo. Destruído em finais do século XIX, restando apenas as bases de suporte às cruzeiros, o calvário está em reconstrução, devolvendo ao local a imponência de outrora.

Os calvários representavam o final do percurso da Via Sacra e eram construídos em elevações difíceis de subir, para simbolizar o sacrifício que Jesus teve para subir ao monte onde foi crucificado e a cena da sua crucificação.

j) Lagar de azeite do século XVIII

Este lagar de azeite está situado na Casa do Pontão, no lugar do Assento. Terá sido construído em princípios do século XVIII, data da construção dos armazéns, hoje casa de habitação. De construção artesanal, é um exemplar muito raro e constitui um testemunho cultural de grande valor.

A sua construção divide-se em duas partes: o moinho e o lagar. O moinho é composto pelo pio, espécie de tanque em granito, de forma circular, e por duas galgas, espécie de mós cónicas, também de granito, articuladas com um eixo vertical de sobreiro, chamado de balugo, que rodavam, no interior do tanque, por meio de tracção animal (burro ou boi). Aqui era feita a primeira trituração da azeitona para obter o bagaço que, depois, era colocado na prensa.

Do lagar fazia parte a prensa e dois depósitos, construídos em granito, que serviam para separar o azeite da água. A prensagem era feita por meio do esmagamento do bagaço que era introduzido dentro das ceiras. O peso da prensa era feito através de um tronco de castanheiro de grande dimensão, com um topo articulado numa parede. O outro extremo era

⁴¹ Na freguesia da Cumieira havia 4 Calvários: em Silhão, no Assento, no monte de Santa Bárbara pertencente ao povo de Bertelo e na Veiga.

vazado verticalmente por um fuso de sobreiro preso num peso⁽⁴²⁾ de granito. A pressão exercida sobre as ceiras era maior ou menor, consoante a rotação do fuso que, com o seu movimento de subida ou descida, fazia levantar o peso de granito.

k) A fonte do Cruzeiro

Esta fonte está localizada na rua Trás-da-Mina mas, por estar próxima do Largo do Cruzeiro, adquiriu o seu nome. Está construída em granito trabalhado. A parte cimeira termina em semi-círculo e da sua frente jorra água por duas bicas, em forma de flor, que cai num tanque simples. Ao meio apresenta a data de 1869. A água que fornece esta fonte vem de uma mina localizada na Bouça-Boa e (pelo menos) desde o século XV era pertença da igreja. O tombo da Igreja de Santa Eulália, de 1499, faz referência a “hum rego d’agoa que vem de fonte de Bouça Boa pera a dita igreja” (1499: 41). Em alguns locais ainda são visíveis troços deste rego, lavrado em cantaria. Com a construção da EN nº2, a água deixou de ter ponto para abastecer as casas da igreja sendo construída esta fonte para abastecimento público.

l) A fonte do Cancelo

Esta fonte está construída com granito artisticamente trabalhado. A sua parte frontal apresenta um tanque em cantaria trabalhada saindo, da sua parte traseira, três escadas de ambos os lados, terminado em dois pilares onde estão colocadas as bicas. Entre os dois pilares existe um espaço, com cerca de um metro entre elas, que pensamos que teria como finalidade colocar a imagem de uma santo. Foi construída em 1936.

m) A toponímia

Ao longo da sua existência, o nome da freguesia, Cumieira, teve várias alterações toponímias. Em 1139⁽⁴³⁾, ano da proclamação da criação do Reino de Portugal, aparece

⁴² O quintal.

⁴³ No ano de 1139, após a Batalha de Ourique de 26 de Julho, D. Afonso Henriques auto-proclama-se rei de Portugal, independente de Leão e Castela e, em 1 de Novembro, é coroado rei de Portugal, em Bragança.

registada com o nome Cumieira. Nas Inquirições de D. Afonso III, em 1258, surge a paróquia com o nome de “Sancte Eovaye d’ Andufy”. Nas Inquirições Gerais de D. Dinis, em 1320, “Sancte Eovaye de Cumieira”. Em 1372, “Comeyra”; em 1519, no foral dado por D. Manuel ao lugar da Veiga, aparece referido o nome de Cumieira; em 1520, “Comieyra Santa Ovaya”; em 1528, “S. Hovaia de Quomieira”; em 1551, novamente “Comieyra Santa Ovaya”.(Costa, 2000: 270). Nos tombos da Igreja de 1711 e 1758, surgem as designações Santa Eulalia da Cumieyra e Comieyra, respectivamente. A partir do início do século XX, surge novamente a designação Cumieira, mas, em finais do século, aparece uma nova designação: Cumeeira. Em 2003, através da Lei nº 57/2003 de 22 de Agosto, é reposta a designação Cumieira.

Há vários motivos apontados para as alterações toponímicas. Avelino Costa (2000), em «O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga», apontava:

“Como causas principais desta mudança de topónimos podem indicar-se as seguintes:

1. Transferência da igreja paroquial,
2. Substituição do nome primitivo por o de um lugar da mesma freguesia,
3. Substituição de nomes pejorativos,
4. União de freguesias.” (Costa, 2000: 454)

Pensamos que as diferentes designações toponímicas da freguesia da Cumieira não se enquadram em nenhuma das causas apontadas por Avelino Costa, mas que os diferentes registos se devem, essencialmente, ao facto de o povo escrever conforme a pronúncia do falar. As variantes Eovaye, Ovaya, Hovaia, Ovaya são formas populares de escrever Eulália. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz, a esse respeito, que “Santa Eulália produziu no português popular, anti-medieval, Eanta Ovaia, Santa Valha, Santa Vaia, Santalha (Santa Oalha), Santa Olaia”. Ainda nos dias de hoje, alguma gente idosa, menos letrada, ao referir-se a Santa Eulália, pronuncia Santa Olalia ou Santa Eulaia, daí estarmos convictos que se trata de variantes populares da mesma palavra (S/D: 181).

Em relação à palavra Cumieira, apontamos o mesmo factor dado que o registo fonológico produzido é praticamente o mesmo, daí as diferentes variações para a mesma palavra.

Em relação às designações toponímicas apontadas ressalta uma que não se enquadra nas anteriores: Sancte Eovaye d’Andufy. Aqui, após análise, pensamos que se refere apenas ao lugar do Assento, ou seja, Santa Eulália do Assento, já que era neste local que a igreja se encontrava instalada. Apontamos esta justificação por dois motivos: em primeiro, porque,

conforme já foi referido, o lugar designado de Assento era o local onde Deus estava instalado, o lugar onde Deus assentava a sua Igreja (podemos constatar que, em diversas aldeias, o local onde está a igreja se designa de Assento) e, em segundo, porque nas inquirições de 1258 aparecem referenciados outros locais da freguesia: Bertelo, Eiras e Veiga, só falta a alusão ao lugar principal, o Assento.

Várias designações toponímicas desta freguesia aparecem também documentadas a partir do século XII.

Os lugares mais significativos são: Amoreira, Atalho, Barroquedo, Barreiro, Bouça Boa, Bicheiro, Boavista, Canelha, Canto, Carreira, Calvário, Cerro, Corte, Costa, Cruzeiro, Cabo do Lugar, Carvalhas, Estação, Eira, Eiras, Estalagem, Eido, Eiró, Quinteiro, Trás-da-Mina, Ludões, Outeirinho, Pontão, Pombal, Silhão, Pia, Fundo do Lugar, Soenga, Valado, Vargela, Toco, Itairinhos.

Destes lugares existem alguns que têm um valor mais acentuado na toponímia da freguesia. É o caso de alguns que seguidamente vamos realçar. Os lugares da Estação e Estalagem estão directamente ligados às vias de comunicação existentes ao longo dos séculos. A Estação era o lugar onde parava a carruagem Real e, mais tarde, a carruagem do correio ou a mala posta e do caminho de ferro americano. A Estalagem era o lugar onde eram trocados e alimentados os animais que puxavam as carruagens e onde existia uma estalagem que servia de albergue ao transportador e aos passageiros.

O lugar do Barreiro foi, durante séculos, um local propício para a extração de barro. O barro utilizado pelos romanos e mouros nas construções e utensílios encontrados no lugar das Mourarias, e áreas circundantes onde o povo romano habitou, teria sido daqui extraído. Ainda num passado recente era aqui extraído o barro para a construção de fornos de lenha e para a feitura de utensílios para a casa (alguidares, lamparinas, etc.). Estes utensílios eram fabricados no lugar da Soenga⁽⁴⁴⁾, local onde existia um forno de cozer barro.

O nome atribuído ao lugar do Cruzeiro deriva da existência, no local, de um cruzeiro. Era um lugar de convívio (e ainda é) e de tomada de grandes decisões. Aqui se reuniam os anciãos⁽⁴⁵⁾ para discutirem assuntos da paróquia.

⁴⁴ Soenga é o nome dado ao forno de cozer barro.

⁴⁵ Pessoas de idade avançada, muito respeitadas pelo povo.

II Capítulo - Património oral I: Composições líricas

1. Cantigas: caracterização e motivos

As cantigas tradicionais, principalmente as cantadas nas zonas rurais de Trás-os-Montes, poderão ter, na sua essência, ainda algumas vestígios da poesia lírica trovadoresca.

Elas descrevem-nos um pouco das vivências de um povo, dos seus sentimentos, dos seus desejos, dos seus conhecimentos e até da própria emoção. A sua temática transporta-nos, muitas vezes, para determinados períodos do ano. Aparecem, geralmente, associadas ao ciclo agrícola que se desenvolve ao longo do ano e ao calendário litúrgico: “A canção portuguesa (...) é realmente a crónica viva e expressiva da vida do povo português – quer dizer: da vida rústica do povo português, visto que por canção popular portuguesa se deve entender, antes de tudo, a nossa canção rústica” (Graça, 1991: 21).

Em Portugal, e não só, este tipo de música (cantares) adopta variadas designações: música popular, folclórica, rústica, tradicional, etc. Sabemos que é uma designação polémica onde o consenso não impera, mas atrevemo-nos a fazer a sua distinção.

Dos vários termos usados, o mais generalizado é o de música popular, mas julgamos ser uma expressão demasiado abrangente. Em nosso entender, e no contexto actual, o termo cantiga popular transporta-nos para um autor identificado mas que, pelo seu ritmo, pela sua sonoridade, pela sua envolvimento, se reveste de popularidade e é cantada pelo povo ao longo de um determinado período de tempo. São as cantigas que poderemos designar de cantigas de massas.

Outro termo, também ele bastante utilizado, é o de música folclórica. Também, em nosso entender, esta designação parece demasiado abrangente por englobar, além do folclore rural, o folclore urbano. Segundo Vitorino de Almeida:

a música folclórica rural caracteriza-se (...) por não ter um autor preciso e conhecido. (...) que se transmitiram por tradição oral ou instrumental ao longo dos anos, séculos ou milénios. (1997: 130)

Anteriormente, Vitorino de Almeida tinha referido: “Deste modo a diferença entre folclore rural e folclore urbano é a de que as composições deste último sabe-se quem são os seus autores (Idem: 112).

Um terceiro termo, e hoje muito utilizado, é o de música tradicional. Esta designação, música tradicional, transporta-nos para uma origem muito remota que, em alguns

casos, tem raízes nas cantigas medievais e que, através dos séculos, foram transmitidas oralmente de geração em geração:

Não nos é hoje difícil reconhecer que as cantigas paralelísticas, como as de Marmeleite ou as recolhidas em Trás-os-Montes, têm a sua origem no tempo trovadoresco ou, pelo menos, adoptaram os modelos desse tempo, tendo, depois, sido testemunhadas por autores, por exemplo, do século XVI (um Gil Vicente), persistindo no século XIX, de acordo com as recolhas dos diferentes etnógrafos. (Correia, 2001: 2)

Rosa Torres adopta o termo tradicional em vez de popular: “As canções tradicionais são uma fonte informativa que reúne o cerne da individualidade de uma cultura e que faz a ligação entre o presente e o passado. Elas falam da natureza, do amor e da morte, das relações familiares e sociais” (1998: 22-23).

Esta discussão, acerca da expressão mais correcta para designar a música transmitida oralmente ao longo de gerações, ultrapassa o âmbito desta pesquisa pelo que nos centramos apenas no termo tradicional por ser o que melhor traduz o tema que pretendemos desenvolver.

Neste sentido, propomos que se divida a música tradicional em dois sub-temas que consideramos essenciais: cantares tradicionais e folclóricos e cantares de carácter religioso.

Para Vergílio Pereira, o povo sempre teve “dois tipos de música: a profana para os recreios e tarefas e a religiosa para as necessidades de culto e práticas espirituais...” (1950: 138-139)

Dentro do sub-género música folclórica englobamos todas as cantigas que desenvolvem um variado conjunto de temas cantados pelo povo que traduzem as suas vivências, os seus amores, as suas relações familiares e sociais, a sua actividade “ligada às tarefas agrícolas, representando acções de trabalho [...] Os poemas rústicos que corporizam este género musical são representativos das diversas acções de trabalho. Cada tarefa determina um poema adequado ao referido contexto, um ritmo, uma melodia, uma coreografia, etc” (Reis, 2008: 73).

Por seu lado, as cantigas de carácter religioso estão associadas, como já foi referido, ao calendário litúrgico. Dentro destas, as mais conhecidas, entre nós, são as que estão associadas à celebração do nascimento de Jesus Cristo.

O corpus de cantares tradicionais que conseguimos reunir na freguesia da Cumieira integra 116 cantigas (com os respectivos registos magnéticos), abrangendo um vasto conjunto de temáticas que seguidamente vamos desenvolver.

Leite Vasconcelos, na *Revista Lusitana*, referia que “o povo personifica a natureza a cada passo nas cantigas: invoca os astros, os rios, os montes e os valles; atribui às flores uma vida como a delle, identifica com ellas a pessoa amada, e conta-lhes os sofrimentos e segredos próprios” (1889: 143).

O recurso à personificação dos astros acontece em alguns dos cantares por nós recolhidos. Na cantiga 1⁽⁴⁶⁾, em anexo, a personificação da lua⁽⁴⁷⁾, “quatro caras tem a lua”,⁽⁴⁸⁾ serve como termo de comparação entre a falsidade exibida pela lua e o comportamento apresentado pela mulher. A lua, com as suas quatro fases, apresenta ao longo do mês quatro aparências diferentes, quatro facetas de personalidade e, ao compará-la com a mulher, associa-lhe, precisamente, os mesmos predicados, ou seja, a mesma falsidade, a mesma mentira. Ao perguntar “ó menina quantas pedras há na rua?”, leva-nos a imaginar uma mulher sem paradeiro certo, que leva uma vida indigna, vivida na rua, apresentando, por isso, um comportamento impróprio. Numa análise popular, a lua é considerada como sendo mentirosa porque, ao apresentar a forma de um C, na sua fase decrescente, e forma de D, na sua fase crescente, está a mentir nas suas iniciais que nos conduzem para um significado diferente. Esta apresentação mentirosa da lua leva-nos, novamente, a confirmar a postura menos própria desta mulher. No terceiro verso é reafirmado, pelo homem, este pensamento crítico ao considerar esta mulher falsa porque “eu só dou beijos a quem não me falseia”, ou seja, apenas beija quem tem um comportamento recto, honesto, digno.

A cantiga 2⁽⁴⁹⁾ apresenta, além da invocação da lua, a personificação de outro astro, o sol⁽⁵⁰⁾. O movimento destes dois astros, “a lua anda, o sol desanda” serve, ao contrário da cantiga anterior, de termo de comparação entre a falsidade, representada pelo seu movimento, e a fixação de um caminho recto, onde a lealdade é o adjectivo que melhor define a mulher. O movimento celeste é usado para fazer evidenciar a rectidão da postura da mulher, a sua

⁴⁶ Anexo 1: - Cantiga – “Pé na Areia”.

⁴⁷ O culto da lua remonta aos tempos do paleolítico. As suas fases simbolizam o ciclo da geração, o nascimento, o crescimento, a decadência e a morte.

⁴⁸ Quatro fases da lua.

⁴⁹ Anexo 2 – cantiga - “A lua anda”.

⁵⁰ O sol foi personificado e divinizado por quase todas as civilizações conhecidas. Os chineses têm mitos em que não há um, mas vários sóis que brincam pelo céu. Há quem defenda um paralelismo entre o sol e Deus, Jesus Cristo, os quais teriam percursos semelhantes.

afirmação de fidelidade perante o seu amado.

Na cantiga 3 ⁽⁵¹⁾ ocorre, mais uma vez, a alusão aos astros, embora não sendo usada a personificação. A lua surge novamente mas, desta vez, com um elemento novo, as estrelas.

Nas anteriores cantigas, os astros surgem como termos de comparação entre eles e a mulher, sendo usados para fazer salientar a sua falsidade ou a sua lealdade. Nesta, o uso dos astros tem um significado diferente, eles surgem como forma de salientar o brilho que a mulher irradia aos olhos do amado. As estrelas “estão no céu a brilhar” é precisamente este simbolismo que é usado, pelo homem, para enaltecer o esplendor da sua amada e, através dele, demonstrar a grandiosidade da sua paixão. A beleza das estrelas, numa noite brilhante, e o mistério que elas envolvem no infinito é a imagem que a mulher reflecte aos olhos do seu amado.

A personificação dos animais é um outro recurso utilizado nas canções tradicionais. Na cantiga 4 ⁽⁵²⁾, aparece-nos o rouxinol⁽⁵³⁾, símbolo do amor e dos sentimentos, como confidente da mulher. A beleza do seu cantar, representado no repenicar do canto, revela sedução e enamoramento e é uma forma de atracção pelo sexo oposto. O rouxinol canta para atrair a fêmea para acasalamento e o seu canto transmite uma mensagem de amor. Nesta canção, a mensagem é enviada através das confidências levadas à porta do seu namorado, onde apela à união do seu amor, ao desejo de ter o seu amor junto a si. A personificação do rouxinol, como confidente portador de sentimentos, traduz o estado de espírito da mulher.

A perdiz e o perdigão ⁽⁵⁴⁾ são mais duas aves que se apresentam personificadas nas cantigas. Embora separados no espaço, “a perdiz anda no monte, o perdigão no balado⁽⁵⁵⁾”, surge uma promessa de amor por parte da mulher, a perdiz, para com o seu amado, o perdigão, “hás-de ser meu namorado”. A separação no espaço revela-nos as dificuldades que este amor está a encontrar para se poder materializar.

As plantas também aparecem personificadas nos cantares recolhidos. O

⁵¹ Anexo 3 – cantiga - “Vai alta a lua”.

⁵² Anexo 4 – cantiga - “Pus o pé no batatal”.

⁵³ O rouxinol é uma ave que se salienta pela beleza do cantar, principalmente durante a primavera, como forma de atrair as fêmeas. Ele canta essencialmente em noites de luar, período durante o qual as fêmeas fazem as suas viagens.

⁵⁴ Anexo 5 – cantiga - “A perdiz anda no monte”.

⁵⁵ Valado.

manjerição⁽⁵⁶⁾, planta aromática, símbolo de erotismo, apresenta-se como um amigo confidente a quem o homem recorre a solicitar ajuda. Perante a frieza da sua amada, apela ao manjerição para que o seu amor se faça ouvir, para que o seu grito “atravesse o peito à Mariana”⁽⁵⁷⁾.

As cantigas tradicionais são, em geral, constituídas por melodias simples, sem grandes recursos ornamentais, e abrangem variados temas como o amor, a saudade, o sofrimento, o trabalho, a sátira, a exultação, etc.

As cantigas de amor medievais, cantadas pelo homem, dirigiam-se à mulher da nobreza, geralmente casada. Esse amor, retratado nas cantigas, era impossível de realizar pois a mulher a quem era dirigida era comprometida e ocupava uma posição social superior. A cantiga 6⁽⁵⁸⁾ é um exemplo das raízes medievais que ela transporta até aos dias de hoje. Ela traduz o sofrimento de um homem que não é correspondido pela sua amada que, numa posição social superior, “c’roa”,⁽⁵⁹⁾ não lho permite. Pela sua frieza, Mariana, possivelmente, nem sabe dos sentimentos amorosos do enamorado. Nas cantigas de amor medievais o nome da amada nunca era revelado; nesta, o trovador, numa atitude de desespero chama-lhe “maldita” e revela o seu nome.

Os enganos ou desenganos são momentos que fazem parte da vida amorosa. Na cantiga 21⁽⁶⁰⁾, um jovem confessa que “dubaixo da laranjeira (...) ainganei o meu amor”. Enganar significava a perda de virgindade da mulher, acto reprovável numa sociedade onde a mulher se devia manter virgem até ao casamento. Esta confissão nos dias de hoje e em certas comunidades é tolerada; porém, há décadas atrás, num ambiente rural e fechado, o conhecimento desta confissão obrigava os intervenientes ao casamento. Era uma forma de salvar a honra da família da mulher lesada. A recusa do homem a este casamento era,

⁵⁶ Não é por acaso que provençais e italianos chamam ao manjerição "erva rainha". Já assim o tratavam gregos e hindus. Originário da Índia, o manjerição foi largamente cultivado por gregos e egípcios e é ainda, nos nossos dias, ali, objecto de culto, acreditando-se que "protege o corpo para a vida e para a morte". Fez parte do imaginário popular de gregos e romanos que o consideravam símbolo do erotismo e do funerário. (Modesto 2005; 42).

⁵⁷ Anexo 6 – cantiga - “Manjerição da janela”.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ “C’roa” = coroa. A coroa, moeda cunhada em ouro, surgiu no tempo de D. Maria II, em 1835, e era a mais valiosa do sistema monetário português. Tinha o valor de 5000 mil reis. Para se poder fazer um cálculo do seu valor, a moeda corrente era o vintém, o equivalente a 20 reis.

⁶⁰ Anexo 21 – cantiga – “Eu venho d’ali, d’além”.

praticamente, uma sentença de obrigatoriedade da mulher ficar solteira, pois dificilmente algum homem da aldeia ou conhecedor do caso aceitava o seu dote.

O desejo e a ansiedade de ter o amor junto a si levam, em certas ocasiões, ao sofrimento. Este amor pode ser recíproco mas, por vezes, deparam-se certos obstáculos que dificultam esse relacionamento. A cantiga 24⁽⁶¹⁾ fala-nos do sofrimento de um jovem para conseguir o amor da sua amada, e a promessa de alcançar esse amor para “consolar meu coração”. A cantiga começa com uma expressão extremamente curiosa: “A cor morena é a cor do lírio”. A referência à cor morena leva-nos a pensar na existência de uma mulher que trabalha no campo, queimada pelo sol (embora a mulher portuguesa seja de pele escura). Acreditamos que a realidade seja mesmo essa, pois o lírio roxo tem o significado de sofrimento; o sofrimento de Maria com a morte de Jesus, o sofrimento dos negros com a escravidão. Neste contexto, a cor morena é de “martírio” e traduz a paixão que o homem sente pela jovem. Lutando contra as adversidades, e sendo os dois da mesma “opinião”, com a mesma vontade de se amarem, o homem reafirma o amor que tem pela moreninha porque só assim pode consolar o seu coração.

A saudade é uma das palavras mais evocadas nas cantigas portuguesas. A saudade provocada pela ausência, morte, separação, pelo sentimento de perda, onde a alma chora tristeza, são temas retratados nas cantigas.

A cantiga 7⁽⁶²⁾ trata precisamente o tema da saudade. A saudade provocada pela ausência do amado que foi “para longe trabalhar”. A nostalgia que lhe causa a falta dos “carinhos de outrora” que “sempre me hão-de lembrar”. A saudade é lembrar, é recordar algo que lhe provoca dor, sofrimento mas, ao mesmo tempo, recordações de alegria.

Esta cantiga tem muitas semelhanças com as cantigas de amigo medievais. O trovador canta a ausência do amigo, amado ou namorado, que está afastado, não em expedições ou guerras, mas “para longe trabalhar”. Ela desabafa, possivelmente com uma amiga, e tem esperança no seu regresso, “ele virá”, cansado, “já trespasado de luz” mas voltará “com mil saudades d’amor”.

O sentimento provocado pela proximidade de uma partida é motivo de preocupação e, ao mesmo tempo, de ansiedade para quem parte e para quem fica. Um jovem, que em breve

⁶¹ Anexo 24 – cantiga - “Cor morena”.

⁶² Anexo 7 – cantiga - “O meu amor foi-se embora”.

vai partir para a vida militar, “p’ro Regimento” ⁽⁶³⁾, perante o choro da sua amada, tenta atenuar o sofrimento que esta separação lhe vai provocar. A forma de resolver a situação é fazendo-lhe promessas de amor. Transmite-lhe o sentimento que nutre por ela, “não me saís do pensamento”, declara-lhe a vontade de a pedir em casamento, “vou pedir a tua mão”, e promete-lhe casamento, “hás-de ser minha mulher”. O poema tem um crescendo de declarações amorosas do jovem que, de alguma forma, aliviam o sofrimento da sua amada e, por outro, dão-lhe uma garantia de manutenção do seu amor.

A cantiga 10 ⁽⁶⁴⁾ retoma o tema da separação provocada pela ausência do amado que partiu para cumprir o serviço militar. Novamente o afastamento, a distância entre dois seres que se amam, a provocar um sentimento de nostalgia. Um suspiro mais profundo, “ai”, provocado pela recordação do seu amado, “em certas ocasiões”, alivia a saudade, principalmente quando se sonha que esse suspiro vai ao encontro do seu amor.

Ao falar na morte, falamos inevitavelmente na saudade que sentimos de alguém que partiu. Ela é a pior das separações, apenas deixa lembranças, recordações de alguém que nunca voltará. Ela é um dos factores que mais nos traz o sentimento de saudade. A cantiga 8⁽⁶⁵⁾ tem como temática, precisamente, a saudade provocada pela morte “meu peito sentiu saudades por ela”. A ausência, causada pela morte da pessoa amada, produz uma sensação de abandono, solidão, principalmente quando se trata de uma criança que perde a mãe, “ela fugiu e deixou-me só”.

A dor provocada pela separação cria um sentimento de tristeza, não só pela ausência do ente querido mas, também, pelo afecto que nutrimos por essa pessoa. A cantiga 9 ⁽⁶⁶⁾ retrata a partida de uma criança para o Alentejo, Redondo, e expressa a dor que causou nos familiares essa separação, principalmente por ser uma “menina e não é mulher”. Embora seja por um período curto, um mês, a afeição que existe entre estes dois seres é tão grande que é difícil suportar a dor, a saudade.

Outros temas foram cantados e bailados pelas gentes desta freguesia. Determinadas cantigas estão relacionadas com tarefas agrícolas, caso das vindimas, da apanha da azeitona,

⁶³ Anexo 11 – cantiga - “Ó Laurinda”.

⁶⁴ Anexo 10 – cantiga - “O ai, menino, o ai”.

⁶⁵ Anexo 8 – cantiga - “Pequena d’aldeia”.

⁶⁶ Anexo 9 – cantiga - “Lindas são as criancinhas”.

da cava, ou com determinados festejos que se realizam ao longo do ano, por exemplo o Carnaval ou São João, com determinadas profissões ou ainda outras que, sem estarem associadas directamente a uma actividade, eram cantadas e bailadas, aproveitando as pausas do trabalho.

As vindimas no Douro foram motivo de muitas cantigas e uma tarefa que proporcionava momentos únicos para o seu canto. Cantavam-se canções alusivas a esta actividade mas a sua maioria eram de temáticas variadas.

A grande quantidade de vinhas inseridas na Região do Douro implicava a necessidade de recorrer a mão-de-obra de fora para realização deste trabalho. Vinha gente de várias localidades, desde habitantes de terras limítrofes a grupos oriundos da Galiza. Grupos de homens e mulheres caminhavam, nesta altura, em direcção ao Douro numa autêntica romaria. Durante a sua deslocação, estes grupos entoavam cantares, principalmente quando passavam por localidades alheias, como forma de marcarem a sua presença. Iniciava-se aqui o ciclo de cantares, de cerca de dois meses, que só tinha o seu término com a viagem de regresso. A junção destes grupos provocava um grande intercâmbio de culturas e uma grande difusão das mesmas:

a tradição literária e folclórica do nordeste peninsular, irradiada de Santiago voltou a ser impulsionada e vivificada (e, claro, também, às vezes adulterada) pelas rogas que, no século XVIII, migram das regiões circundantes da Região Demarcada do Douro, a que cedo se juntaram as provenientes da Galiza; e a literatura “de amigo” galego-português regressou como Fénix renascida das próprias cinzas, que reacenderam o mais lídimo folclóre do nosso Alto Douro. (Cardoso, 2009: 1331)

Durante os trabalhos, logo pelo amanhecer, ainda com a aurora a romper no horizonte, as rogas encaminhavam-se para as vinhas cantando alegremente.⁽⁶⁷⁾ As cortadeiras,⁽⁶⁸⁾ ao som do “tac, tac” das tesouras que cortavam os cachos, entoavam lindos cantares, não só relacionadas com as vindimas mas todo o tipo de temas, como forma de distracção e como meio de marcar o ritmo do trabalho. Os próprios patrões e os caseiros incentivavam as cortadeiras a cantar,⁽⁶⁹⁾ ou a falar, para assim se certificarem que estas não comiam as uvas.

⁶⁷ Anexo 14 – cantiga - “À margem do Douro”.

⁶⁸ Grupo de mulheres e crianças que cortavam as uvas.

⁶⁹ Anexo 15 – cantiga - “Debaixo desta ramada”.

Eram trabalhos difíceis, mas a alegria e a boa disposição eram a tônica desta labuta.

Durante o transporte dos cestos para o lagar, homens e mulheres cantavam e, ao cruzarem com outros grupos, elevavam a voz e soltavam grandes urros como forma de desafio: ⁽⁷⁰⁾ “As vindimas, talvez porque o vinho alegra o coração do homem, são dos trabalhos mais animados, sobretudo no Douro, onde o precioso néctar tem um feitiço irresistível, inspirador de canções (Ferreira, 1999: 190).

À noite, durante a pisa no lagar, os homens, de calças arregaçadas, perfilados e abraçados, num movimento ritmado e constante, iam lentamente esmagando as uvas com os pés ao longo de quatro horas. Nesta tarefa, os cânticos eram a melhor forma de atenuar o cansaço, manter o ritmo do trabalho e dar alegria ao momento. O acordeão e a gaita-de-beiços eram dois instrumentos musicais imprescindíveis nestas ocasiões.

E como “até ao lavar dos cestos é vindima”⁽⁷¹⁾, enquanto os homens preparavam os vinhos nos lagares, as mulheres lavavam os cestos e todo o material que esteve envolvido nas vindimas e que já não seria necessário. Este era um momento muito desejado, pelas mulheres, para mostrarem os seus dotes de cantadeiras.

A partida das rogas de regresso às terras de origem proporcionava cantares e danças de despedida. Era o adeus até ao próximo ano. ⁽⁷²⁾

As cantigas dedicadas ao vinho também faziam parte do repertório do homem da Cumieira. A cantiga “O vinho adorado” traduz o apreço, a paixão e a necessidade que o homem sente pelo vinho. Ele é “adorado”, ele é “bendito”, é ele que apaga as tristezas. Muitas vezes as adversidades da vida, a dureza do trabalho, levam o homem a exagerar no seu consumo. A necessidade de esquecer essas tristezas leva-o a não conseguir resistir a um “copito”, tinto ou branco, “não lhe escolho a cor”, e bebe até ficar um anjinho.

Os tempos passados, nomeadamente nas aldeias rurais do interior do país, eram extremamente difíceis, principalmente para a gente mais humilde que trabalhava nas terras “de sol a sol”. Os grandes senhorios obrigavam os jornaleiros a iniciarem o trabalho ao nascer do sol e a “arrearem,”⁽⁷³⁾ apenas, ao sol pôr. Pouco tempo lhes restava para momentos de lazer. O único tempo livre, e religiosamente guardado, era o Domingo, após o toque para a

⁷⁰ Anexo16 – cantiga - “Fui ao Douro às vindimas”.

⁷¹ Ditado popular.

⁷² Anexo 18 – cantiga - “Adeus Pêso da Régua”.

⁷³ Dar por acabada a jorna.

Santa Missa porque até essa hora executavam-se trabalhos para a casa. Era gente de muita fé e devoção. As festividades em honra de Santos, da sua aldeia ou aldeias vizinhas, eram motivo para grandes romarias. Faziam as suas orações⁽⁷⁴⁾, pagavam as suas promessas, após o qual, aproveitavam para folgar um pouco do trabalho diário, cantando e bailando.

Nestes dias, a liberdade concedida pelos pais, às filhas solteiras, era aproveitada para encontros amorosos. A cantiga 22⁽⁷⁵⁾ salienta o desejo, a alegria, a satisfação que uma jovem sente ao passear com o seu amor, “é regalo andar com o seu amor ao passeio”.

As festividades foram, ao longo dos séculos, aproveitadas pelo povo para momentos de divertimento. O Carnaval era um dos momentos mais apreciados pela sua liberdade, folgança,⁽⁷⁶⁾ alegria e diversão:

Do mesmo tipo de festividades e cerimónias em que se incluíam as «kronias» dos gregos ou possível descendente das «saturnalias» dos romanos, o Carnaval com todas as suas cerimónias – brincadeiras, máscaras, etc. – (...) a Igreja transformou dando-lhes o significado da liberdade e folgança. (Ribas, 1982: 67)

A composição 25⁽⁷⁷⁾ apresenta-nos um cantar que complementava um jogo bailado, o “rouba e rouba”. O baile realizava-se entre um grupo de jovens, onde a quantidade de homens era superior em uma unidade ao das mulheres. A iniciar-se a dança, todos cantavam e dançavam, mas ao sinal do tocador, previamente combinado, os homens tinham de procurar, rapidamente, uma mulher para formar par. O homem que ficasse sem parilha era excluído e dava lugar a outro “pirantum” que aguardava vez para entrar na roda.

Durante os festejos desta quadra, as críticas pessoais eram muito frequentes. Embora toleradas durante este período, “no Carnaval ninguém leva a mal”, muitas delas eram bastante agressivas e algumas mesmo insultuosas.

As críticas podiam ser sociais, dirigidas a um grupo, ou individualizadas. A cantiga “Canção dos nomes” é uma crítica geral destinada a todas as mulheres. Os seus versos enumeram dezasseis nomes de mulheres, atribuindo adjectivos pejurativos como vaidosas, moncosas, desgovernadas, etc., mas “Estas que eu falei, são pois as melhores, as que eu faltei

⁷⁴ Anexo 33 – cantiga – “Minha S. Bárbara”.

⁷⁵ Anexo 22 – cantiga – “Aqui, aqui”.

⁷⁶ Brincadeira ruidosa.

⁷⁷ Anexo 25 – cantiga - “Pirantum”.

ainda são piores”. Estas últimas, por andarem bem pintadas e terem uma vida desafogada, julgam-se alguém mas trazem os maridos muito mal vestidos que nem casaco têm.⁽⁷⁸⁾

A cantiga 26⁽⁷⁹⁾ é uma crítica social dirigida aos homens onde estes são insultados e apelidados de burros ou bois. Outra crítica social⁽⁸⁰⁾ é endereçada às mulheres de Arnadelo⁽⁸¹⁾ que procuram as esquinas das casas para, escondidas, poderem falar ao seu amado.

As sogras também não escapavam à crítica durante estes festejos. Na cantiga “A língua da minha sogra”⁽⁸²⁾, as sogras são apelidadas de linguarudas, por terem uma língua comprida “um metro e quarenta”. A solução é “mandá-la guisar com malagueta e pimenta”, duas especiarias que provocam grandes arduras quando em contacto com a língua. Como diz o povo, “as sogras metem o guedelho onde não são chamadas” e mandar-lhe “guisar” a língua era a forma ideal, encontrada pelos homens, para as manterem caladas.

As críticas individualizadas eram, por vezes, extremamente severas. A revelação do nome da pessoa criticada tornava dolorosa a sua apresentação em público. Aproveitavam este período carnavalesco para revelarem momentos da vida privada, como acontece na cantiga “Ó Micas”, onde uma mulher terá sido enganada pelo seu amado. Como já foi dito em relação à cantiga 29⁽⁸³⁾, a perda da virgindade por parte da mulher era um acto altamente reprovável pela sociedade e acarretava que, grande parte das vezes, a mulher dificilmente voltaria a encontrar um homem que estivesse disposto a aceitá-la.

Os festejos dos Santos Populares revelavam-se um período muito aproveitado para momentos de lazer e grande diversão. Na freguesia da Cumieira, realizavam-se as festividades do São João e do São Pedro. O dia de Santo António era aproveitado para uma romaria à cidade de Vila Real onde havia celebrações em sua honra.

O povo, em vésperas do S. João ou do S. Pedro, concentrava-se no recinto central da aldeia onde, em redor de grandes fogueiras, ao som do acordeão e da gaita-de-beiços,

⁷⁸ O uso do casaco era sinónimo de respeito.

⁷⁹ Anexo 26 – cantiga – “Carnaval”.

⁸⁰ Anexo 27 – cantiga - “As esquinas de Arnadelo”.

⁸¹ Localidade que dista 1 Km da Cumieira.

⁸² Anexo 28.

⁸³ Anexo 29 – cantiga – “Ó Micas”

cantavam e dançava alegremente.⁽⁸⁴⁾

No próprio dia da veneração ao Santo, o rancho, muitas vezes ensaiado para a ocasião, desfilava, com grande brio e vaidade, entoando as marchas da Cumieira.⁽⁸⁵⁾

Durante o período natalício, outros cantares entoavam nas ruas da freguesia. Grupos de jovens cantavam quadras alusivas ao Natal:

As «janeiras» ou os «reis» - que possivelmente outrora também eram acompanhados de danças e hoje são apenas manifestações vocais – poderão ser reminiscências de primitivas cerimónias da entrada do novo ano, prenúncio do advento da primavera, transformadas pela Igreja que lhes deu o significado da chegada a Belém dos reis vindos do Oriente para adorar o Messias, o Rei dos Reis. (Ribas, 1982: 66-67)

Estes cantares, na freguesia da Cumieira, estavam divididos em três momentos distintos. No período que medeia entre os dias 25 e 31 de Dezembro cantavam-se as Boas Festas, cânticos a anunciar o nascimento de Jesus Cristo. Nos primeiros dias do novo ano, cantavam-se as Janeiras e nas noites dos dias 5 e 6⁽⁸⁶⁾ de Janeiro cantavam-se os Reis. Não era tradição, contrariamente à maioria das terras, cantarem-se as Janeiras ao longo de todo o mês.

São estes pormenores que, por diferirem de local para local, nos fazem acreditar nos diferentes passados históricos, apesar de inseridos num um espaço geográfico contíguo:

Após as romarias, em que o povo se diverte e descontraí, volta o trabalho que é duro e penoso.

Para amenizar essa dureza, não há nada como cantar: quem canta seus males espanta.

Por isso, não faltam no repertório do povo canções para esse fim, e em maior abundância do que para os dias festivos, já que são mais os dias de labor do que os de lazer.

O outrora, sobretudo no meio rural, o trabalho era feito a cantar. O eco dos sachadores e ceifeiras elevava-se nos ares, enchia os vales e as encostas, fazendo do campo um vasto auditório musical. (Ferreira, 1999: 119)

Durante os trabalhos da cava das vinhas e dos olivais, os homens usavam cantigas

⁸⁴ Anexo 36 – cantiga - “Cantar de S. João”.

⁸⁵ Anexo 45 – cantiga - “Minha terra”.

⁸⁶ “o dia 6 de Janeiro já era festejado pelas sociedades que precederam a era cristá, festas ligadas aos ancestrais cultos naturalistas que, a partir do século IV, têm vindo a ser objecto de encariçada luta por parte da Igreja Católica, contra os cultos pagãos” (Reis, 2008: 227).

apropriadas para pedir o vinho ao patrão. O senhorio, atento ao desenrolar do trabalho, cedia ao apelo. Eram uns minutos de boa disposição e uma forma de aliviar as costas da posição incómoda em que eram obrigados a andar ao longo do dia. Um dos homens cantava, enquanto os restantes faziam o câro, soltando “vivas” ao patrão.⁽⁸⁷⁾ Por vezes, o apelo era, também, feito à patroa, talvez por ser mais sensível e mais piedosa:

Além de um determinado número de danças recreativas que, outrora mais do que hoje, acompanhavam determinadas tarefas agrícolas – vindimas, apanha da azeitona – (...) encontramos ainda hoje no povo português algumas danças de carácter laboral ou de trabalho. (Ribas, 1982: 67)

Outros trabalhos agrícolas, como as desfolhadas⁽⁸⁸⁾ ou o fiar do linho, eram pretexto suficiente para puxar da concertina e dar ritmo e alegria aos movimentos. Cantava-se⁽⁸⁹⁾ enquanto se executava o trabalho. No final, realizava-se o desejado baile, ansiosamente aguardado pelos jovens solteiros, ao som de cantares e da concertina. Eram serões animados onde as cantigas e a dança eram sinónimos de alegria.

Outros cantares eram entoados pelas gentes da Cumieira ao longo do ano. Qualquer pretexto servia para cantar e dançar e a juventude não perdia a oportunidade de um bailarico. Muitas cantigas se fizeram ouvir ao longo dos tempos, e muitas foram passadas de boca em boca até chegarem aos nossos dias.

Os cantares de roda, muito característicos na freguesia, eram usados em bailaricos onde, como o próprio nome indica, as danças eram feitas à roda. A sua origem já se perde no tempo e são, possivelmente, a mais antiga forma de dança colectiva. Elas estão associadas a diferentes momentos e o seu uso reflecte a necessidade de o homem conviver com os membros da sua comunidade. Elas eram dançadas:

ao Domingo, no largo da povoação; em dias de festa, no recinto da ermida; no fim dos trabalhos, na eira ou nos terreiros. Ao som da concertina, do bombo e dos ferrinhos, ou de uma simples gaita de boca, rapazes e raparigas, alternados, ora de mãos dadas ora abraçados,” cantavam e dançavam. (Ferreira, 1999: 119)

⁸⁷ Anexo 20 – cantiga - “Cantares da cava”.

⁸⁸ Tirar as folhas que envolvem a maçaroca do milho.

⁸⁹ Anexo 47 – cantiga - “Dobadeira”.

Muitos destes cantares tinham dedicatória, eram dirigidos geralmente à mulher, e o seu nome aparecia referenciado na cantiga. Era uma forma de o homem declarar o seu amor.
(90)

Outras havia que serviam para contar a história de determinada personagem. A cantiga “António vadio”⁽⁹¹⁾ retrata a história de um vadio que, ao passar a ponte, cai e morre afogado. Uma história que, apesar de muito simples, faz meditar sobre a infelicidade de um ser abandonado pela sociedade e entregue aos mais simples instintos de sobrevivência.

Outra manifestação de literatura tradicional eram os hinos ou marchas de louvor à terra natal.

Estes cantares ⁽⁹²⁾ serviam (e servem) para exultar as tradições, as virtudes e os costumes de um povo e, através deles, ser afirmada a própria identidade. Estão, normalmente, associados a grupos de pessoas que defendem interesses comuns e têm como finalidade aumentar a união entre os seus habitantes. O hino descreve-nos o sentimento, a alma do seu povo perante a sua identificação com a terra. São vários os textos recolhidos nesta freguesia e todos eles caracterizam as suas vivências, os seus sentimentos, o seu amor à terra e a forma de união em volta do seu ideal. No seu conteúdo, eles descrevem-nos a beleza da terra, “airosa, encantadora, com tanta beleza, um capricho da natureza, um jardim em flor”, a personalidade do seu povo, “alegre, radiante, galante, gente educada e bondosa”, e a sua relação com o trabalho, “terra de trabalho, gente obreira, a mocidade trabalha”.

Estes cantares eram, geralmente, dançados por um grupo organizado. Os seus ensaios decorriam ao longo do ano de forma a serem apresentados durante as festividades da sua terra ou de terras vizinhas.

Na freguesia da Cumieira são várias as recolhas deste género musical, talvez, fruto da remota existência de um rancho folclórico, de uma tuna e de uma banda musical. Sabemos, efectivamente, que a sua origem já remonta ao início do século XIX.

Outras cantigas se faziam ouvir nos lares da freguesia da Cumieira. As cantigas de embalar,⁽⁹³⁾ infelizmente apenas conseguimos recuperar uma, eram a forma à qual a mãe

⁹⁰ Anexo 64 – cantiga - “Menina Aurora”.

⁹¹ Anexo 70 – cantiga - “António Vadio”.

⁹² Anexo 40 – cantiga - “Cumieira Transmontana”.

⁹³ Anexo 58 – cantiga - “O meu menino é d’ouro”.

recorria para adormecer o seu filho. Eram melodias doces, suaves ao ouvido, cantadas num ritmo lento, que convidavam a criança a adormecer.

2. Influências

A localização geográfica da freguesia da Cumieira contribuiu, decisivamente, para a abertura a influências de vivências de outros povos. Em primeiro lugar porque o povo Romano, desde os tempos remotos em que habitou o interior do território, deixou a Cumieira servida de uma via principal que ligava *Lamaecus* (Lamego) a *Aquae Flaviae* (Chaves), via que, ao longo dos séculos, foi usada como prioritária.

Esta via era um dos eixos de passagem obrigatória nas romagens a Santiago de Compostela, nesta altura considerada o centro da cultura medieval, onde:

eram expostas ao público, as criações dos trovadores, jograis e segréis: as cantigas de amigo, amor e escárnio. (Cardoso, 2009: 1329).

As cantigas do Alto Douro chegaram a Santiago de Compostela nos tempos do galego-português e de D. Afonso Henriques. (Idem: 1328)

Mais tarde, designada de estrada real e com uma utilização intensiva pela mala-posta, com uma estação nesta freguesia, foi um itinerário estratégico nas comunicações entre Vila Real – Régua – Lamego. Em finais do Século XVIII, a Junta de Intendência de Estradas e Caminhos do Douro, “sob a direcção do engenheiro francês de pontes e calçadas José Auffdiener” considerou esta via essencial e procedeu “à construção/beneficiação de outras estradas no Alto Douro, nomeadamente Régua-Santa Marta-Cumieira-Vila Real” (Sousa, 2008: 23-24).

No início do século XIX, o «Roteiro Terrestre de Portugal» considerava esta estrada uma via preponderante no mapa de estradas português, pois “a ligação entre Lisboa e Vila Real era feita segundo a passagem nos seguintes locais: “Lamego ao Pêso da Régua, a Santa Martha, à Comieira a Villa Real” (C, 1814: 165).

No último quartel do século XIX, dada a importância atribuída a esta via, foi instalado o “caminho de ferro americano desde a Régua a Vila Real, pertencente à Companhia Transmontana, fundada em 1874, sendo uma das estações aqui nesta freguesia, no lugar da Estação. O seu motor eram mulas para os passageiros e bois para as mercadorias” (Fonseca, 1936: 1005).



Ilustração 6 - Ligação entre Vila Real e o Peso da Régua com passagem pela Cumieira⁽⁹⁴⁾

Este caminho passou a ter pouca utilização após a construção da Estrada Nacional nº2 que, também, atravessa a freguesia, mas que continua a ser a grande ligação entre a sede e o sul do distrito.

Estas vias possibilitaram a passagem de grandes fluxos populacionais, originando, por isso, contactos estreitos com outros povos.

Em segundo lugar, o facto de esta freguesia possuir uma grande vastidão de vinhas inseridas na Região Demarcada do Douro fez com que, durante as vindimas, recebesse rogas vindas de outras regiões para ajudar nos trabalhos. Desde as gentes da serra até aos vizinhos da Galiza, eram várias as pessoas que, neste período, acorriam ao Douro como forma de assegurarem trabalho durante dois meses do ano, numa altura em que os afazeres agrícolas nas suas terras eram escassos. Este intercâmbio cultural fez com que, através das rogas, os cantares, as tradições e os costumes, de cada povo, se transferissem do e para o Douro, como se de uma troca comercial se tratasse. Muita dessa gente que fazia parte dessas rogas acabou por ficar e constituir família na freguesia da Cumieira. São vários os casos conhecidos, destacando-se um que, pelos seus conhecimentos musicais, fundou a Banda Musical da

⁹⁴ Fotografia tirada na “Exposição Evocativa do Bicentenário da Guerra Peninsular” e constante do livro alusivo à exposição “Operações Militares no Norte de Portugal Durante As Invasões Francesas”, imagem 30 (Castro, 2009: 25).

Cumieira em 1830, ainda hoje em actividade, contribuindo, com os seus conhecimentos, para o enriquecimento cultural da terra.

Por outro lado, a Cumieira teve, ao longo de séculos, sempre grandes produtores de vinho de embarque ⁽⁹⁵⁾ e muitos intelectuais (políticos, militares, juizes, professores, padres) que, pelas suas funções, eram sujeitos a sucessivas viagens. Os produtores de vinho eram obrigados a viajar regularmente até ao Porto para poderem escoar o seu produto, enquanto os restantes, para além da cidade do Porto, também viajavam frequentemente para Coimbra e Lisboa.

Outro grande factor, que contribui significativamente para o encontro com outros modos de vida, foi a emigração. Ela traduziu-se para vários países, nomeadamente para o Brasil, Alemanha, França, Bélgica, entre outros com menos relevância. O Brasil foi o destino que mais gente desta freguesia recebeu desde finais do século XIX até meados do século XX, num total de 618, como anteriormente referido. Por seu lado, os países europeus receberam grande número de imigrantes, oriundos desta freguesia, após o fim da II Guerra Mundial. A emigração para a Bélgica e Luxemburgo reflectiu-se mais após a Revolução de Abril de 1974. Muitos destes emigrantes regressaram e, talvez por esta razão, várias das composições por nós recolhidas apresentam sinais de influências externas, principalmente oriundas do Brasil. ⁽⁹⁶⁾

Este conjunto de factores contribuiu para que a Cumieira possuisse um vasto repertório musical. Os cantares que conseguiram sobreviver até aos dias de hoje, uns originários da freguesia, outros vindos de outras terras e que foram assimilados e modificados ao longo do tempo, são parte integrante e extremamente importante da literatura tradicional das gentes Cumieirenses. Este conjunto de cantares que conseguimos reunir traduz, em parte, as vivências do povo da freguesia: - o seu modo de vida, as suas relações no trabalho, os seus amores, os seus sentimentos, a sua alegria.

Lopes-Graça dizia:

a canção portuguesa faz parte do património cultural da nação portuguesa. Mais do que qualquer outra manifestação do nosso temperamento, da nossa cultura ou das nossas capacidades criadoras, ela nos define e integra na nossa realidade psicológica e social. Amá-la, é conhecemo-nos no que em nós existe de mais fundo e enraizado no solo natal.
(1991: 51)

⁹⁵ Vinho do Porto para exportação.

⁹⁶ Anexo 74 – cantiga - “Papagaio olha a rola”.

Outrora, praticamente todos os trabalhos, desde o mais leve ao mais pesado, se realizavam acompanhados de cantares. Ao som das cantigas, o trabalho era executado num movimento ritmado, servindo a melodia para suavizar o cansaço do esforçado dia de trabalho.

Desde o berço se aprendia a cantar, quando ainda crianças de colo ouviam as lindas melodias de embalar que suas mães entoavam. Também na idade escolar aprendiam a cantar o Hino Nacional e, num soletrar ritmado, a cantar a tabuada, como forma de uma melhor memorização. De igual modo, grande parte das brincadeiras de recreio era feita ao som de cantilenas.

Ainda numa idade muito tenra, as crianças entravam no ritmo do trabalho. Ajudavam na lide dos terrenos da família, que era uma tarefa da responsabilidade das mães (na sacha, na vinha, nos olivais), já que os pais andavam a “ganhar os dias”⁽⁹⁷⁾ nas quintas dos grandes proprietários. Estas crianças executavam o trabalho ao ritmo das melodias das mães e, desta forma, iam interiorizando os tradicionais cantares.

No período da adolescência, quando os jovens entravam no mercado do trabalho, continuavam a ouvir os mais velhos cantar melodias. Cantava-se na vinha, no olival, na cava, nas colheitas. Cantava o ferreiro marcando o ritmo das pancadas na forja, cantava o pedreiro no erguer das pedras para levantar as paredes, cantava a lavadeira... todos cantavam.

A familiaridade com os cantares acompanhava o homem desde a tenra idade de criança até aos últimos dias de vida: nos últimos suspiros ainda ouvia os familiares e vizinhos cantarem o “Bendito”,⁽⁹⁸⁾ em salvação da sua alma:

Companheira da vida e trabalhos do povo português, a canção segue-o do berço ao túmulo, exprimindo-lhe as alegrias e as dores, as esperanças e as incertezas, o amor e a fé, retratando-lhe fielmente a fisionomia, o género de ocupações, o próprio ambiente geográfico, de tal maneira ela, a canção, o homem e a terra, onde uma floresce e o outro labuta, e ama, e crê, e sonha, e a que entregar por fim o corpo, formam uma unidade, um todo indissolúvel. (Lopes-Graça, 1991: 22)

Nas últimas décadas, a evolução da mecanização da agricultura contribuiu, decisivamente, para tornar o trabalho mais individualizado e monótono. A perda do trabalho em grupo retirou o ambiente de alegria e entusiasmo que o colectivo oferecia, perdendo-se um

⁹⁷ Trabalhar.

⁹⁸ Anexo 35— cantiga - “Bendito”.

dos factores que mais contribuía para a utilização dos cantares na lida do campo. Este factor associado ao afastamento do homem do trabalho rural fizeram com que grande parte deste património já se tenha perdido e caminha rapidamente para a sua extinção, restando-nos apenas os registo das recolhas por nós realizadas.

3. O homem e a sua relação com o meio

A música folclórica é, e a de Trás-os-Montes é de uma maneira singular, inconfundível (...). Ela situa-se e situa-nos. Situa-se num determinado ambiente geográfico e social, com que parece formar corpo, ou de que parece ser emanção directa. E situa-nos a nós numa vivência, que se impõe pelo que nos comunica como sentimento de uma autenticidade. (Lopes-Graça, 1991: 56)

O conjunto de cantigas que conseguimos reunir dá-nos uma visão global do sentir do povo da Cumieira.

O vasto repertório que, através dos tempos, chegou até nós é uma prova inequívoca da existência de um povo onde a alegria e a boa disposição reinavam. A vida do campo era extremamente difícil, um trabalho árduo executado com a força braçal. Ao longo do ano eram várias as actividades que prendiam o homem ao campo: a vinha, o olival, o souto, o milho, etc. Apesar das dificuldades do dia-a-dia, o homem (e a mulher) da Cumieira transportava sempre consigo um sentimento de alegria. Nas vinhas ou no olival, na vindima ou na cava, os cantares acompanhavam sempre o trabalho, “tudo serve de alegria, desde a alvorada ao toque das Avé-Marias”. Este sentimento é-nos transmitido por várias expressões utilizadas nas cantigas e que traduzem a sua maneira de encarar a vida:

- Tudo serbe de alegria; (cantiga 39)
- cheia de baile e folia, trazemos a romaria, morremos a cantar, detestamos a tristeza; (cantiga 40)
- Queremos morrer a cantar. (cantiga 40)
- tão gaiteira (...) radiante e galante; (cantiga 43)
- onde não pára a tristeza e não se conhece a dor; (cantiga 45)
- todos cantam desde a alvorada até ó fim do dia; (cantiga 46)
- Terra de tanta alegria (cantiga 46).

Estas manifestações de alegria levadas para o trabalho do campo tinham dois fundamentos, que achamos essenciais, para quem trabalhava em extrema dureza: marcar o

ritmo do trabalho e, ao mesmo tempo, suavizar o esforço porque o cantar eleva o ânimo e transmite a sensação de mais rapidamente passar o tempo.

4. Lengalengas

A lengalenga é uma cantilena transmitida de geração em geração. É construída com frases curtas, normalmente com rima, o que permite decorá-la com bastante facilidade. A maioria das lengalengas aparece associada a brincadeiras e jogos.

A lengalenga “A geada”⁽⁹⁹⁾ desenvolve-se num crescendo de forças. Inicia-se com a geada a ter força para prender a perninha, mas o aparecimento do sol faz derreter a geada, demonstrando ser mais forte. A chegada das nuvens fazem encobrir o sol. O sol perde, assim, a sua força, evidenciando a nuvem ter força superior. A cantilena vai evoluindo até chegar à água: “Oh água, tu és tão forte, afoga o cão, mata o gato, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende? Eu sou tão forte que o boi me bebe. Oh boi, tu és tão forte, bebe a água, afoga o cão, mata o gato, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?”.

Finalmente, com a resposta da água, chega o desenlace, aparecendo Deus como o ser superior a tudo: “Eu sou tão forte que Deus me mata.”

A lengalenga “Os cavalos a correr”⁽¹⁰⁰⁾ é um exemplo de cantilenas associadas a jogos. Esta está associada ao jogo do esconde:

“- Os cavalos a correr, / as meninas àprender / qual será a mais bonita / que se irá esconder?”

Outras existem ligadas a brincadeiras. Para a apanha de grilos era usada uma cantilena que as crianças cantavam como forma de encanto:

“- Grilinho sai cá fora / que o teu pai morreu agora / com uma faca de leitão / espetada no coração. / gri, gri, o teu lugar não é aí, / o teu lugar é aqui, gri, gri.”⁽¹⁰¹⁾

Ao serão, junto à lareira, como forma de distrair as crianças quando choravam, utilizava-se um pau, aceso numa extremidade de forma a largar um rasto de fumo, e cantava-se:

⁹⁹ Anexo 112.

¹⁰⁰ Anexo 113.

¹⁰¹ Anexo 118.

“- Fita bonita, / cordão de retrós, / menina bonita / não é para vós”.⁽¹⁰²⁾

As joaninhas foram sempre um insecto admirado pelas crianças. Quando eram encontradas, e como forma de as proteger, eram lançadas ao vento com um cântico: “- Joaninha voa, voa, / que o teu pai vai p’ra Lisboa, / enfiada numa linha / a tocar a campainha. / Dlim, dlim, dlim...”⁽¹⁰³⁾

Muitas outras existem mas, para não sermos repetitivos, apresentamo-las em anexo.

¹⁰² Anexo 115.

¹⁰³ Anexo 116.

III Capítulo – Património Oral II - Composições narrativas

As composições narrativas são uma importante forma de literatura de tradição oral. O gosto e o interesse que o povo tinha por este género de literatura fez com que alcançasse grande popularidade, tornando-se, desta forma, um excelente veículo de preservação do património tradicional. Geralmente contadas em serões à volta da lareira ou, ao Domingo, na taberna, reuniam à sua volta grande número de ouvintes pelo entusiasmo e diversão que elas proporcionavam. Pela sua oralidade, estabelecem um processo comunicativo, entre quem as narra e quem as ouve, que ultrapassa o simples diálogo. A criatividade do narrador, através de movimentos corporais, expressões faciais e de engenho no contar, consegue despertar a atenção e envolver o ouvinte na história.

Temos noção que esta interacção só é possível através da oralidade porque, ao passarmos as composições para a escrita, não conseguimos transportar o ambiente, a alma e a emotividade do contador; contudo, é uma forma de preservarmos este valioso património.

Nas composições narrativas incluímos as anedotas, as adivinhas, as histórias jocosas, os contos e as lendas.

Na freguesia da Cumieira conseguimos reunir um corpus de 23 composições narrativas: uma anedota, quatro adivinhas, sete histórias jocosas, oito contos populares e três lendas. De entre os contos encontrámos dois géneros: exemplares e maravilhosos.

1. Anedotas

A anedota é uma história curta, geralmente com um final divertido e às vezes surpreendente, cuja finalidade é provocar risos ou boa disposição a quem a ouve ou lê. Carlos Ceia define anedota como um

Relato, geralmente breve, com o objectivo de motivar o riso. Por ser uma forma de expressão oral por excelência, o êxito de uma anedota depende também em muitos casos dos dotes oratórios do seu intérprete, já que a entoação investida no relato deverá ser tanto quanto possível original e até teatralizada.⁽¹⁰⁴⁾

¹⁰⁴ Carlos Ceia em E-Dicionário de termos literários, site www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=567&Itemid=2, consultado em 31 de Agosto de 2010.

A origem da anedota é ainda um enigma, contudo cremos que o seu nascimento tenha surgido quando o homem começou a viver em sociedade. Uma situação cômica presenciada por alguém, e contada à posterior, pode dar origem a uma anedota. Do nada surge uma anedota e dificilmente haverá alguém que não tenha (re)inventado uma. Para cada situação o povo adapta a que melhor se apropria ao momento, muitas vezes, alterando o seu conteúdo original. Dizemos original, não em relação à forma como ela nasceu porque não se conhece o seu autor, mas sim em relação à forma como lhe foi transmitida. Os que contam uma anedota ouviram-na de outros, que a ouviram de alguém e que já se não lembra quem lha contou.

Na anedota em anexo⁽¹⁰⁵⁾, de uma situação, aparentemente, normal, onde é interveniente um casal de namorados, dá origem, nos ouvintes, a um momento surpreendente e causador de dúvida. O casal, após a boda de casamento decidiu ir passar uns dias fora. “No regresso da lua-de-mel de quinze dias, a rapariga foi parar ao Hospital e o marido foi pr’ó Cemitério. “E agora diz a menina assim, porquia? Porque ela era enfermeira e ele era coveiro.” É uma ocorrência normal em que os intervenientes regressam ao trabalho após o período de férias, mas a pergunta cria, no ouvinte, a dúvida, levando-o a imaginar várias possibilidades de solução. Quando a resposta é dada e se torna tão óbvia, cria no ouvinte um ar de surpresa e ao mesmo tempo de riso, pela situação em que se viu envolvido.

São situações tão simples como esta que dão origem ao vasto repertório de anedotas que fazem parte da nossa cultura popular.

2. Adivinhas

A adivinha tradicional é um género da literatura oral, transmitida ao longo dos tempos. É constituída por pequenos textos, pronunciados, normalmente, pelos mais velhos e dirigidos aos mais novos, em tom de desafio e de forma a criar um enigma: “A adivinha fornece pois uma definição, insinuante e engenhosa, de algo conhecido, mas dissimulando-o, de forma a não permitir a localização imediata do referente.” São vários os contextos e várias as espécies que uma adivinha pode englobar (Nogueira, 2004: 2).

Para Gabriela Fank o termo adivinha reúne

¹⁰⁵ Anexo 119.

uma quantidade imensa e incerta de textos diferenciados ou diferenciáveis que vão da adivinha própria ou impropriamente dita ao enigma, ao problema, ao puzzle, ao logogrifo, à armadilha (“catch question”), à perguntinha, ao rébus, ao anagrama, ao acróstico e a outras espécies do que melhor poderíamos chamar discurso interrogativo ou problemático, ou simplesmente enigmática, ou enigmatística, que compreenderia a adivinhancística. (1999: 433)

Como forma de possibilitar uma melhor análise, podemos dividir as adivinhas por temas. Carlos Nogueira (2004: 6), “com o objectivo de reduzir as possibilidades de o mesmo texto poder inserir-se em títulos diferentes” apresenta a seguinte proposta de classificação:

I. Natureza.

II. Religião. Sobrenatural .

III. O Homem, o seu corpo, a sua idiossincrasia e a sua relação com o meio. A Família.

IV. A Casa. Objectos de uso doméstico. Ferramentas e aparelhos.

V. Alimentos transformados .

VI. Problemas verbais (palavras, sílabas e letras) e problemas numerais.”

Com base nesta classificação, vamos analisar algumas composições de forma a inseri-las nos respectivos títulos.

A adivinha “I”⁽¹⁰⁶⁾, englobada no tema natureza, apresenta como introdução uma situação simples, de perfeita normalidade, onde um cavaleiro, ao passar por um terreno de cultivo, encontra uma jovem. A partir deste encontro, surge o uso de imagens que criam nos ouvintes a dúvida:

“- Ó menina, ó menina do combro⁽¹⁰⁷⁾, deixa-me meter o meu de entre as pernas no seu redondo?

Diz ela: - Não, ainda é cedo, está pelado, mas quando tiver pêlo venha cá metê-lo.”

O ouvinte é levado, pelas expressões usadas e pelo jogo de palavras, a pensar num convite à realização sexual. Na realidade, o cavaleiro apenas está a pedir à moça para deixar o cavalo, que ele monta, pastar no seu terreno que é de forma circular. Ao que a rapariga responde que a erva ainda está pequena, mas quando crescer pode lá pôr o cavalo a pastar.

¹⁰⁶ Anexo 120.

¹⁰⁷ Parte da terra que fica mais elevada na abertura de um rego.

A Adivinha “II”⁽¹⁰⁸⁾, inserida no título “A casa, objectos de uso doméstico, ferramentas e aparelhos”, trata de um enigma que envolve um objecto. A descrição é feita através de um jogo de palavras que confunde o ouvinte e o encaminha para outras soluções. O ouvinte tem de decifrar as metáforas usadas para poder encontrar a resposta certa, que é a viola. “Sou linda e divertida, um pouco achatada” corresponde à descrição correcta de uma viola: são bonitas, divertem e no meio do corpo são achatadas. “Sem comer fruta nem leite ando, por vezes, destemperada”⁽¹⁰⁹⁾. A fruta e o leite são dois elementos que confundem o ouvinte, não deixando de ser uma verdade que a viola não come nem bebe, mas logo de seguida volta à descrição correcta “por vezes ando destemperada”, por outras palavras, por vezes ando desafinada. A descrição continua, “de seis filhos que tenho vivem da minha manutenção”⁽¹¹⁰⁾, de seis cordas que tenho vivem do meu sustento, tenho as tripas de fora, já venho assim de nascença”, as cordas encontram-se fora do corpo da viola e já vêm assim de fabrico.

Não há dúvida, pois, que o jogo de palavras e as metáforas são a chave da construção das adivinhas. Dando pistas correctas, mas com expressões que podem ter várias interpretações, criam no ouvinte a dúvida da resposta e levam a imaginar várias respostas possíveis até chegar à solução correcta.

A adivinha “III”⁽¹¹¹⁾, inserida no grupo “Problemas verbais (palavras, sílabas e letras) e problemas numerais” encaminha-nos para jogos matemáticos, obrigando o ouvinte a fazer cálculos: “nós e outras tantas como nós e a quarta parte de nós e contigo meu gabião, cem pombas são”. É uma conta simples de fazer, mas obriga o ouvinte a fazer um cálculo mental para chegar ao número desejado: 44.

A Adivinha “IV”⁽¹¹²⁾ enquadra-se no tema “Religião, sobrenatural”. “Uma belha, muito belha, c’o cigarro na garganta, de sete filhas que tebe só uma xaiu xanta. Xabe essa?”. Esta adivinha refere a Quaresma como “uma belha, muito belha”. Esta compreende sete

¹⁰⁸ Anexo 121.

¹⁰⁹ Desafinada.

¹¹⁰ Sustento.

¹¹¹ Anexo 122.

¹¹² Anexo 123.

semanas, “sete filhas”, mas, neste conjunto, apenas uma delas é designada por santa. A resposta é, como se depreende, a semana santa.

Apenas apresentamos estas por serem pouco vulgarizadas e serem reproduzidas por pessoas com elevada idade. Muitas mais poderíamos apresentar, mas não achamos necessário dado haver um número indeterminado delas que, não se restringindo, apenas, à freguesia da Cumieira, fazem parte de um património colectivo nacional.

3. Histórias jocosas

Histórias jocosas são narrativas breves que retratam, normalmente, episódios humorísticos da vida quotidiana. São, por isso, alegres e divertidas. Estas histórias aproximam-se muito das anedotas, porém a sua intencionalidade crítica é mais acentuada. No aspecto formal, apresentam uma narrativa linear e curta, tanto no tempo decorrente da acção, como na sua extensão. A acção decorre num espaço único, envolve poucas personagens e todas as acções se encaminham directamente para o desfecho. A linguagem utilizada é simples e directa e, normalmente, não recorre a figuras de estilo.

A primeira história⁽¹¹³⁾ relata um episódio passado num funeral. A viúva, cumprindo uma promessa, a um pedido formulado pelo marido antes de falecer, cria uma situação caricata e divertida. O marido pede à esposa que, quando ele morrer, coloque uma garrafa de vinho e dois salpicões na urna, juntamente com ele. Após a sua morte, a esposa cumpre o prometido e coloca a encomenda entre as pernas do morto. Já na cerimónia, a viúva começa a gritar, não com saudades provocadas pela morte do marido, como seria normal e de esperar, mas pela falta que lhe fazia o que ele transportava entre as pernas: “ai que eu só tenho pena do que ele leva no meio das pernas”. Esta frase cria espanto nas vizinhas que, atraíoadas por pensamentos maliciosos, imaginam outras situações: “Ó mulher então ainda agora vai a caminho e já estás aí a gritar.” É uma história simples e muito breve, com duas personagens que se movimentam em torno de uma acção única. A chave do conto, a qual provoca a situação de humor e diversão, traduz-se apenas nas duas frases citadas, o restante texto serve apenas de enredo.

A segunda história⁽¹¹⁴⁾ descreve um episódio passado na primeira noite de núpcias. A

¹¹³ Anexo 124.

¹¹⁴ Anexo 125.

perda de virgindade antes do casamento, com outro homem, leva a mulher a engendrar um cenário para arranjar coragem de contar ao marido o seu estado. A solução encontrada foi realizar uma serenata a dois: “Então bamos, antes de ir para a cama, fazer uma serenata”. O cântico é iniciado pela mulher que, de imediato, conta a sua condição “Já não tenho virgo, já não tenho não...”. O marido, surpreendido perante tal declaração, responde: “Ó que puta, ó que puta, antão...”. Após várias repetições dos cânticos, o homem, apercebendo-se que nada havia a fazer, resignado com a situação, responde-lhe: “Olha, quer tenhas ou não, o trabalho já não no levo tanto. Bamos lá a isso”, e lá foram para a cama.

Novamente uma história simples, curto, que decorre num espaço único e apenas com duas personagens.

A terceira história⁽¹¹⁵⁾ retrata as provocações feitas por um papagaio a um casal que, diariamente, passava junto à sua porta. A história começa com os desafios que o papagaio fazia ao seu dono e a repreensão que este lhe deu. Esta pequena introdução serve de preparação para o desenvolvimento da acção. A partir deste episódio, as provocações são dirigidas a uma mulher que passava naquela rua: “lá bai ela toda emproada, de dia bai p’ó trabalho e de noite bai p’á noitada”. Não ficando contente com os repetidos insultos, resolve contar ao marido o sucedido. Perante tal facto, o marido decide vestir-se de mulher para confirmar a versão da esposa e resolver o problema. Em plena rua, ao aproximar-se do papagaio, este reconhece-o e diz-lhe: “Ena, ena, lá bai ele todo gaiteiro, durante a semana é corno ao sábado é paneleiro!”

A quarta história⁽¹¹⁶⁾ refere a curiosidade que uma mãe viúva demonstra em relação às características do sexo dos genros. No dia seguinte ao casamento da filha mais velha, resolve indagar sobre a “coisinha” do marido. A resposta dada pela filha, “é comprida, mas é delgadinha”, não lhe causando grande entusiasmo. Após o casamento da segunda filha, a cena repete-se. A resposta dada, “curtinha, mas grossa”, também não lhe desperta grande interesse. Quando a terceira filha casa, a mãe interroga-a como às demais irmãs. Perante a resposta da filha, “comprida e grossa”, a mãe mostra-se satisfeita mas, ao mesmo tempo, carente de sexo: “- Oh filha, que rica coisa para a tua mãezinha!”

¹¹⁵ Anexo 126.

¹¹⁶ Anexo 127.

A quinta história⁽¹¹⁷⁾ retrata a inocência de uma jovem relativamente à sexualidade. A mãe desta jovem, como forma de a proteger de más intenções do namorado, preveniu-a de que, dançando, lhe poderia “cair a passarinha”. A filha, na sua ignorância, não compreendendo a mensagem que a mãe lhe quis transmitir, justificou a recusa da dança com os conselhos que a mãe lhe havia dado. O namorado, apercebendo-se da sua fraqueza, tirou partido da situação, sugerindo irem a “um recanto” para lhe dar “dois pontos”. Após ter levado os “dois pontos, a jovem, sente-se feliz e pede-lhe para lhe dar mais dois ao que ele recusa por não ter “mais linhas”. A jovem revelou, novamente, a sua inocência quando contou à mãe que o namorado lhe resolveu o problema de não poder dançar, dando-lhe dois pontos na “passarinha” e que tinha ficado perplexa por ele se recusar a dar-lhe mais dois por não ter linha, quando encontrou, “pro abaixo”, ainda “dois novelos”.

A sexta história⁽¹¹⁸⁾ apresenta a inocência de uma menina em oposição à malícia de seu irmão. Perante a descoberta do órgão genital do irmão, a menina, cheia de curiosidade, pergunta à mãe “- O mano que tem ali no meio das pernas?”, tendo obtido como resposta “é uma pilinha”. Encantada com a novidade, a menina mostrou desejo de, também, ter uma, ao que a mãe lhe respondeu “quando fores grande e se te portares bem... também vais ter uma”. O irmão, revelando enorme malícia, intrometeu-se na conversa e acrescentou “E se te portares mal, tu vais ter muitas...”

A sétima história⁽¹¹⁹⁾ desenrola-se num casamento em que a rebeldia do irmão do noivo choca com a atitude exibicionista de uma convidada. No momento em que alguns convidados lavavam as mãos para se dirigirem à mesa de refeição, o irmão do noivo fez um elogio às mãos de uma convidada, “tão lindas, tão delicadas, tão branquinhas”. A convidada, em modo de superioridade, disse-lhe “Pois é, porque eu uso luvas.” Não agradado com a resposta, respondeu-lhe em tom maledicente, como era de seu costume, que não seria por esse motivo porque ele também usava cuecas e tinha os “colhões pretos”.

4. Contos populares: maravilhosos e exemplares

O conto popular é uma narrativa curta na qual se relata uma história real ou fictícia,

¹¹⁷ Anexo 128.

¹¹⁸ Anexo 129.

¹¹⁹ Anexo 130.

geralmente anónimo e muitas vezes vocacionado para fins construtivos, ensinar e desenvolver a imaginação: “A expressão conto popular comporta uma alusão explícita à fonte que se presume responsável pela produção deste sub-conjunto peculiar de textos narrativos: de facto, popular reenvia-nos de imediato para o povo” (Reis e Lopes, 2002: 82). Segundo Carlos Ceia, o conto é uma:

obra literária de ficção, narração sintética e monocrónica de um facto da vida. Podemos afirmar que o contar é tão antigo quanto a vida em comunidade, pois é inerente à natureza humana, o falar, a necessidade, de comunicarmos ao outro o que sentimos, descobrimos, queremos desejamos, etc. Como o é também a curiosidade de ouvir, conhecer, sabermos dos outros. E cada qual contando e ouvindo de acordo com sua imaginação, fantasia, temperamento. Fácil é imaginarmos que, em tempos primitivos, foi das diferenças de temperamento ou fantasia dos que falavam, que foram surgindo aqueles que fabulavam. Isto é, os “contadores”, aqueles que (por particular magia da voz e da imaginação) fabulavam os fatos ou acontecimentos e davam-lhes uma forma-de-dizer sedutora que seus ouvintes passavam a repetir e que se transformava na versão dominante, no conto que, de geração para geração, era narrado e transformado em detalhes ou variantes, pois como diz o ditado: “Quem conta um conto, aumenta um ponto.”⁽¹²⁰⁾

A nível estrutural tem, geralmente, um número reduzido de personagens, a acção decorre de uma forma, mais ou menos, linear e há concentração da acção no espaço e no tempo.

Quanto à sua classificação, não há um consenso entre os diversos autores, pelo que propomos uma divisão assente numa organização temática, de acordo com Carlos Reis e Ana Lopes:

conto popular cobre um vasto conjunto de narrativas bastante diversificadas do ponto de vista temático. Essa diversidade têm suscitado várias propostas de classificação que reflectem a existência de um número relativamente elevado de tipos de conto: contos maravilhosos ou de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos religiosos, contos etiológicos, facécias, contos de adivinhação. (2002: 84)

Assim, baseados nas recolhas efectuadas, englobamos os contos, apenas em dois temas: contos maravilhosos e contos exemplares. Os primeiros englobam os contos de fadas,

¹²⁰ Carlos Ceia em www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=700&Itemid=2, consultado em 02 de Setembro de 2010.

de bruxas, de lobisomens e outros seres mágicos; nos segundos, enquadram-se os contos dos quais se podem retirar alguns ensinamentos ou exemplos.

O conto “Um homem muito rico”⁽¹²¹⁾ enquadramo-lo nos contos exemplares dado ter uma função moral. Uma mulher pobre, que possivelmente sofreu com as dificuldades da vida, casou com “um homem muito rico”. A partir deste momento tornou-se “soberba” e avarenta, ignorando um pobre que lhe bateu à porta. O marido, tendo pena do mendigo, deu-lhe um bocado de pão e a esposa, “como malbada” tirou-lhe a esmola das mãos. O marido, não gostando da atitude da mulher, meteu-a na caldeira.

Este conto tem como função primordial levar os ouvintes a reflectir sobre a atitude incorrecta da mulher perante um pobre mendigo. Pelas suas origens, a mulher devia ter uma atitude de bondade e de conforto para com os necessitados. No conto do João Ratão, a gulodice do rato, leva-o a cair dentro do caldeirão, neste conto a avareza da mulher leva o marido a lançá-la na caldeira. À moral deste conto podemos aplicar um ditado popular: “não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu”. Este conto revela-se de grande utilidade, pois oferece padrões de justiça aos ouvintes, principalmente aos mais novos, como forma de diferenciar o justo do injusto, o bem do mal.

O conto “O rico e o índio”⁽¹²²⁾, também enquadrado nos contos exemplares, surge com a mesma ideia moral do anterior, “o bem que fizeres tu encontrarás, o mal que fizeres tu pagarás”⁽¹²³⁾, ao pretender chamar a atenção para a necessidade de ajudarmos quem necessita porque, um dia, poderemos ser nós a precisar.

O segundo conto⁽¹²⁴⁾ (idêntico a uma recolha efectuada, em 1882, por Leite Vasconcelos na mesma freguesia) retrata a astúcia que três crianças demonstraram para evitar serem comidas por um lobisOMEM, após terem sido abandonadas pelos pais na floresta, por não possuírem meios para as poderem sustentar. Sós, no meio da floresta, as crianças procuraram uma saída até que foram parar a casa de um lobisOMEM que, por coincidência, também tinha três filhas. Uma das crianças, apercebendo-se do destino que lhes estava reservado, usou toda a sua astúcia e, durante a noite, tirou os carapuços às filhas do

¹²¹ Anexo 131- “Um homem muito rico”.

¹²² Anexo 140 – “O Rico e o Índio”.

¹²³ Provérbio.

¹²⁴ Anexo 132 – “O LobisOMEM da Floresta”.

lobisomem, que serviam para as diferenciar, e colocou-os na cabeça dos seus irmãos e na sua. A meio da noite, enquanto o lobisomem, por engano, devorava as suas próprias filhas, as crianças aproveitaram para fugir. De manhã, quando o lobisomem se apercebe do sucedido, calçou as “botas de sete léguas” para alcançar as crianças. Saltou caminho e esperou a chegada delas, só que, “enfadado”⁽¹²⁵⁾, adormeceu profundamente. As crianças reconheceram-no de imediato, e a mais astuta, apercebendo-se do sono profundo que o lobisomem dormia, tirou-lhe as botas, calçou-as e fugiu com os irmãos e “de um salto” chegou a casa. Os pais ficaram muito contentes pelo seu regresso, possivelmente arrependidos com o que tinham feito. A notícia do feito depressa se espalhou e o rei, quando soube o sucedido, chamou-os à sua presença e deu-lhes “muito dinheiro para terem sempre que comer”.

Este conto é uma versão aproximada do recontado pelo escritor francês Charles Perrault, no século XVII, com o título “Le Petit Poucet”, traduzido para português por “O Pequeno Polegar”⁽¹²⁶⁾.

Neste conto, um pobre lenhador tinha sete filhos, e o mais novo era tão pequenino que lhe chamavam de Pequeno Polegar. Como os pais não tinham que lhes dar de comer, decidiram abandonar os filhos na floresta. Depois de muito andar, as crianças avistaram um castelo e para lá se dirigiram. Ali residia um ogre, que quando os viu, pensou em devorá-los. Polegar, apercebendo-se da intenção do ogre⁽¹²⁷⁾, durante a noite, tirou as coroas da cabeça das filhas do ogre e colocou-as nos seus irmãos. A meio da noite, o ogre comeu as filhas pensando que fossem as crianças. Após o ogre adormecer, o Pequeno Polegar calçou as botas de sete-léguas e aproveitou para fugir com os seus irmãos, de regresso a casa. O Polegar foi trabalhar para o rei e, após conseguir juntar muito dinheiro, voltou para junto da família, garantindo a sua sobrevivência.

Estes dois contos são, na sua essência, iguais, um recontado no século XIX num pequeno lugar do interior de Portugal, o outro recontado no início do século XVIII em França. Neles destaca-se a inteligência, a coragem e esperteza, que as crianças demonstraram para se protegerem das garras do lobisomem (ogre), ultrapassar os perigos que lhes surgiram no caminho (floresta) e regressarem a casa de seus pais, são e salvos.

¹²⁵ Aborrecido.

¹²⁶ Existem várias versões deste conto. No início do século XIX, foi recontado pelos irmãos Grimm.

¹²⁷ Criatura imaginária que devorava seres humanos.

Estas narrativas pretendem chamar a atenção das crianças para os perigos que podem surgir quando se afastam de casa ou quando percorrem caminhos desconhecidos, sem a vigilância dos pais. Como diz o ditado popular, “quem se mete em atalhos, mete-se em trabalhos”, ou seja, o melhor é andar sempre por caminhos seguros.

Estes contos podiam provocar o medo nas crianças mas, ao mesmo tempo, era a forma mais apropriada que os mais velhos tinham para transmitir aos mais novos os perigos que eles podiam enfrentar quando estavam longe dos seus cuidados.

O contos “O morto da Veiga” e “O morto da igreja”⁽¹²⁸⁾ retratam a história de mortos que, afinal, não tinham morrido: “Quando chegaram ao cemitério, abrem o caixão p’ra... p’ra dizer o responso, o home pôs-se a pé, começou a fugir”. Estes dois contos, em nosso entender, têm como função primordial alertar os mais novos para o perigo de enterrar as pessoas sem uma confirmação efectiva que se encontram mortas. Esta confirmação, que só em raras excepções era feita por um médico, era obtida mantendo o morto em casa, em urna aberta, por um período mínimo de 24 horas.

Até fornecimento de energia eléctrica⁽¹²⁹⁾ às casas da freguesia, a iluminação era produzida, maioritariamente,⁽¹³⁰⁾ por candeias de azeite. Este facto fazia com que a família se reunisse, na cozinha, em volta da lareira, criando um óptimo ambiente para passar o serão a contar histórias. Muitas delas passaram, ao longo dos séculos, de pais para filhos, outras foram vivências do próprio ou de pessoas conhecidas e, também elas, transmitidas aos mais novos. Estas vivências estavam relacionadas com visões, assombrações, encontros, que o próprio teve com seres fantásticos, seres de outro mundo.

São muitas as histórias de bruxas que povoam a imaginação dos habitantes da Cumieira. Várias pessoas garantem que, apesar de nunca terem visto nenhuma, elas existem, e que não é fruto da imaginação. Segundo o imaginário popular, quando uma mulher tinha sete filhas seguidas, a última a nascer era bruxa e a única forma de o evitar era a mais velha baptizar a mais nova. Só assim era possível alterar-lhe o fado. Nas várias descrições, as bruxas eram retratadas como mulheres feias, más, que apareciam vestidas de preto mas que

¹²⁸ Anexo 138 e 139, respectivamente.

¹²⁹ A energia eléctrica teve uma implantação geral em casas particulares, na freguesia da Cumieira, a partir da década de 50 do século XX.

¹³⁰ Era usado o azeite, em detrimento de outros produtos, para a realização de iluminação caseira pelo facto de ser de produção local.

tinham o dom de se poderem transformar em borboletas, gatos ou outros animais. Quando, durante a noite, aparecia um gato preto, julgava-se que, na realidade, era uma bruxa que se tinha transformado. Esta ideia chegou até hoje e a crença de que cruzar com um gato preto dá azar não é mais do que resquícios desse imaginário.

Os dias de lua cheia, para quem andava na rua já noite escura⁽¹³¹⁾, eram os momentos mais propícios para ter essas assombrações. A sombra das árvores, projectada pela luz da Lua, num movimento contínuo provocado pelo vento, fazia criar imagens de seres de outro mundo. A juntar a estas imagens, os sons provocados pelo bater da ramagem ou os produzidos por animais (cantar da coruja) transformavam estas ilusões em verdadeiros encontros de pavor, em momentos de cortar a respiração mesmo aos mais corajosos. O conto de Natália Silva, “Era a oliveira” reflecte, exactamente, a ilusão que estes encontros provocavam:

Uma altura, o meu pai era enxertador, e andava na Cumieira, nas enxertias, depois... nas enxertias, era a de comer, e comiam também à noite. Entretinham-se mais um bocadinho, comiam... e vinha mais tarde. E era na altura... naquela altura havia... ele dizia que havia as bruxas. E depois ele vinha a pé da Cumieira p’ra baixo, de noite. Beio uma noite, que era muito luar, chegou ali ao Carbalhal, viu no meio da estrada uma meda de sombras a dançar, e ele:

- Ai, que estão ali as bruxas! Como hei-de fazer? Se vou p’r’o caminho de Santa Bárbara, estão elas ali; se vou por aqui, estão elas ali. Como vou fazer?

Mas ainda parou, com medo. Conforme vinha o vento, mais elas dançavam. Diz ele assim:

- Eu tenho que passar, seja como for.

Afinal, ao passar, eram... o luar... era uma oliveira, que fazia o luar. Conforme vinha o vento, dançava no meio da estrada. Ele cheio de medo. Estava a ver se tornava p’ra trás... e num era, era a oliveira.⁽¹³²⁾

Este conto tinha como destinatários as crianças, neste caso os filhos. O objectivo principal era tirar o medo, alertar que aqueles seres não existem e que quando se depararem com uma situação idêntica, apenas é necessário ter coragem, dominar o medo, e seguir em frente. Aqui a imagem do pai protector é reforçada e sai do conto como um herói.

¹³¹ O trabalhador rural regressava a casa já de noite. A jorna iniciava-se ao amanhecer e só terminava depois de escurecer.

¹³² Anexo 135 – “Era a oliveira...”.

Assim como há contos em que o objectivo é tirar o medo, também os há com a função inversa. O conto “As bruxas”⁽¹³³⁾ tem, precisamente, esse propósito. “As bruxas muitas vezes dezião que iam aos armazéns beber vinho, lá que se emborrachavam⁽¹³⁴⁾. Dezião que entrabam pelo buraco da fechadura”. Este mito não surge por acaso, ele foi criado para proteger o armazém contra possíveis intrusos. Era neste local que o lavrador guardava o vinho da sua produção e onde se encontrava a salgadeira,⁽¹³⁵⁾ com as carnes da última matança⁽¹³⁶⁾. Era, pois, um local apetecível aonde qualquer pessoa desejava ter acesso. A chave, deste compartimento, era bem guardada na posse do chefe de família e só com o seu consentimento é que o acesso aos restantes familiares era autorizado.

Não era só nos armazéns⁽¹³⁷⁾ que elas apareciam, “em qualquer encruzilhada cá da terra cheiraba ao azeite zimbro que era o azeite qu’elas se lababam, por bisto com ele. Quando tal, a gente ia a passar e cheiraba ao azeite cimbro e dezia-se: - Olha, hoje passaram por aqui as bruxas.”⁽¹³⁸⁾ A criação deste mito tinha, em nosso entender, como principal objectivo manter a família reunida após o escurecer e incutir a ideia, nos mais novos, de união familiar como forma de protecção contra todos os seres maléficos. A interiorização deste pensamento, aliado às regras familiares, fazia com que os rapazes só iniciassem as saídas nocturnas na idade de iniciar o namorico, deixando, a partir deste momento, de serem consideradas crianças para passarem a ser considerados “rapazes”⁽¹³⁹⁾

Para não deixar dúvidas, aos mais novos, e no caso de surgir alguma pergunta

¹³³ Anexo 134 – “As bruxas”.

¹³⁴ Embebedavam. Ficarem alcoolizadas.

¹³⁵ Caixa em madeira, onde era introduzido sal grosso, para preservar a carne.

¹³⁶ Praticamente em todas as casas se criava um porco para matar aquando da chegada do frio (Novembro, Dezembro). Depois da desmancha, as carnes eram salgadas e guardadas na salgadeira para consumir ao longo do ano.

¹³⁷ Segundo o povo, as bruxas apareciam, com mais frequência, nas encruzilhadas de caminhos ou nas eiras. Contam que é pela noite dentro que elas saem e que se juntam para dançar.

¹³⁸ Anexo 134 – “As bruxas”.

¹³⁹ O termo “rapazes” era usado para definir aqueles que namoravam. A partir do momento em que casavam, passavam a ser tratados por “homem, ou senhor”. No trabalho agrícola, também, havia a distinção entre “rapaz e homem” para o pagamento de salário. O estatuto de homem, adquirido com o casamento, era condição para um aumento substancial do salário da jorna.

inoportuna relacionada com a identidade das bruxas (quem eram, donde vinham), os pais diziam que elas eram pessoas normais e que se transformavam em bruxas sem o saberem. Como forma de não descobrirem a sua identidade, e para os familiares não se aperceberem da sua saída “Deziam, assim, as bruxas quando saíam de casa: - Eu te benzo com as fraldas do meu cu, enquanto bou e benho não acordes tu.”⁽¹⁴⁰⁾ Ficava, deste modo, reservada a identidade das bruxas. Segundo Corina Silva, havia uma forma de as fazer voltar ao normal e assim as poder identificar. O conto “A bruxa de Lamego”⁽¹⁴¹⁾ diz-nos que essa forma era picá-las com uma navalhinha e que, a partir desse momento, era-lhes quebrado o fado, nunca mais se transformando em bruxas:

habia as horas de rega p’ra regarem. Como ó pobo tinha... regaba daquela força, regabam mais pessoas, num é ...tinham aquelas horas.

E então, uma altura, o meu abô, da minha abó, foi lá regar das duas às quatro horas. Chegaba lá, a poça estava sempre bazia. E ele começaba a ralar e começavam-se a rir, a bater palmas, dentro duma mina, que tinha. E então eles diziam que eram as bruxas. Ao outro dia tornaba lá, era na mesma. E ele disse:

- Não, desta bez elas pouco de mim num bão fazer. Pegou numa navalhinha que lebaba. E disse assim: - Eu bou fazer e acontecer. Andavam a dançar e a bater as palmas, dizia ele, e ele pegou numa navalhinha e picou uma. E ficou ali aquela menina, nua, porque as bruxas que andavam sempre nuas, num sabiam, porque elas saíam de casa e àquela hora tornabam, num é, mas não sabiam que eram.

(...) E quebrou-lhe o fado, porque depois de serem picadas, quebrou-lhe o fado.

Acabava, assim, o fado que lhe estava traçado para toda a vida.

O destino de ser bruxa apenas estava reservado a mulheres. Em contrapartida, o homem surge ligado ao mito do lobisomem. Segundo esse mito, o lobisomem⁽¹⁴²⁾ é um ser lendário segundo o qual um homem pode transformar-se em lobo em noites de lua cheia, voltando à sua forma humana ao cantar do galo, antes do sol nascer, regressando ao mesmo lugar de onde partiu. Segundo Alexandre Herculano,

Os lubis-homens são aqueles que têm o fado ou sina de se despirem de noite no

¹⁴⁰ Anexo 134 – “As bruxas”.

¹⁴¹ Anexo 133 – “A bruxa de Lamego”.

¹⁴² Também chamado de licantropo.

meio de qualquer caminho, principalmente encruzilhada, darem cinco voltas, espojando-se no chão em lugar onde se espojasse algum animal, e em virtude disso transformarem-se na figura do animal pré-espojado. Esta pobre gente não faz mal a ninguém, e só anda cumprindo a sua sina, no que têm uma cenreira mui galante, porque não passam por caminho ou rua, onde haja luzes, senão dando grandes assopros e assobios para se lhas apaguem, de modo que seria a coisa mais fácil deste mundo apanhar em flagrante um lubis-homem, acendendo luzes por todos os lados por onde ele pudesse sair do sítio em que fosse pressentido. É verdade que nenhum dos que contam semelhantes histórias fez a experiência”. (1909: 176-177).

Na maioria dos contos, os lobisomens⁽¹⁴³⁾ são retratados como seres que se transformam, adquirindo contornos humanos e de lobo. Nas caracterizações que reunimos na freguesia da Cumieira, este ser lendário ganha uma transformação diferente. A aparência de lobo desaparece e surge transmutado em cavalo branco⁽¹⁴⁴⁾. Segundo Corina Silva, “os labisomes diz que eram transformados em cavalos”; Aurélio Garcia confirma esta versão, “o lobisome, ouvia-se aqui dizer que binha das Laranjeiras p’ra baixo, feito num cavalo branco e depois binha c’umas correntes de rasto, fazia um barulho, e tudo, e metia pela Costa da Beiga abaixo, que se sumia por ali p’ra abaixo.”

De acordo com a tradição, o modo de descobrir a identidade do lobisomem era quebrar-lhe o encanto a que estava destinado. À semelhança do que se passava com as bruxas,

¹⁴³ Desde o século 10 a.C. há referência sobre esse mito por um filósofo grego chamado Heródoto ao citar o "povo dos neuros", onde as pessoas assumiam a aparência de um lobo todos os anos por alguns dias. Porém, foi Petronious, autor romano da peça teatral "Satyricon", no ano 5 a.C., que combinou o fenómeno astronómico da lua cheia com a transformação de um homem em lobo, mas foi um outro autor romano, Ovídio, que, no ano 1 d.C., escreveu sobre o mito do rei Likaon, que teria desrespeitado o deus Júpiter ao oferecer-lhe carne humana escondida num banquete e, então, Júpiter ao perceber a trama ficou extremamente furioso jogando uma maldição sobre Likaon transformando-o em um lobo, aí surgiu o termo "lykantropos"- aquele que vira lobo. http://www.curiosidades10.com/lendas/o_lobisomem.html, consultado em 14 de Julho de 2010.

¹⁴⁴ “Um crença, que parece estar fixada na memória de todos os povos, associa originariamente o cavalo às trevas do mundo ctoniano, quer ele surja, galopando como o sangue nas veias, das entranhas da terra ou dos abismos do mar. Filho da noite e do mistério, este cavalo arquétipo é ao mesmo tempo portador da morte e da vida, ligado ao fogo, destruidor e triunfante, e à água, nutriente e asfíxiante.” (Chevalier e Gherbrant, 1982: 171) Quando de cor branca, o “cavalo está associado “à passagem e ao transporte da alma para o mundo dos mortos, ou, no mundo mitológico da fantasia, para a lua. Era, por esta razão, visto como um prenúncio da morte quando (...) aparecia durante os sonhos.” In Infopédia da Porto Editora, 2003-2010, consultado em 14 de Julho de 2010.

o lobisomem também tinha que ser picado. Nos contos sobre bruxas, estas teriam de ser picadas com uma navalhinha, no conto dos lobisomens a picada teria de ser feita com um aguilhão⁽¹⁴⁵⁾ dos bois. Sendo picados com esse utensílio, a sua transformação, novamente em ser humano, era imediata. Os homens mais corajosos, sabendo que podiam acabar com o fado e devolver a pessoa à normalidade, “agarrabam aquelas agulhetas que primeiro pica... espicaçabam os bois e os cabalos e assim, logo, ao eles passarem, aqueles mais robustos que num tinham medo, com aquele ferrão que os picassem, ficabam na mesma pessoa; ficaba homem como ficou... como ficaba a bruxa”.⁽¹⁴⁶⁾

Acabava, deste modo, o sina a que estes homens estavam destinados. Em certos locais, como forma de afugentarem bruxas e lobisomens, principalmente em encruzilhadas de caminhos, era implantada uma cruz.

Em síntese, podemos dizer que todos estes contos eram, além de uma forma de entretenimento, uma forma de educar civicamente, propondo aos ouvintes modelos de comportamento e transmissão de valores da sociedade onde estão inseridos.

Como entretenimento, constituíam uma das formas de ocupar os tempos livres, normalmente os serões ou as tardes de Domingo, fortalecendo os laços de amizade e convívio entre a família e os membros da comunidade. Estes convívios eram uma forma de esquecer a dureza da vida, fugir da monotonia do dia-a-dia e, ao mesmo tempo, dar a possibilidade aos mais velhos de transmitirem aos mais novos valores e comportamentos considerados aceitáveis na sociedade.

5. Lendas

As lendas são narrativas localizadas no tempo e no espaço onde ocorrem e com uma interligação entre a realidade e a fantasia:

Originalmente, a palavra designava histórias de santos, mas o sentido estendeu-se para significar uma história ou tradição oriunda de tempos imemoriais e popularmente aceite como verdade. É aplicada hodiernamente a histórias fantasiosas ligadas a pessoas verdadeiras, acontecimentos ou lugares. Lenda e mito são relacionados, mas a lenda tem

¹⁴⁵ Ferrão em aço, fixado num extremo de uma vara com cerca de dois metros, com a finalidade de espicaçar os bois.

¹⁴⁶ Anexo136 – “Os labisomes”.

menos a ver com o sobrenatural. A lenda frequentemente diz respeito a personagens famosas, populares, revolucionárias, santas, que vivem na imaginação popular. ⁽¹⁴⁷⁾

São narrativas sustentadas pela oralidade que passaram de geração em geração e que, ao longo dos tempos, foram sendo moldadas e adaptadas.

Sendo fantasiosas, elas acabam por ter um fundo de verdade, sendo por isso um elemento de identificação cultural e uma importante fonte para compreender a história de um povo.

A lenda “O Romão”⁽¹⁴⁸⁾ transporta-nos para o tempo dos romanos. Segundo esta narrativa, todas as noites aparecia um soldado romano, junto a uma poça existente no lugar do Romão, a dar de beber ao cavalo.

Inicialmente, o proprietário da poça ficava incrédulo porque quando, de manhã cedo, se preparava para regar, encontrava sempre a poça vazia. O acontecimento repetiu-se tantas vezes que decidiu, com a ajuda dos vizinhos, vigiar a poça durante a noite. Numa dessas noites, viram um cavalo aproximar-se. Firmando-se bem na personagem que o montava, constataram que era um soldado romano que ali parava para dar de beber ao seu cavalo e se encontrar com a sua amada.

Não sabemos qual o fundo de verdade desta lenda, mas o facto é que existe uma relação entre os nomes Romão e romano. Romão era uma forma popular de designar romano.

Outra lenda existente na freguesia é a “lenda do sino de prata”⁽¹⁴⁹⁾. Segundo ela, existia um sino de prata na torre da igreja e, numa determinada noite, gente de Vila Real deslocou-se à Cumieira para o roubar. Ao retirarem o sino, do campanário, deixaram-no cair. A população, alertada pelo barulho, correu ao local para saber do sucedido, quando se deparou com o sino desfeito em bocados. Não havendo solução para o caso, o padre mandou recolher todos os bocadinhos e fazer “ornamentos para a igreja”.

Como em todas as lendas, não sabemos onde acaba a fantasia e começa a realidade. Sabemos, efectivamente, que alguns dos sinos, que antigamente se encontravam na igreja, tinham sido encontrados nas Mourarias e que, na realidade, na torre, existe um campanário

¹⁴⁷ Carlos Ceia em www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=902&Itemid=2, consultado em 02 de Setembro de 2010.

¹⁴⁸ Anexo 142 – “Lenda do Romão”.

¹⁴⁹ Anexo 143 – “Lenda do sino de prata”.

vazio que, pelo desgaste dos encaixes escavados no granito, já teve uso.

Verdade ou fantasia, são narrativas que contribuem para o enriquecimento do património oral da freguesia da Cumieira.

IV Capítulo – Património Oral III - Composições mágicas e religiosas, superstições e crenças

As rezas e as benzeduras são utilizadas, nos nossos meios, principalmente, para curar doenças e afastar os males. Ultimamente têm vindo a perder um pouco a sua utilização mas, para muitos, elas continuam a ser um meio eficaz de cura.

Na freguesia da Cumieira, e um pouco por todo o interior português, são ainda muitos os crentes que recorrem às “mulheres de virtude”⁽¹⁵⁰⁾, curandeiros ou bruxos, com o intuito de se protegerem ou protegerem a sua família contra doenças ou mau olhado, principalmente quando se perde a fé na cura exercida através da medicina científica:

“No pessoal mágico português ainda temos esta concepção primitiva, em que os sortilegos⁽¹⁵¹⁾ empregam as conjurações, pragas e imprecções que fazem mal, e os benzedores ou benzilhões, que sabem os ensalmos para curar as doenças, e as orações que protegem o indivíduo em todos os actos da sua vida, quando come, dorme, viaja, ou quando há trevoada, sabendo degradar sombras, cortar o ar, e os feitiços, e descobrir tesouros.”
(Braga 1994; 135)

Existem rezas para quase todos os males, para talhar a tropezia, a dor de cabeça, o bicho, o ventre caído, a icterícia ou o aberto, assim como benzeduras para o crescimento do pão no forno, para lançar os ovos nas galinhas ou orações para espalhar as trovoadas. Referimos apenas estas porque são as que, efectivamente, conseguimos registar na freguesia da Cumieira.

1. Orações e responsos

A oração de Santa Bárbara para espalhar as trovoadas ainda se encontra muito enraizada no nosso povo. Prova disso são as várias versões que encontrámos ou as várias variantes que recolhemos. Todas têm algo de semelhante ou repetido entre elas, mas encontramos uma que nos foi transmitida em 2008 pela senhora Ana Moisés, com 100 anos de idade, residente no lugar do Fundo do Lugar. Esta variante salientou-se em relação às

¹⁵⁰ Termo popular para apelidar as mulheres que sabem recitar os ensalmos e aplicar as fórmulas de talhar os males. Também há quem lhes chame benzedoras e talhadeiras.

¹⁵¹ Feiticeiro.

outras, por ser mais completa e talvez mais antiga e, por esse motivo, limitamo-nos a fazer a apresentação apenas desta:

Magnífica a minha alma / Engrandeça o seu Senhor, / Espírito Santo s'alegrou /
Quando viu seu Salvador. (Diz-se assim três vezes.)

Santa Bárbara bendita / Que no céu esteis escrita / Com papel e água benta /
Nosso Senhor nos livre desta tormenta. (Também se diz três vezes.)

Santa Bárbara se bestiu e calçou, / A sua Santa irmã labou, / Nosso Senhor le
perguntou: / - Bárbara Santa, aonde bais? / - Senhor, ao céu me bou / Espalhar as
treboadas / Que andam no mundo armadas, / Bou deitá-las ó Marão / Onde não haja
palha nem grão, / Nem meninos a chorar, / Nem campos, nem eiras, / Nem ramos de
figureiras.⁽¹⁵²⁾

Esta oração era rezada em dias de trovoadas para pedir a Santa Bárbara que afastasse as trovoadas para longe e, assim, proteger as pessoas e as colheitas. Por vezes, para dar mais intensidade a este acto, era queimado o ramo de oliveira e alecrim que foi benzido no Dia de Ramos e que era religiosamente guardado para estas ocasiões. Acreditava-se no poder de Santa Bárbara mas, também, havia muita fé no poder exercido pelo Ramo para desviar as trovoadas para locais onde não dessem prejuízos.

A oração da Quaresma⁽¹⁵³⁾ destina-se fundamentalmente a pedir a Deus a protecção da alma no dia da morte. As condições, para essa absolvição da alma, dependiam do acto a praticar pela pessoa que dizia a oração. Assim, quem beijasse a cruz, teria a sua alma iluminada, longe da escuridão das trevas; quem beijasse a pedra que suportava a cruz, teria a sua alma protegida; quem rezasse a oração quatro vezes ao dia durante a Quaresma, salvaria a sua alma, a de seu pai, a de sua mãe e uma quarta, que ficaria ao critério do Senhor. E, assim, todos os pecados, que tivesse até à hora da sua morte, seriam absolvidos.

Para a absolvição de pecados, Ana Cunha, de 89 anos, tinha o seu acto de contrição antigo⁽¹⁵⁴⁾. Uma oração onde exprime arrependimento pelas faltas cometidas com a promessa de se emendar porque só assim seria possível conseguir o perdão de Deus.

¹⁵² Anexo 144 – “Oração a Santa Bárbara”.

¹⁵³ Anexo 147 – “Oração da Quaresma”.

¹⁵⁴ Anexo 148 – “Acto de Contrição”.

Segundo a oração, o perdão não é apenas conseguido através de Deus, também é possível obtê-lo com a ajuda de Nossa Senhora. O Perdão de Nossa Senhora⁽¹⁵⁵⁾ conta-nos a história de duas raparigas que ao longo de várias celebrações da Santa Eucaristia, a que assistiram, nunca estiveram com devoção. Uma das amigas, após a sua morte, encontra Jesus que a recorda do pecado cometido. Como castigo pelas faltas praticadas, Jesus pretende encaminhá-la para o inferno. Surge, então, Nossa Senhora que intervém e, com o peso da sua touca, consegue equilibrar a balança dos pecados. Este equilíbrio alivia a pena que pesava sobre a alma da rapariga e, por esse motivo, Nossa Senhora suplica a Jesus, seu filho, que a socorra porque ela arrepender-se-á e pedirá perdão pelas suas faltas.

A confissão é uma forma de os cristãos pedirem perdão a Deus pelas faltas cometidas. Esta confissão é feita directamente ao padre que tem a faculdade de Deus para poder absolver. A Oração da Confissão⁽¹⁵⁶⁾ é uma prece em que o crente, pensando não ter apresentado todos os seus pecados ao seu confessor, suplica perdão directamente a Deus porque só assim é possível Ele ter piedade da sua alma na hora da morte.

Após a confissão, o crente reza para demonstrar o seu arrependimento pelas faltas cometidas. O Credo Antigo era a oração de afirmação da crença em Deus e no seu reino, acreditando na sua morte, na sua ressurreição e na sua vinda para julgar os vivos e os mortos.

A “Confissão de Nossa Senhora”⁽¹⁵⁷⁾ é uma oração onde a Virgem, em vésperas de parto, pede ao senhor padre para a ouvir em confissão. O padre, perante a luz que o ventre da Virgem irradia, apenas Lhe pede para recitar os sete mandamentos. No terceiro mandamento, a Virgem revela que Jesus foi gerado a 25 de Março, dia em que encarnou o Verbo Divino.

Um dos grandes objectivos dos cristãos é conseguir que, após a morte, a sua alma entre no Reino dos Céus. Otília Silva apresentou-nos a Oração para entrar no Céu⁽¹⁵⁸⁾ que, rezada três vezes ao dia, abre as portas do Reino de Deus, onde a sua alma poderá repousar eternamente.

A “Oração de final de missa”⁽¹⁵⁹⁾, rezada no final da eucaristia, solicita a Deus a

¹⁵⁵ Anexo 149 – “Perdão de Nossa Senhora”.

¹⁵⁶ Anexo 150 – “Oração da Confissão”.

¹⁵⁷ Anexo 152 – “Confissão de Nossa Senhora”.

¹⁵⁸ Anexo 153 – “Oração para entrar no Céu”.

¹⁵⁹ Anexo 161 – “Oração de final de missa”.

salvação da alma e ajuda para, aquando da próxima missa, poder voltar. Por fim, pede a Deus a bênção para poder regressar, a casa, em paz.

A “Oração da manhã”⁽¹⁶⁰⁾ é rezada de manhã, quando o sol aparece no horizonte. Esta oração pede a Deus que dê “amizade”, “companhia” e “graça”,⁽¹⁶¹⁾ para o novo dia, juntamente com”gente que nos bem faça”.

A Oração do Peregrino⁽¹⁶²⁾ é um apelo dirigido a Maria Madalena⁽¹⁶³⁾ para a salvação colectiva, de Madalena e de quem reza: que salve os crentes, os que acreditam em Deus e abandone os Judeus porque crucificaram Jesus Cristo.

Qualquer crente em Deus pede a sua protecção. A “Oração a Deus”⁽¹⁶⁴⁾ é uma prece em que a protecção é pedida para o período de tempo em que dorme. Durante este espaço da noite, “Com Deus me deito, com Deus me Levanto” é solicitado que, com o seu manto, Nossa Senhora nos proteja, pois só assim a “alma não terá medo”, porque, caso não acorde, a alma estará iluminada.

O “Responso a São Gabriel”⁽¹⁶⁵⁾ é uma oração dirigida à Virgem Maria a solicitar a presença de Jesus e a protecção do Anjo São Gabriel junto da pessoa a quem é destinado o responso. Este responso terá sido uma variante do “Responso aos Santos”⁽¹⁶⁶⁾. Neste, a oração é mais completa. Juntamente com a solicitação da presença de Jesus, é pedida a companhia de Santo António e a protecção é solicitada a São Gabriel, juntamente com São Rafael. Estas duas orações empregam, no seu texto, palavras há muito desaparecidas do vocabulário:

¹⁶⁰ Anexo 163 – “Oração da Manhã” .

¹⁶¹ Saúde.

¹⁶² Anexo 155 – Oração do Peregrino. Será que pretendia dizer peregrino? Há quem chame ao Menino Jesus, o peregrino por aparecer retratado em alguma imagens com um cajado, com a cabaça, a concha e as botas.

¹⁶³ Trata-se de uma pecadora arrependida que durante um banquete, lavou os pés a Jesus com suas lágrimas de arrependimento, secando-os, em seguida, os com seus próprios cabelos. Este arrependimento leva Jesus a perdoar-lhes os pecados. Após esta cena, Madalena foi uma fiel seguidora de Jesus , acompanhando-o até à sua crucificação.

¹⁶⁴ Anexo 156 – “Oração a Deus”.

¹⁶⁵ Anexo 157 – “Responso a São Gabriel”.

¹⁶⁶ Anexo 158 – “Responso aos Santos”.

“deboto⁽¹⁶⁷⁾, bôto⁽¹⁶⁸⁾ e pêgo⁽¹⁶⁹⁾. A existência deste vocabulário leva-nos a acreditar num passado muito remoto deste responso.

O “Responso a Santo António”⁽¹⁷⁰⁾ era rezado quando alguém perdia um determinado objecto. Através da oração dirigida a Nosso Senhor, era solicitado o seu aparecimento. Esse reaparecimento era possível graças à presença de Santo António na terra que, por ordem do Senhor, “Quantas coisas se perderem, todas acharás”.

O “Responso das Pessoas”⁽¹⁷¹⁾ é uma oração, dirigida ao Senhor, pedindo que nada de mal aconteça a alguém querido. No início do responso é nomeada a pessoa para a qual é feito o pedido, solicitando que seja protegido pelo Senhor, por Maria, pelos Apóstolos e tenha a protecção das armas de São Jorge. Esta oração tinha duas intenções, a primeira, como foi dito anteriormente, era solicitar protecção a Deus, a segunda era saber se a pessoa, para a qual era dirigida a oração, se encontrava bem de saúde. Por essa razão, obrigava o crente a uma grande concentração, aquando da sua reza, porque, caso existisse algum engano nas suas palavras, significava que a pessoa não estava bem de saúde.

Assim como havia orações para vários momentos da vida das pessoas, também havia orações dirigidas a Deus para a bênção de animais ou mesmo do pão.

A “oração para lançar os ovos na galinha”⁽¹⁷²⁾ era destinada a benzer os ovos que eram lançados para serem chocados pela galinha. Era solicitado para que “Em louvor de Santa Rita, nasça tudo galos e uma só pita” ou “Em louvor de São Salvador nasçam tudo pitas e um só galador”. Para que a “choca” tivesse sucesso, era necessário que o número de ovos fosse ímpar e que para cada ovo fosse dita a oração.

Também se acreditava que para sair uma boa fornada de pão, para que o pão levedasse, este teria de ser benzido por Deus. Assim, quando se preparavam para introduzir o pão no forno rezava-se “Deus cresça o pão no forno e a graça no mundo todo”. Em

¹⁶⁷ Derramado.

¹⁶⁸ Jorro; de jorrar.

¹⁶⁹ Tentado; cair em tentação.

¹⁷⁰ Anexo 159 – “Responso a Santo António”.

¹⁷¹ Anexo 160 – “Responso às Pessoas”.

¹⁷² Anexos 163; 164 – “Oração para lançar os ovos à galinha”.

simultâneo, fazia-se o sinal da cruz com a pá.⁽¹⁷³⁾

Mesmo tendo grande fé em Deus, o povo sempre demonstrou ter medo de bruxarias e feitiços. O mau-olhado é uma forma de feitiço, que pode ser feito pelos chamados bruxos, feiticeiros ou por uma qualquer pessoa, lançado contra alguém. O mau-olhado existe, praticamente, em todos os povos e culturas e é um conceito que está enraizado no povo há muitos séculos, possivelmente desde a época em que o homem começou a viver em sociedade. Já no século primeiro antes de Cristo, Demócrito e Aristóteles faziam alusão a esse facto:

Demócrito mencionava já entre os mediterrâneos essa crença, da qual não conseguira determinar as origens. Aristóteles comentava que o olhar de algumas pessoas podia causar perturbação funesta no corpo e na mente dos fascinados. A história de Medusa, cujo olhar petrificava as pessoas é uma história de mau-olhado.⁽¹⁷⁴⁾

O mau olhado não é, na maioria das vezes, lançado com premeditação. Uma pessoa forte de espírito, com um olhar mais profundo, pode, inconscientemente e sem maldade, lançar um mau olhado. Segundo o povo, as pessoas magras, geralmente pálidas, com olhos salientes, más e solitárias, são normalmente, o protótipo da pessoa que tem poderes para lançar os maus olhados.

Contra este mal, o povo foi arrançando, ao longo dos tempos, formas de se defender. O uso da ferradura, das figas, dos amuletos ou da arruda, foi a maneira eficaz que o povo encontrou para afastar esse mal. Outra forma de o fazer era o recurso às mulheres de virtude ou curandeiras que, com as suas orações, combatiam o mal. O Responso das palavras ditas e retrocadas⁽¹⁷⁵⁾ era (e ainda é) uma das preces utilizadas por essas mulheres para afastar o mau olhado e o demónio. Trata-se de uma oração dialogada onde é pronunciada a resposta a cada palavra dita, e repetidas todas as anteriores em sentido inverso (da última para a primeira), até chegar à décima terceira:

- As doze: as doze bem-abenturanças; as onze, as onze mil birgens; os dez, os dez mandamentos; as nove, os nove meses que Nossa Senhora andou com seu filho no ventre; os oito, os oito bem abenturados; os sete, os sete sacramentos; os seis, os seis sírios ventres;

¹⁷³ Anexo 165 – “Oração para abençoar o pão”.

¹⁷⁴ <http://www.moocaonline.com.br/esoterico/quebranto.htm>, consultado em 18 de Janeiro de 2010.

¹⁷⁵ Anexo 154 - “Oração das palavras ditas e retrocadas”.

as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, os quatro evangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as treze...

- Treze raios tem o sol, treze raios tem a lua, Afasta-te, demónio, que esta alma é minha, não é tua!

Além de orações relacionadas com a vida cristã, as “mulheres de virtudes” recorriam muito a ensalmos, benzeduras, como forma de se pretender curar uma doença.

2. Ensalmos

Ensalmos são fórmulas mágicas, usadas pelo povo, resultantes da combinação de certas palavras, de forma a obter cura para certas enfermidades. O *Grande Dicionário de Língua Portuguesa* descreve ensalmo como uma “prática supersticiosa para se obter a cura de doenças por meio de feitiços ou rezas” (2002: 174). Na freguesia da Cumieira sempre houve pessoas habilidosas, principalmente mulheres, que se prestavam a fazer essas rezas e benzeduras e em quem o povo confiava plenamente. Ainda nos dias de hoje há algumas mulheres, embora muito pelo segredo com o medo de serem chamadas de bruxas, a quem o povo recorre em horas de aflição.

O nosso corpus engloba vários textos usados para a cura de variadas doenças: talhar a tropezia, a dor de cabeça, o bicho, o ventre caído, a icterícia ou o aberto.

A tropezia é a designação popular de inchaço. Quando alguém sentia a barriga muito inchada, sentindo-se mal, pedia à benzedeira que lhe talhasse a tropezia⁽¹⁷⁶⁾. A benzedeira, com os seus poderes, untava os dedos em mel que colocava no umbigo da paciente. De seguida, rezava uma oração com o intuito de expulsar a tropezia, “para o monte, p’rá fonte, p’ró mar” e para que a ela não volte.

A oração para “talhar a dor de cabeça”⁽¹⁷⁷⁾ serve, como o próprio nome indica, para tirar a dor de cabeça. A benzedeira, munida de uma vela acesa, efectua o sinal da cruz

¹⁷⁶ Anexo 166 – “Talhar a tropezia”.

¹⁷⁷ Anexo 167 – “Talhar a dor de cabeça”.

próximo ao rosto do paciente e, em simultâneo, reza a oração três vezes.

Talhar o bicho⁽¹⁷⁸⁾ é uma forma de cura para uma inflamação de pele que aparece, sobretudo, nos lábios e na face. A curandeira, com um pouco de cinza quente embrulhada num pano, vai tocando no local afectado enquanto reza a oração. Ao outro dia a inflamação já está a “secar”. Como variante, a cinza pode ser substituída por uma faca.

O ventre caído era uma deformação com que as crianças nasciam. Esta deformação era identificada na criança por apresentar uma perna maior que a outra. A forma que o povo tinha de resolver esta má formação era recorrer ao poder da curandeira para “Talhar o Ventre Caído”⁽¹⁷⁹⁾. A curandeira, deitava a criança, sobre a mesa, de barriga para baixo. Com um pouco de azeite, esfregava as costas de modo a “unir a carne das pernas. Depois é aquecida uma couve que é colocada sobre o local das costas onde se executou a massagem. Por cima da couve é colocada uma fralda ou um lenço. De seguida vira-se a criança e faz-se uma nova massagem (ao fundo da barriga). Coloca-se outra couve pré-aquecida e aperta-se a fralda à volta da cinta da criança. Depois, agarra-se na criança pelas pernas e coloca-se de cabeça para baixo e diz-se: “quando Deus pelo mundo andava, deu homem manso com mulher brava, deitou Deus em palhas enxutas e mantas molhadas, levanta-te ventre caído, com três palmatoadas. Ao acabar dão-se três palmadas na planta dos pés”. Este ritual tem de ser feito três dias seguidos e à mesma hora, caso contrário perde o efeito.

Para “Talhar a Itricia”⁽¹⁸⁰⁾ (Icterícia), também existe uma oração. Esta doença é caracterizada pela coloração amarelada da pele e das mucosas devido a uma acumulação de bilirrubina no organismo. A sua cura é efectuada através, e apenas, de uma oração.

O aberto é uma distensão muscular que pode ser provocada por um traumatismo ou por um esforço em demasia. Para “Talhar o Aberto”⁽¹⁸¹⁾, a curandeira aquece um fervedor de água que despeja numa bacia. Depois coloca, dentro da bacia, o fervedor de “cu para o ar”. A bacia com a água é colocada de forma a que a parte afectada do paciente receba o vapor. Nesta altura a curandeira faz a sua reza e quando acabar “a água está toda dentro do púcaro, a bacia não tem nada”. Ao mesmo tempo que faz a reza, passa a agulha em volta da zona

¹⁷⁸ Anexos 168; 169 – “Talhar o bicho”.

¹⁷⁹ Anexo 170 – “Talhar o ventre caído”.

¹⁸⁰ Anexo 171 – “Talhar a itrícia”.

¹⁸¹ Anexo 172 – “Talhar o aberto”.

afectada e por dentro do novelo de linha, como quem está a cozer. Caso a água não entre para o fervedor significa que o paciente não tem nenhuma parte do corpo aberta. Este ritual é feito três dias consecutivos.

3. Superstições e Crenças

As superstições e as crenças surgem como forma de explicar factos que acontecem e que desconhecemos a sua causa. Apesar de terem um significado muito semelhante, encontramos diferenças entre elas. A superstição provoca um sentimento baseado no temor, na insegurança ou na ignorância. O simples cruzar com um gato preto cria o medo das consequências que daí poderão advir.

As crenças, por seu lado, não estão presas ao medo mas sim à fé, ao acreditar em algo. Invocar um Santo para espalhar as trovoadas é um acto de fé, de convicção em que a sua súplica será atendida.

a) Superstições

A superstição é uma espécie de crença popular para a qual não existe uma explicação científica. Muitas destas superstições acontecem por desconhecimento de certas causas e de determinados fenómenos que têm explicação científica. O desconhecimento da realidade, atribui a certos factos, animais ou coisas, poderes maléficos ou benéficos, ou atribui explicações sobrenaturais.

As superstições são criações da mente humana que as criou para se proteger ou justificar e existem em todas as culturas e em todos os estratos sociais. Podemos considerar que são vestígios de um passado remoto em que o ser humano tinha uma visão mística da realidade. O Homem acreditava que diversos factores sobrenaturais tinham interferência directa na vida das pessoas.

Estas superstições provocam, normalmente, medo e alteraram a vida quotidiana do indivíduo. Exemplo disso é a superstição em que a coincidência do dia 13 com a sexta-feira é sinónimo de azar. Para tal facto, não existe nenhuma explicação científica que o justifique, contudo muita gente continua a acreditar como se fosse uma verdade. Estas superstições enraizaram-se no povo e foram (e são) transmitidas de geração em geração. Mesmo nos tempos actuais, onde a evidência objectiva e a racionalidade são mais valorizadas, são raras as pessoas que não alentam, no seu íntimo, uma ou mais superstições.

A alteração de certas rotinas na diversa actividade humana, sem uma explicação lógica, é directamente relacionada com o mau agouro ou com o azar. A primeira explicação que surge na mente humana para a justificação de qualquer acontecimento negativo é a de que “alguém lhe rogou uma praga”. Estes acontecimentos podem estar relacionados com o caminhar, com o comer, com o dormir, com o trabalhar, com o brincar, com o casamento, com a doença e até com a morte. São vários os exemplos que podemos apontar:

Se no caminho cruzamos com um gato não atribuímos qualquer significado, mas se ele for preto é pressentimento que algo de mal nos vai acontecer ou se tivermos a infelicidade de o matar, então é sinal que vamos ter sete anos de azar.

Se sonhamos com água suja significa que a pessoa vai ter problemas.

Varrer a casa à noite e deitar o lixo para a rua significa que está a deitar a fortuna fora.

Se enquanto varremos passarmos a vassoura por cima dos sapatos de um indivíduo solteiro, significa que essa pessoa não casará.

Passar por debaixo de uma escada dá azar.

Se deixamos uma criança passar por baixo das pernas de um adulto é mau agouro, essa criança não crescerá mais, ficará anã.

Se a criança brinca com as brasas, à noite fará “xixi” na cama.

Se a orelha esquerda aquecer de repente, é porque alguém está falar bem de nós, mas se for a direita, então está a falar mal. Nesse caso, devemos morder o colarinho e assim quem está a dizer mal morderá a própria língua. Esta superstição tem a particularidade de possuir um meio de resposta para com o ser maléfico, e acredita-se ser um meio eficaz de vingança.

A maioria das noivas ainda acredita que para ser feliz, no dia do casamento necessita de usar uma peça de vestuário ou um acessório emprestado.

No dia do casamento, o noivo não poderá ver a noiva antes da cerimónia ou entrar na igreja depois da noiva, caso contrário será um casamento infeliz.

Quando a coruja “canta” no telhado das casas, é sinal de que alguém está para morrer.

Nem todas as superstições têm um sentido negativo, também as há de carácter positivo, pois transmitem alegria e, por vezes, optimismo em alcançar o desejado. Vejamos dois exemplos da transmissão de alegria:

Entornarmos vinho sobre a mesa à refeição é sinal de alegria.

Encontrarmos um trevo de quatro folhas é sinal de sorte.

No que respeita ao optimismo, na fé de alcançar o desejado, acredita-se que:

Comer doze passas de uva na entrada do novo ano dá direito a escolher doze desejos que se realizarão ao longo do ano.

Assim como há superstições negativas e positivas, também existem as superstições defensivas. Estas visam prevenir ou afugentar os maus olhados:

Pendurar uma ferradura atrás da porta dá boa sorte e protege do mau olhado.

Ter à entrada da porta uma planta de arruda é uma protecção contra o mau olhado.

Estes são apenas alguns exemplos das infindáveis superstições que ainda fazem parte da cultura da freguesia da Cumieira. Poderíamos citar muitos mais, mas torna-se desnecessário por fazerem parte do património oral de todas as comunidades, principalmente das rurais.

Neste contexto, e depois de analisarmos vários exemplos nos quais as superstições surgem, podemos dividi-las em três itens: - as maléficas; as benéficas e as defensivas.

As superstições maléficas são todas as crenças que visam atribuir um sentido negativo entre a causa e o efeito, ou seja, a relação entre o que lhe sugere má intuição e algo que de mau aconteceu.

Nas maléficas surge o elemento causa como corrente de pessimismo, de algo de mal que vai ocorrer; contrariamente, nas benéficas o elemento causa provoca uma corrente de optimismo, de fé em que algo de bom vai ocorrer.

Podemos, assim, definir as superstições benéficas como todas as crenças que visam atribuir um sentido positivo entre a causa e o efeito.

Por fim, temos as superstições defensivas que visam prevenir contra males que possam ocorrer, males que tenham origem em pessoas ou em factos sobrenaturais.

b) Crenças

O homem ancestral, procurava na sua imaginação explicações para justificar muitos dos fenómenos provocados pela natureza. O acreditar e a fé foram os grandes responsáveis pelo aparecimento das crenças.

A lua é um dos principais elementos que mais alimentam as nossas crenças. No meio rural, com mais incidência, é crença generalizada que a lua tem influência directa em toda a actividade humana, principalmente na agricultura e, até mesmo, na vida do homem. Para os

agricultores, as fases da lua são cuidadosamente observadas e, em função delas, determinadas sementeiras têm os seus condicionamentos.

Ao semear a batata, o agricultor tem a preocupação de esperar pelo quarto minguante da lua porque, caso seja semeada na lua nova, dá muita ramagem e pouco fruto. Para o feijão, a lua ideal para a sua sementeira é o quarto crescente; já para a cebola é o quarto minguante. A madeira deve ser cortada em função do seu destino de utilização, pode ser cortada em qualquer fase da lua, excepto no quarto crescente porque apodrece com muita facilidade.

Numa ideia geral, podemos afirmar, segundo a crença popular, que se deve plantar e semear, durante o quarto crescente, tudo o que produz frutos fora da terra, e durante o quarto minguante, tudo o que produz frutos debaixo da terra.

Ainda ligado à agricultura, o trabalhador rural tem a crença que o 13 de Dezembro, dia em que se celebra a Santa Luzia, marca o calendário agrícola. É um dia especial para o homem do campo, isto porque é a partir deste dia que se registam as “têmporas de Santa Luzia”. As têmporas são previsões meteorológicas para os meses do ano. Segundo a crença, o tempo que se fizer sentir ao longo do dia 13 corresponde ao mês de Janeiro, correspondendo os dias seguintes aos meses que se seguem, até chegar ao dia 24 que equivale ao mês de Dezembro. É com base nesta leitura que muitos trabalhadores agrícolas praticam as suas sementeiras.

O culto dos santos é uma componente essencial do catolicismo, havendo, por vezes, dificuldade em saber onde começa a devoção cristã e acaba a pagã. O povo, desde épocas remotas, atribui aos santos poderes milagreiros, criando manifestações para implorar a sua intervenção, normalmente, em ritos associados à agricultura. O santo da terra (mais venerado) foi, e ainda é, na maioria dos casos, um símbolo local de carácter utilitário. Assim, há o santo advogado contra esta ou aquela enfermidade sendo na freguesia da Cumieira Santa Bárbara. Segundo a crença, Santa Bárbara⁽¹⁸²⁾ é invocada pelos fiéis, como advogada “especial” contra as tempestades, sendo a protectora das colheitas. O habitante da Cumieira acreditava que sendo venerada todos os anos, as colheitas estariam protegidas contra as intempéries.

¹⁸² Anexos 144 e 145 – “Oração a S. Bárbara”.

V Capítulo - Património Oral IV – Tradições: Usos e Costumes, Gastronomia e Jogos Tradicionais

1. Tradições: usos e costumes

Seguindo uma ordem cronológica, apresentaremos algumas das tradições mais enraizadas no povo da Cumieira. Algumas ainda se celebram outras têm vindo, aos poucos, a desaparecer.

Durante a quadra natalícia, era normal ver-se uma grande quantidade de grupos cantarem os Reis. Desde o Natal até ao Dia de Reis, grupos de rapazes e raparigas corriam a aldeia para cumprir este ritual. Pela calada da noite, os cantadores, colocando-se junto às portas, no maior dos silêncios, entoavam lindas canções adaptadas aos moradores e aos convidados que estavam na casa. Nenhum elemento do agregado familiar poderia ficar sem um verso de “vivas”. Se ao dono da casa se davam vivas “pelos anos que deseja mais uma flor que recebeu na igreja”, aos convidados e na dúvida de quem estaria mais em casa, além da família, davam-se vivas “na flor do vira-o-vento vivam os senhores todos que estão das portas para dentro”.

No calor da lareira, os habitantes recebiam com alegria a visita dos cantadores de Reis, ouvindo com atenção os “vivas” que lhes eram desejados.

Se muitos deles aproveitavam esta quadra para visitar os amigos e desejarem-lhes um bom ano, outros utilizavam-na para juntar algumas “migalhas” que faziam falta para matar a fome.

Em casa dos amigos oferecia-se qualquer coisa doce, que durava desde o Natal, ou frutos secos acompanhados com um pouco de vinho fino. Na casa dos grandes senhores, normalmente, os cantadores não entravam, as criadas vinham à porta e ofereciam frutos secos (castanhas, figos, pêssegos, nozes, amêndoas), linguiças, alheiras e, por vezes, algum dinheiro. Quando os cantadores eram trabalhadores da casa, normalmente os patrões convidavam-nos a entrarem, a comerem e a beberem com a família.

Eram dias vividos com grande paz e alegria.

Passada esta quadra, a população já tinha em mente o Carnaval. A partir deste momento, homens e mulheres, cada qual com as suas intenções, já preparavam as brincadeiras carnavalescas. As mulheres, no maior dos sigilos, construíam o compadre, os homens,

também sem grandes alaridos, faziam a comadre. Os homens faziam uma comadre em palha coberta de trapos, enfeitada em forma de mulher, as mulheres, por sua vez, faziam o compadre em forma de cavalheiro, feio e ridículo com trapos e roupas velhas:

As tradicionais folias carnavalescas das Comadres e dos Compadres ocorrem, por via da regra, nas duas quintas-feiras que antecedem a terça-feira Gorda (...)

São folias, sim, mas também paródia, no sentido da imitação burlesca; confrontação de sexo, mas também convívio e aproximação. (Cabral, 1999: 41)

Na segunda quinta-feira antes de Carnaval, as mulheres saíam à rua para mostrarem o Compadre e lerem o “Testamento com as deixas”⁽¹⁸³⁾. Os homens a todo o custo tentavam roubar o compadre para de seguida o queimar à vista de toda a gente. As mulheres, sempre atentas a qualquer tentativa de roubo, dirigiam-se ao centro da aldeia⁽¹⁸⁴⁾, onde subiam a um terraço alto, para se precaverem de um eventual ataque e para efectuarem as leituras sem serem incomodadas:

Deixo ao compadre Manuel
a minha colher torta
porque só ele não deu conta
que não entra na porta.

Sabendo da dificuldade que os homens tinham em poderem chegar ao Compadre, as mulheres incitavam-nos exibindo o boneco. No final, pegavam-lhe o fogo enquanto cantavam e apupavam os homens.

Na quinta-feira magra invertiam-se os papéis. Os homens, em grande número para não serem assaltados, percorriam as ruas da aldeia, gritando, apupando e exibindo a comadre. De imediato eram perseguidos pelas mulheres interessadas em roubá-la. Depois do percurso acabado, juntavam-se no centro da aldeia para lerem o seu “Testamento com as deixas” e responderem às provocações da semana anterior:

Deixo à minha irmã Maria

¹⁸³ Caderno onde eram escritas quadras com críticas sociais ou individualizadas que, por vezes, eram ofensivas e injuriosas.

¹⁸⁴ Normalmente, estas brincadeiras desenrolavam-se no Largo da Eira.

por muito gostar de vaidade
que visite a porta da mina
p'ra ver se ainda lhe resta saudade.

Após a leitura, queimavam a Comadre e faziam-lhe o funeral. “Os restos mortais” eram introduzidos numa pequena urna, previamente construída sem o conhecimento das mulheres, e era feita a cerimónia como se um verdadeiro funeral se tratasse. Um homem vestido de padre, a urna, muito bem guardada por uma escolta, alguns homens vestidos de mulher, a chorar pela comadre, alguns músicos tocando músicas fúnebres e o acompanhamento dos restantes homens faziam o cortejo que se deslocava até ao lugar do Poldro onde eram executadas as cerimónias finais.

Era um ritual de alegria, por vezes aproveitado por homens e mulheres para haver um confronto físico entre futuros amantes, outras vezes aproveitando para “lavar a roupa suja”⁽¹⁸⁵⁾.

No Domingo e Terça-feira de Carnaval saía a Banda de Música e o Rancho Folclórico a acompanhar o “Entrudo”, dirigindo-se, por fim, ao Largo da Eira onde se procedia a um grande bailarico. Aurélio Garcia, de 84 anos, morador no lugar da Bouça-Boa, nesta freguesia, contou-nos acerca do baile de Carnaval:

Aqui, no carnabal da Cumieira, fazia-se uma linda brincadeira que parecia bem à melhor maneira. Era um senhor, chamado Miloa e tinha outro filho chamado Zé, por conseguinte, tinham uma croça, cada um tinha uma croça, espécie do de S. Martinho de Mouros. Os de S. Martinho de Mouros também utilizavam essas croças quando bêm para a Cumieira tesourar, p'aqui p'ra casa do Rocha ⁽¹⁸⁶⁾. E então essas croças eram cheias de chocalhos e chocalhas e então, eles conforme andavam a dançar com aquelas croças andavam cheias de chocalhos e então metiam um rabo muito grande como o rabo, supomos, como o rabo do lobo. Eles começavam a dançar quando começava a dançar o rancho. Eles começavam, também, a andar de roda do rancho a sacudir as pessoas e depois cantavam:

Cantamos, folgamos, / Viv'ó carnabal, / Alegres dançamos, / Baile sem igual.

O entrudo é festibal / Lá na pátria do patricio / Governaba-a com chouriço, / O folgar não fica mal.

¹⁸⁵ Expressão popular que significa "Falar verdade a brincar".

¹⁸⁶ Antigo proprietário da Quinta do Poldro.

Todos nós somos artistas, / Nossa arte é trabalhar, / Biemos com gosto e prazer /
Nossos amigos visitar.

Outra tradição se desenrola nesta época com as crianças da escola, a chamada “Festa do Galo”.

O galo representa, para o povo, três virtudes. A primeira simboliza o ponto de partida, o início de uma nova vida, o seu canto anuncia um novo dia. A sua crista vermelha simboliza a educação e as suas garras a força. Três virtudes relacionadas com o aluno. A entrada na escola é o ponto de partida para uma nova fase da vida, é na escola que a sua educação se alicerça e, para que estes dois factores tenham sucesso, é necessário ter vontade de vencer, é necessário ser forte, é necessário, como o galo, ter garra.

Tentamos saber qual a origem desta tradição, através de entrevistas realizadas durante as nossa recolhas, mas ninguém se recordava do seu nascimento e a resposta foi sempre a mesma: “no meu tempo já existia”. É difícil, por isso, localizá-la no tempo. Sabemos que o ensino público surgiu na Cumieira em meados do século XIX, contudo, até essa data, ele já era ministrado por alguns letrados⁽¹⁸⁷⁾ e pelo pároco. Segundo José Maria Amado Mendes, a Cumieira possuía, em finais do século XVIII, 15 eclesiásticos e 5 pessoas literatas, sendo um deles, um mestre de escola. Com base neste contexto e na idade de uma informante (101 anos) que diz sempre se recordar, podemos apontar para meados do século XIX, a data provável do seu aparecimento.

Nas semanas seguintes ao dia de Reis, as crianças da escola planeavam o roubo da “menina dos cinco olhos”⁽¹⁸⁸⁾ ao professor. Era uma missão difícil, mas, quando bem preparada tinha o seu êxito. Após o roubo, era levada a uma costureira que, com pano, lã e meias velhas, decorava a “palmatória”, fazendo dela uma linda boneca. Durante estes preparativos, no maior dos segredos, pedia-se aos pais uns tostões para, todos em conjunto, poderem comprar um galo.

Na sexta-feira gorda, as crianças, cantando e saltando, percorriam as ruas da aldeia mostrando, a toda a população, a boneca e o galo, ambos muito bem enfeitados. Ao chegarem à escola, entoavam canções e gritavam de alegria ao mesmo tempo que queimavam a boneca.

¹⁸⁷ Pessoas com instrução de nível universitário.

¹⁸⁸ Régua; objecto utilizado pelos professores para baterem nas mãos dos alunos. A palmatória percorreu parte do século XIX e, praticamente, todo o século XX, sempre pronta a manter a necessária ordem.

No final, o galo era oferecido ao professor. Como reconhecimento, o professor dava-lhes um pão com marmelada.

E como do Carnaval à Páscoa medeiam apenas sete semanas: “Ana, Magana, Rabeca, Susana, Lázaro, Ramos, na Páscoa estamos”⁽¹⁸⁹⁾, depressa chegamos ao dia de Ramos.

Como manda a tradição, Domingo de Ramos realiza-se a bênção dos ramos, acontecimento que, na freguesia da Cumieira, se inicia no Largo do Cruzeiro e se conclui na missa dominical dedicada a esta efeméride. Após a celebração, os mais jovens levam o ramo benzido aos padrinhos para, no Domingo de Páscoa, receberem destes o foliar.

Os ramos benzidos são guardados, até ao ano seguinte, para proteger a casa, pois dizia-se que eram a protecção segura contra as trovoadas. É uma mistura de prática cristã com superstição pagã.

No dia de Páscoa, após a visita a todos os lares, o compasso recolhe à Capela de Nossa Senhora da Esperança, no povo de cima, onde aguarda o anoitecer para o Senhor poder recolher à Igreja Matriz. A população junta-se em redor da capela e, ao toque da sineta, inicia o cortejo. As crianças, com as sinetas a badalar, vão à frente anunciando a procissão. A Banda acompanha, a alegrar a romaria, enquanto a população, de vela acesa na mão, acompanha e vai rezando. Ao longo do trajecto, centenas de pessoas assistem à passagem do cortejo.

Os fogueteiros da Cumieira (povo de cima) acompanham a procissão com o lançamento de fogo de artifício ao longo do percurso até ao lugar da Estação. A partir deste lugar, os do Assento (povoado de baixo) fazem o acompanhamento até à Igreja.

Ao longo do percurso, velinhas acesas de metro a metro iluminam o caminho, enquanto nas varandas das casas as lamparinas dão alegria à paisagem.

Após a entrada do Senhor na Igreja Matriz, os fogueteiros da Cumieira e os do Assento entram em despique para ver quem deita o maior e o melhor arraial. Uns contam os foguetes dos outros, ninguém gosta de perder.

No dia seguinte, segunda-feira de Páscoa, realiza-se a visita Pascal no Lugar da Veiga. É uma povoação pequena mas que mantém viva uma tradição secular: “o caneco”⁽¹⁹⁰⁾.

¹⁸⁹ Lengalenga popular para contar o tempo que medeia entre o Carnaval e a Páscoa.

¹⁹⁰ À entrada da porta da família Rebelo é colocado um caneco cheio de vinho fino e as respectivas canecas para que todos os forasteiros, que nesse dia visitam a Veiga, possam provar o delicioso nectar.

Trata-se de oferecer uma caneca de vinho fino,⁽¹⁹¹⁾ a todos os que neste dia visitam a aldeia, como símbolo de alegria e confraternização.

À entrada da porta da família dos “Rebelos” é colocado um caneco cheio de vinho do Porto e uma caneca. As pessoas, ao passarem, podem servir-se livremente.

Já se perde no tempo e na memória de muitas pessoas mas, segundo os mais idosos, esta tradição já se realizava no tempo dos seus avós e teria começado na Quinta da Portela. Dizem-nos que foi implementada por um grupo de monges que habitavam a Casa Convento da Quinta da Portela⁽¹⁹²⁾, e que todos os anos, por altura da Páscoa, ofereciam um pão e uma caneca de vinho fino aos pobres como sinal de solidariedade e celebração da Páscoa:

Entretanto, lá no recanto da Cumieira, num misto de indiferença e de humildade, a Casa Convento da Portela, em ambiente de serenidade, prosseguia nos seus desígnios de vida entregue ao acolhimento, à interioridade, ao campo e à solidariedade.

Por seu lado, as gentes, na sua humildade e fê, entregavam-se então à veneração das coisas sagradas, com predisposição para os sentimentos religiosos, na busca da esperança e dalguma satisfação: trabalho, assistência, auxílio, caridade. (Araújo, 2004: 7)

Talvez pelo desaparecimento dos monges, desde meados do século XIX, a família dos “Rebelos” mantenha a tradição.

A freguesia da Cumieira tem, assim como outros povos, um passado de tradições que chegaram até aos dias de hoje, mas que tendem a desaparecer. Exemplo disso é o culto das “Maias”, festejos que se encontram intimamente ligados aos ciclos agrários. A flor das maias simboliza a primavera, a ressurreição da vida, o início de uma nova era.

As “Maias”, giestas floridas, eram colocadas nas portas das casas, no último dia de Abril, por um homem totalmente vestido com as “Maias”, de modo a não ser reconhecido para, quando entrasse o “Maio”, as casas se encontrarem floridas.

A este propósito, Leite de Vasconcelos fazia o seguinte comentário:

No dia 1º de Maio, no Douro, Beira Alta, Minho, etc. enfeitam-se as portas das casas com ramos de giestas amarelas, chamadas maias.

¹⁹¹ Vinho fino ou vinho generoso são expressões populares durienses que têm o mesmo significado de Vinho do Porto.

¹⁹² Segundo Dantas Araújo (2004: 6), a Casa Convento da Quinta da Portela teria sido construída no Reinado de D. Maria, 1777 / 1816.

O povo dá destes costumes duas explicações (...):

Quando a Virgem foi para o Egipto deixou pelo caminho muitos ramos de giesta para não se enganar na volta;

Quando Jesus Cristo nasceu, os Judeus procuram-no para o matarem e, como soubessem que ele estava em casa certa, colocaram à porta um ramo de giesta, a fim de, no dia seguinte, o prenderem. Nesse dia, porém, todas as casas da povoação apareceram marcadas e os Judeus não puderam dar com ele. (1938: 509-510)

Hélder Pacheco em *Tradições Populares do Porto* (1985: 106) acrescentava uma outra explicação: “as Maias afugentavam o diabo que naquela noite andava pelas ruas.”

A origem desta festividade parece prender-se com os ritos pagãos romanos conhecidos como «Florália» ou «Florais», festividades em honra de Flora, a deusa das flores e da Primavera, e que teriam lugar de 28 de Abril a 3 de Maio.

Tratava-se de dar as boas vindas à Primavera e a um novo ciclo de vida. No festival, que incluía representações teatrais e jogos, os romanos trocavam as habituais vestes brancas por outras mais coloridas e celebravam oferecendo leite e mel à deusa Flora.⁽¹⁹³⁾

No dia 1º de Maio, era tradição as crianças vestirem-se com as Maias e usarem um colar, com as suas flores, para andarem a cantar pela aldeia:

Quando era no dia de ... no 1º de Maio, havia a tradição de haver, havia aqui o senhor Abílio que andava de noite a pôr o ramo de giesta nas portas. E então os miúdos da escola iam ao monte e punham os miúdos todos de, vestidos de ... não eram todos, ... eram alguns, iam todos vestidos de giestas, depois iam a cantar:

Maio, Maio moço, / Chama-se António, / Anda na campanha / A varrer o caronho.

Maio, Maio moço, / Chama-se Francisco, / Anda na campanha / A varrer o cisco.

Maio, Maio moço, / Chama-se Manuel, / Anda na campanha / A limpar o tonél.

Maio, Maio moço, / Chama-se João, / Anda na campanha / A varrer o chão.

Isto depois era assim, no era? Mas isto já é muito antigo porque ainda hoje as camionetas, no é?, quando é no dia um, trazem sempre um ramo de ... de maias, para os burros não irem, roer as orelhas. Para os burros, é... tinha de se comer castanhas secas, nesse dia, para o burro não rilhar, roer as orelhas. Era, ... era. Havia assim.⁽¹⁹⁴⁾

¹⁹³ http://www.minerva.uevora.pt/jlc/santovarao/m12_2006.htm, consultado em 21 de Dezembro de 2009.

¹⁹⁴ Anexo 178.

Esta festa foi proibida várias vezes, como aconteceu em Lisboa no ano de 1385, onde a Câmara publicou uma Postura, que determinava a proibição da realização da festa das Maias: “Outro sim estabelecemos que daqui em diante em esta cidade e em seu termo nom se cantem Janeiras nem Mayas, nem a outro mes do ano...” (Coelho, 1938: 509).

Outra tradição do dia 1 de Maio consistia em comer castanhas picas⁽¹⁹⁵⁾ para o burro não roer as orelhas.

Após esta festa, rapidamente caminhamos para os Santos Populares. Os festejos na freguesia centravam-se em torno do S. João e de S. Pedro. O S. João era festejado com bailaricos, normalmente ao som do acordeão, em volta das fogueiras que eram acesas no largo central do povo. Devido a rivalidades entre o povo da Cumieira e do Assento, os festejos realizavam-se no Eirô e Largo da Eira, respectivamente.

Os festejos em honra de S. Pedro efectuavam-se no Largo da Eira e consistiam apenas na realização de um baile popular. Após o baile terminar, os jovens reuniam-se e combinavam a melhor forma de, até ao nascer do sol, roubarem o maior número de vasos que se encontravam à entrada da porta das casas. Depois de reunido a maior número possível, eram colocados ao redor da fonte do Cruzeiro de forma a criar uma boa decoração. Aí permaneciam, para serem contemplados, até final de missa, altura em que os proprietários os levavam de regresso às suas casas.

No Dia de Todos os Santos⁽¹⁹⁶⁾, conta-nos Valdimira Fernandes, era tradição a população da Cumieira ir, ao anoitecer, para o cemitério rezar pelos mortos. Aí permaneciam até noite cerrada, aguardando a chegada da Banda de Música. Após a sua chegada, começavam a tocar em direcção ao centro da freguesia trazendo a população de regresso a suas casas.

De madrugada, a Banda dirigia-se ao lugar da Veiga onde começava a tocar em arruada e, passando pelo lugar de Bertelo, trazia a população consigo para assistir à missa das 6 horas da manhã que se realizava na Igreja Paroquial. Esta missa era conhecida como a “missa da aguardente” porque, estando muito frio nesse mês, as pessoas “matavam o bicho

¹⁹⁵ Castanhas picas: - castanhas secas. As castanhas, depois de secas no caniço, eram espalhadas no chão e pisadas com uns sócos cheios de pregos. Esta operação fazia com que os pregos picassem, estalassem, a casca para facilitar a extracção da castanha.

¹⁹⁶ Anexo 173.

com figos e aguardente” libertando, na igreja, um hálito muito forte a bagaço.

Durante este mês, Novembro, também se festejava o S. Martinho. Esta festividade, no seio da Igreja, está associada a um milagre deste Santo, relacionado com a transformação da uva em vinho. Nesta celebração, na freguesia da Cumieira, não havia festejos de rua, mas era tradição reunir os amigos e correr os armazéns para furar o pipo e provar o vinho da nova colheita: “no S. Martinho fura-se o pipinho”⁽¹⁹⁷⁾.

A Lenda da Santa Custódia⁽¹⁹⁸⁾ criou a ideia nas pessoas que poderiam saber, com antecedência, se algum filho pequeno adoentado sobreviveria à doença de que padecia. Assim,

quem quisesse saber se os filhos viviam ou morriam, que agarrassem, quando estão doentes, numa camisinha e fossem botá-la onde está a Sagrada Custódia afogada, que é no entre rios, ó vir da Bila ⁽¹⁹⁹⁾ (na junção do rios Corgo e Sordo). E o padre era o que nos dizia a nós:

- A Santa Custódia afogaram-na no entre rios e está ali um milagre. Todas as mães o podem fazer que no há médico que faça milagre. Elas quando têm uma criancinha de mama e que está muito doentinha, muito chiopinha⁽²⁰⁰⁾, tira-lhe uma camisinha, leva-a com ela e vai lá e bota⁽²⁰¹⁾ a camisinha (ao rio). Se a camisinha for pela água abaixo a criancinha no⁽²⁰²⁾ morre, se a camisinha for abaixo, a Nossa Senhora vá p’ro pé dela, no binga⁽²⁰³⁾.

Acreditando no milagre da Santa Custódia, a peça de roupa era a chave que desvendava o mistério porque o seu flutuar ou o seu afundar, na corrente das águas do rio, adivinhava o destino do paciente.

Esta tradição terá raízes no século XVI, época em que existia a Capela de Silhão e o padre responsável por rezar nela a Santa Missa era o pároco de Folhadela que se deslocava regularmente para esse efeito.

¹⁹⁷ Ditado popular.

¹⁹⁸ Anexo 141 – “Lenda Santa Custódia”.

¹⁹⁹ Vila Real.

²⁰⁰ Choca; sem reacção.

²⁰¹ Botar; deitar; lançar fora.

²⁰² Não.

²⁰³ Vingar; chegar à maturidade.

Outra tradição existente na freguesia era a “encomenda da alma”⁽²⁰⁴⁾ a Deus. Isto acontecia quando um paciente estava em fase terminal e prestes a dar o último suspiro. Nesta ocasião, um familiar deslocava-se à igreja para pedir ao padre para dar ao moribundo a extrema-unção. Na altura da saída, o padre fazendo-se acompanhar da Santa Custódia, tocava o sino em sinal de aviso à população. Alertada pelo toque, juntava-se, acompanhando o padre até casa do paciente, cantando o Bendito. Os homens cantavam: “Bendito e louvado seja o Senhor, Santíssimo Sacramento da Eucaristia” ao qual as mulheres respondiam: “o fruto do ventre e sagrado da Virgem Puríssima Santa Maria”. Depois de receber a extrema-unção, a população acompanhava a Santa Custódia de regresso à igreja. Com esta cerimónia acreditava-se que o moribundo recebia a bênção do Senhor abrindo-lhe as portas do Céu, podendo, assim, morrer em paz.

No antigamente e até meados do século passado, era usual as crianças nascerem na casa de seus pais. Normalmente, todas as terras tinham as parteiras, mulheres sem qualquer formação ou conhecimentos da anatomia da mulher, mas que aprenderam o ofício com as suas mães. Estes conhecimentos eram transmitidos ao longo de gerações e mantinham-se, geralmente, sempre na família.

Quando uma mulher estava em trabalho de parto considerado difícil, era tradição, os familiares solicitarem ao sacristão que tocasse o sino. Tocava nove badaladas que correspondiam aos nove meses da gravidez, “ele tocaba aquilo com tanta tristeza, tão prolongado cada badalada, que as pessoas já sabiam que tinham de rezar uma Salvé-Rainha a Nossa Senhora para que alibiasse a parturensa”. Esta era a forma encontrada para pedir a Deus ajuda para a salvação da mãe e sorte para a criança.⁽²⁰⁵⁾

As crianças, em pequenas, por vezes, são irrequietas e choram em demasia. Poderá acontecer porque têm dores ou podem estar afectadas por um problema que as mães conseguem diagnosticar. Neste caso, o recurso a médicos dificilmente ocorre. Em tempos passados, o povo acreditava ter encontrado a solução para estes casos. A forma de o solucionarem era dirigirem-se à igreja e, no altar da Nossa Senhora das Dores, reboarem a criança algumas vezes. Afiançavam que, após este ritual, a criança recebia a bênção de Nossa

²⁰⁴ Anexo 177 – “Tradição da encomenda da alma”.

²⁰⁵ Anexo 180 – “Tradição nos partos difíceis”.

Senhora⁽²⁰⁶⁾ e ficava curada. Foi assim ao longo de séculos e ainda nos dias de hoje há quem recorra a esta crença para resolver o problema.

São estas as tradições que mantêm viva a alma de um povo. É a transmissão destes conhecimentos, destes rituais, destes valores, conservados durante séculos e que transitaram de geração em geração até chegarem aos dias de hoje, que fazem o património oral do povo da Cumieira.

1. Gastronomia

Todas as terras têm os seus símbolos que perduram no tempo e conservam uma identidade própria nas suas tradições. A gastronomia é um dos símbolos que mais influência tem na concentração de pessoas e que mais se enraíza na população.

A gastronomia da Cumieira reúne um conjunto de pratos cujo modo de confecção pensamos serem tradicionais da freguesia, visto não serem conhecidos nos meios limítrofes e não haver conhecimento da sua feitura noutros locais. Referimo-nos à Massa das Vindimas e ao Arroz de Feijão Vermelho com Bacalhau Cozido. Outros pratos são típicos, como o Cabrito Assado com Arroz Pingado, a Sopa das Vindimas, o Caldo de Papas ou os doces: as filhoses, a aletria e pão-de-ló de água.

a) Apresigo⁽²⁰⁷⁾

1. Cabrito Assado com Arroz Pingado

O Cabrito assado, servido com arroz no forno pingado (também chamado de arroz com pingo) e batata assada, cozinhados em alguidares de barro preto, em fornos a lenha, são uma especialidade de “deixar o cristão a crescer-lhe água na boca”⁽²⁰⁸⁾.

À excepção do arroz, todos os produtos essenciais à confecção desta refeição, a batata e o cabrito, eram produzidos na freguesia. Mesmo o alguidar de barro preto era fabricado na freguesia, no lugar da Soenga, com barro extraído no lugar do Barreiro:

²⁰⁶ Anexo 176 – “Tradição do Altar da Senhora das Dores”.

²⁰⁷ Forma popular utilizada para designar o prato principal.

²⁰⁸ Expressão popular para expressar o desejo de algo.

É provável, ainda, que além dos locais de produção enunciados tenham existido outros, mesmo que temporários ou de curta laboração como parece sugerir a toponímia. Referem-se, por exemplo, na freguesia de Vila Marim os lugares de *Barroca* e *Forno*, *Barreiro* em Quintela, da mesma freguesia, na freguesia de Santa Eulália da Cumeeira, o lugar do *Barreiro* e da *Soenga* (Silhão), junto à antiga estrada real que ligava a Vila Real.

(209)

O segredo do seu sabor está na qualidade do cabrito, que deve rondar os 5 quilos, e no tempero, feito de véspera, que lhe dá um paladar próprio. Depois de lavado com vinho branco, é untado com azeite ou banha de porco, alho picado, louro e sal, ficando a marinar até ao dia seguinte. A calda do arroz é complementada com uns bocadinhos de salpicão, linguiça, salsa, louro, sal, cabeça de cabrito e um pouco de galinha. Estes ingredientes devem ser bem cozidos para engrossarem e apurarem a calda. O forno a lenha deve ser bem aquecido antes de receber os alguidares. Durante a assadura, o cabrito é colocado estrategicamente sobre o alguidar, seguro em dois paus de loureiro, de modo a que o tempero deste pingue sobre o arroz, para lhe dar um gostinho especial.

A forma como é confeccionado este prato é que o torna tão apreciado e afamado que dificilmente aparecerá alguém que lhe resista.

2. Massa das Vindimas

A massa das vindimas é um prato que, como o próprio nome sugere, teve a sua origem nas vindimas ou, melhor dizendo, teve a sua maior divulgação em época de vindimas. Era confeccionado, nas grandes quintas, com as carnes que sobravam da preparação das refeições dos senhorios. Depois de juntar uma quantidade considerada suficiente, eram preparadas para servirem de jantar⁽²¹⁰⁾ aos trabalhadores envolvidos nas vindimas. O Domingo era, normalmente, o dia escolhido para a servir, por ser Dia Santo. Não havia obrigatoriedade no seu fornecimento mas tornou-se uma tradição nas grandes quintas.

²⁰⁹ http://www.nervir.pt/public_html/projectos/bisalhaes/historico/raizes_olaria_01.html consultado em 08 de Maio de 2010.

²¹⁰ O jantar era servido por volta da 13:30, conhecido como o meio-dia velho. Até meados do século XX, o povo rural atribuía às refeições um significado diferente do actual. Ao alvorecer, era tomado o “mata-bicho”, que agora designamos por pequeno almoço. Por volta das 10 horas, era servida uma pequena refeição, o almoço. O jantar era tomado entre as 13:30 e as 14 horas e à noite a refeição tinha o nome de ceia.

O prato, para além da massa meada, era confeccionado com feijão e carnes de variadas espécies, frango, vitela, porco, etc... As carnes de porco eram, geralmente, fumeiro, para lhe dar um tempero mais agradável. Esta refeição, para além de ser uma forma de aproveitar as carnes sobrantes, era, ao mesmo tempo, um modo dos senhores conquistarem a simpatia e os agradecimentos dos trabalhadores.

Actualmente, esta refeição é, também, chamada de Massa dos Casamentos por ser um prato muito procurado em eventos realizados nas Quintas da Cumieira e da Boavista.

3. Arroz de Feijão Vermelho com Bacalhau Cozido

O arroz de feijão vermelho com bacalhau cozido é um dos pratos mais cativantes na gastronomia Cumieirense.

O bacalhau entrou na gastronomia dos portugueses em finais do século XV. Crê-se que este início está associado aos descobrimentos, quando os exploradores portugueses chegaram a solo canadiano. Em 1508, a comercialização do bacalhau já correspondia a 10% do pescado comercializado. Era considerado “a carne dos pobres” por ser um peixe barato, acessível à população mais pobre. Talvez por isso, se tenham desenvolvido “mil e uma” maneiras de o confeccionar: cru, assado, cozido, frito, etc. Cozido com o arroz de feijão vermelho, à moda da Cumieira, é uma dessas muitas formas de o cozinhar.

Na preparação deste prato é essencial que os feijões sejam cozidos até a calda, previamente condimentada com alho picado, azeite e sal, se tornar espessa. Nessa altura, são introduzidas as postas de bacalhau que se mantêm na calda até ficarem bem cozidas. Quando o bacalhau atingir o ponto de cozedura considerado ideal, mas de forma a que a posta se mantenha inteira, é retirado e reservado. Na mesma calda é introduzido o arroz que, depois de cozido, deve ficar com um aguado cremoso. Por fim, serve-se o arroz colocando sobre ele a posta de bacalhau, coberta com alho picado e regada com bastante azeite.

b) Sopas

1. Caldo das Vindimas

Durante a época das vindimas, havia a necessidade de alimentar os trabalhadores de forma a retemperá-los do esforço dispendido. Como o apresigo não era fornecido em abundância, havia a necessidade de um complemento que ajudasse o estômago a ficar

satisfeito. Este complemento era constituído por uma sopa que, por ser típica desta época, ficou conhecida como o caldo das vindimas. Era uma sopa forte que levava, na sua confecção, água, batata e calondro esmagado, feijão e couve galega. Depois de pronta, era servida, bem quente, em tijelas de alumínio.

2. Caldo de Papas

A freguesia da Cumieira foi, ao longo dos séculos, produtora de milho que era depois transformado em farinha. Esta farinha era utilizada, principalmente, no fabrico de pão, mas, também, era utilizada para confeccionar algumas refeições como, por exemplo, o caldo de papas. Dada a pobreza existente, este caldo (de papas) era frequentemente utilizado como o único alimento servido à refeição. Para o preparar, coziavam-se as couves em água temperada com sal e azeite. De seguida, era introduzida farinha, aos poucos, de forma a ficar bem misturada e deixava-se cozer, em lume brando, durante mais alguns minutos.

Era uma sopa muito forte, por isso, era confeccionada, principalmente, durante o Inverno.

Da gastronomia da Cumieira também fazem parte as doçarias e os salgados. Dos que, nesta freguesia, se confeccionam apenas nos vinhos vamos referir àqueles que consideramos de fabrico diferente dos de outros lugares.

c) Doces

1. Aletria dos Pobres

A Aletria dos Pobres é uma massa fina cozida numa calda de água, canela, casca de limão e açúcar. Depois de cozida e ainda em quente, é colocada em travessas e com canela em pó, faz-se a decoração.

Na freguesia da Cumieira a aletria, fruto dos seus ingredientes, era apelidada de “aletria dos pobres” ou “aletria dos ricos”. A “aletria dos ricos” era confeccionada, apenas, em casa das famílias mais abastadas porque utilizava leite na sua confecção, produto a que os mais pobres dificilmente tinham acesso.

A Aletria dos Ricos é uma massa fina, idêntica à descrita anteriormente, cozida numa calda de água, com leite, ovos, canela, casca de limão e açúcar. Depois de cozida, ainda em quente, é deitada numa travessa. Deixa-se arrefecer e polvilha-se com canela.

2. Pão-de-ló de água

Pão-de-ló de água tem como ingredientes farinha, açúcar, ovos, fermento e água. Na sua confecção misturam-se as gemas com o açúcar, de seguida junta-se água, depois a farinha e o fermento são misturados aos poucos e, por fim, adicionam-se as claras batidas em castelo. Vai a cozer, em forno pré-aquecido, durante cerca de sessenta minutos. Depois é desenformado e está pronto a servir.

3. Filhoses de canela

As filhoses de canela são uma doçaria típica do Natal. É um doce de fácil confecção visto só levar como ingredientes a farinha, o açúcar e a água.

Para os preparar, deita-se, num alguidar, farinha, açúcar (em quantidade ao gosto de cada paladar) e água. Misturam-se muito bem de modo a ficar uma massa mole mas compacta. Põe-se o óleo a aquecer e deitam-se a fritar de forma a que fiquem redondas e fininhas. Num prato, mistura-se o açúcar com a canela. Polvilham-se as filhoses com a mistura e colocam-se num prato de servir.

d) Salgados

1. Fritas de Bacalhau

Também em época de Natal era tradição, em algumas casas, fazerem-se fritas de bacalhau. Levava como ingredientes farinha, bacalhau, ovos, sal e salsa. A farinha era amassada com os ovos mas, caso não fossem suficientes para ficar uma boa massa, adicionava-se água da cozedura do bacalhau. De seguida misturava-se, com a massa, o bacalhau, sem pele e sem espinhas, a salsa picada e o sal.

Este preparado ficava a levedar durante toda a noite e, de manhã, era frita em pequenas porções (depois de prontas ficavam muito parecidas com as pataniscas de bacalhau).

Normalmente eram feitas em grande quantidade para durar para vários dias.

2. Folar

O Folar é uma espécie de bolo, confeccionado na base de massa de pão, lêveda e fofa, com recheio de carne de porco fumada (presunto, salpicão, linguiça), cozido em forno de lenha, aquecido com carqueja.

Este bolo era oferecido pelos padrinhos aos afilhados no dia de Páscoa como símbolo de felicidade e prosperidade.

Assim como se oferecia o folar pela Páscoa, também se oferecia o carolo nos casamentos.

Até meados de século passado, para as cerimónias de casamento apenas eram convidados os familiares mais próximos e um ou outro amigo mais chegado. Eram cerimónias discretas e muito simples. A falta de recursos financeiros a isso obrigava. Como forma de reconhecimento para com os vizinhos, amigos e patrões, que não eram convidados, era oferecido o “carolo”. Este gesto de amizade consistia em oferecer um pequeno bolo, a essas pessoas, em vésperas de casamento. Como gesto de gratidão era oferecida uma lembrança em troca.

Mais tarde, o “carolo” deixou de ser distribuído antes do casamento e passou a ser oferecido no dia seguinte, fazendo parte da sua constituição um alguidar de arroz, carnes e pedaços de bolo que sobravam da festa.

3. Jogos tradicionais

Os jogos são uma excelente forma de passar o tempo, principalmente quando se é criança . Eles são uma forma de desenvolvimento físico e intelectual e, ao mesmo tempo, um momento de convívio. Os jogos que, de seguida, descrevemos fazem parte do património cultural infantil da freguesia da Cumieira. Eles foram o divertimento de várias gerações e, resistindo ao tempo, chegaram até aos dias de hoje. O aparecimento de jogos informáticos alterou os hábitos lúdicos das crianças, contudo ainda se encontram grupos a divertirem-se com estes jogos.

1. Jogo do Eixo

Este jogo consiste em saltar, com o apoio das mãos, sobre um amochado,⁽²¹¹⁾ que se encontra dobrado com as mãos apoiadas nos joelhos. O salto é precedido de uma pequena

²¹¹ Termo popular para designar a posição em que a criança se encontra: pernas ligeiramente afastadas para manter o equilíbrio, corpo fletido para a frente com as mãos apoiadas nos joelhos e queixo bem encostado ao peito para evitar ser pontapeado pelo saltador.

corrida que lhe dá o impulso necessário para poder saltar e ao mesmo tempo dizer um dito de uma cantilena. Será o próximo amochado aquele que:

- não conseguir saltar sobre o amochado;
- derrubar o amochado;
- que à sétima jogada não conseguir deixar o lenço sobre as costas do amochado;
- atirar ao chão os lenços que já se encontram sobre as costas do amochado;
- à oitava jogada não conseguir levar o seu lenço sem derrubar os outros;
- à nona jogada não conseguir saltar e simultaneamente dar um pontapé no rabo do amochado;
- à décima primeira, saltar sem apoio das mãos;
- à décima terceira quem salta tem que fugir do amochado, caso seja apanhado troca de posição com o amochado.

1º salto - Um por um

2º salto - Dois bois

3º salto - Três inglês

4º salto - Quatro patos

5º salto - Cinco brincos

6º salto - Seis reis

7º salto - Sete que eu deixo. (Salta e deixa ficar um lenço sobre as costas do amochado)

8º salto - Oito que eu levo. Salta e leva o seu lenço

9º salto - Nove Filipa (enquanto salta dá um toque de calcanhar no rabo do amochado).

10º salto – Dez, burro és da cabeça aos pés falta-te a albarda que burro já és.

11º salto - Onze por onze

12º salto - Doze cantarinha vai à fonte

13º salto - Deixa-me ir a casa enquanto ela enche.

Neste jogo pode variar a cantilena:

- Era uma vez um homem
- o homem um quintal
- o quintal tinha uma árvore
- a árvore tinha um ninho
- o ninho tinha ovinhos
- os ovinhos tinham passarinhos

- Piu, Piu, e os passarinhos fugiram.

Após o último salto, o saltador tem que fugir do amochado; caso seja apanhado fica na vez de amochado.

2. Jogo da Mosca

São necessários, no mínimo, sete elementos. Três que amocham, três que saltam e um que segura na cabeça do primeiro amochado e a quem se dá o nome de “mãe”.

Com o balanço necessário e com a ajuda das mãos, os três elementos saltam para cima dos amochados. O jogo termina quando os amochados arream⁽²¹²⁾, continuando, por isso, a fazer de amochados ou quando os que saltam se desequilibram e tocam com alguma parte do corpo no chão. Neste caso os que saltam passam a amochados.

3. Jogo da Carica

Para este jogo é necessário desenhar um circuito no chão (ou aproveitar uma pista já existente) e marcar o local da partida e da meta.

O concorrente coloca a carica no local de partida; depois, com o impulso dado pelo dedo médio, dá um toque na carica, tentando andar o maior espaço possível. Aquele que deixar sair a sua carica fora do circuito terá de recomeçar a jogar desde o local de partida. O jogo é ganho pelo jogador que primeiro cortar a meta.

4. Jogo do Prego

Para este jogo é necessário um prego (cavilha, se possível) e um piso térreo, liso e macio (normalmente fica assim depois de chover). Consoante o número de jogadores, assim se desenha no chão uma figura geométrica com o número de vértices igual ao número de jogadores.

Depois de tirar sortes para saber quem inicia o jogo, o jogador lança o prego no chão à volta da figura geométrica e vai unindo os pontos por uma linha recta entre si, tentando fechar o mais possível as saídas aos outros jogadores. Passa a vez de jogar quando espetar num local que não permita unir os dois últimos pontos por uma linha recta ou, ao lançar o prego, não conseguir que fique espetado.

²¹² Arrear. Termo popular para designar: cair ao chão por não suportar o peso da carga.

Os jogadores seguintes têm que aproveitar os espaços livres e disponíveis entre as linhas e a figura geométrica ou entre linhas, mas sem as sobrepor, de modo a contornar os traços já existentes e, se possível, tentar encurralar os outros jogadores.

O jogo termina quando um jogador, espetando o prego sobre a sua própria linha, conseguir fechar a saída aos outros elementos.

5. Jogo da Cabra-Cega

Antes de começar o jogo, marcam-se os limites do campo, depois tiram-se sortes para escolher o jogador que faz de cabra-cega (vendam-se os olhos com um lenço).

Em seguida, os jogadores distribuem-se pelo campo e a “cabra-cega” dá duas voltas sobre si. A partir desse momento, pode percorrer o campo tentando apanhar alguém.

Quando a “cabra-cega” agarrar alguém terá de tentar adivinhar quem é, só pelo tacto. Caso consiga, o apanhado fará de “cabra-cega”.

6. Jogo do Lencinho:

Um terreno plano, com cerca de 15, 20 passos, divide-se em duas partes iguais, ficando o menino do lenço no meio campo. Dividem-se os jogadores em duas equipas, sendo todos numerados de modo a que os jogadores das duas equipas fiquem com números correspondentes.

Na extremidade do campo, é marcada uma linha, onde os jogadores de cada equipa se dispõem.

O menino do lenço levanta o braço e diz um número, o jogador de cada equipa a quem esse número corresponder corre para tentar agarrar o lenço em primeiro lugar. O primeiro a apanhar o lenço e voltar para junto da sua equipa sem ser agarrado elimina o adversário, caso contrário será ele o eliminado.

Nenhum jogador poderá passar o risco central enquanto o lenço não for agarrado.

Os jogadores eliminados colocam-se ao lado do menino do lenço, do lado da sua equipa.

O jogador que roubar o lenço pode salvar os seus companheiros tocando-lhes na mão, mas voltarão à situação de eliminados se entretanto forem tocados pelo jogador perseguidor.

O menino do lenço dirá números até que uma das equipas seja totalmente eliminada.

7. Jogo do Agarra

São necessários, no mínimo, dois elementos. Um para fugir, o outro para agarrar. O agarra muda quando apanha um dos elementos que foge.

8. Jogo da Estátua

Para este jogo são necessários, no mínimo, 5 jogadores, mas será mais interessante quanto maior for o número de participantes.

Depois de se tirarem sortes, fazem-se duas filas paralelas uma à outra, a cerca de um passo de distância entre elas e voltadas de face uma para a outra de modo a formar uma passadeira. O “sortudo” terá que passar entre as filas, ficando estes na posição de estátuas. Enquanto o “sortudo” vai passando, os “estátuas” vão-lhe dando uns cachaços, mantendo a posição e sem serem vistos. O jogo reinicia quando o sortudo apanhar algum a mexer e este será o novo sortudo. Se o sortudo chegar ao fim da passadeira sem apanhar ninguém a mexer, volta ao início.

9. Jogo dos Pinhões

Este jogo necessita, no mínimo, de 2 participantes.

Faz-se uma cova no chão (ninho) com cerca de 5 cm de profundidade e cerca de 10 cm de raio.

Os participantes colocam-se a 5 passos (do ninho) e com 5 pinhões na mão jogam-nos para acertar no ninho. À vez, vão repetindo as tentativas até conseguirem meter todos os pinhões no “ninho”. Ganha quem primeiro introduzir os cinco pinhões, ganhando os pinhões que o adversário tinha introduzido no ninho.

10. Jogo dos Cromos

Para este jogo são necessários apenas dois jogadores.

Cada jogador coloca um determinado número de cromos, numa superfície plana, com a face principal virada para baixo, de modo a fazer-se um montinho só. (Muitas vezes jogava-se com os papéis de embrulhar os rebuçados.) Depois, cada jogador, na sua vez, bate com a palma da mão em cima dos cromos, tentando virar a face principal para cima, de modo a arrecadar o maior número possível. O jogo termina quando todos os cromos estiverem voltados de face para cima.

11. Jogar ao Dáu

Este jogo necessita de duas equipas, no mínimo, de três jogadores. Dois jogadores escondem-se num local previamente combinado pela equipa, enquanto o outro (o fugitivo) coloca-se a vinte passos da equipa adversária. O jogo tem início quando um dos elementos escondidos diz, em voz alta: “daú”.

Nesse instante, o fugitivo tenta correr o mais rápido possível de forma a fugir e a iludir os adversários de forma a poder esconder-se junto aos companheiros, sem ser visto. O jogo termina quando os escondidos forem descobertos ou o fugitivo for apanhado.

12. Jogo do Pião

Marca-se um círculo no chão. Em seguida, embaraça-se o pião. Todos jogam o pião para dentro do círculo com a maior força possível para que este, ao parar, role para fora do círculo.

O jogador cujo pião fique parado dentro do círculo só voltará a jogar quando o seu pião for empurrado para fora pelos piões adversários.

Os outros jogadores tentam acertar com o bico do seu pião nos piões que se encontram dentro do círculo (tentam dar uma ‘nicaçada’). O jogo termina quando os piões ficarem todos dentro do círculo.

13. Corrida de Arcos

Os arcos eram, normalmente, feitos em pneu (também os havia de ferro e de aros das rodas das bicicletas). Para dar-lhe movimento, utilizava-se uma gancha que encaixava no aro. Também servia para travar, virando a gancha para a direita ou para parar, levantando o arco do chão.

Depois de tudo pronto, iniciava-se a corrida que era ganha por aquele que mais rapidamente percorresse uma determinada distância sem deixar cair o arco.

14. Corrida das carretas

Para fazer uma carreta, era necessário ter duas rodas ligadas por um eixo e este encaixado no topo, mais grosso, de uma cana, com altura do corredor. A condução das rodas era feita pelo empurrar da cana e o virar pelo torcer da mesma.

A corrida era ganha pelo corredor que mais rapidamente percorresse a distância sem deixar saltar as rodas da cana.

15. Jogo da Sardinha

É um jogo para apenas duas pessoas.

Uma estende os antebraços e coloca as palmas das mãos viradas para cima, a outra assenta as mãos, com as palmas viradas para baixo, sobre as do adversário. O de baixo vai simulando que tira as mãos e tenta bater nas costas das mãos do outro que, por sua vez, as tenta tirar o mais rapidamente possível, evitando a palmada.

Os jogadores trocam de posição sempre que o que tem as mãos por baixo não consiga acertar nas mãos do outro.

16. Jogo das escondidas

Aquele que lhe sair em sortes, são-lhe vendados os olhos e fica virado para a parede enquanto vai contando até vinte. Simultaneamente, os outros vão-se esconder. No fim da contagem, começa a procura dos escondidos.

Iniciado o jogo, o “sortudo” tenta descobrir os escondidos, dizendo, à medida que os descobre: um, dois, três está ali o João (nome do jogador). Os que estão escondidos têm como objectivo chegar ao ponto de partida sem serem vistos pelo “sortudo”. O primeiro a ser descoberto é o “sortudo” do próximo jogo.

17. Jogo da macaca

Jogo, normalmente, praticado por meninas.

Desenha-se uma macaca de oito quadrados, iniciando-se com três na vertical, depois dois horizontais, um outro vertical e seguidamente mais dois horizontais. (Depois de desenhada parece um avião, visto de cima).

Para o jogo é também necessária uma malha, se possível de formato arredondado.

A jogadora inicia o jogo com o arremesso da malha para o primeiro quadrado. Em seguida, salta para a segunda casa e percorre todas as outras casas da macaca. No regresso, ao pé-coxinho, tem que arrastar a malha para fora sem colocar o outro pé no chão. O jogo continua com o arremesso sucessivo da malha até chegar ao último quadrado e regressar ao primeiro. Durante o percurso de ida, a jogadora só pode pôr os dois pés no chão nas casas horizontais, um em cada quadrado, na volta terá de vir a pé coxinho, arrastando a malha de casa em casa até a atirar fora pela casa inicial.

A jogadora perde quando: põe os dois pés no chão em local proibido; quando a malha fica em cima de qualquer linha ou quando a malha sai sem ser pela casa inicial.

18. Jogo do esconde

Sorteia-se quem vai esconder o objecto. Enquanto o sorteado escolhe um lugar para o esconder, os outros estão de costas voltadas e de olhos vendados. Após o sinal: - “Podem” –os jogadores iniciam a procura. O sorteado, em voz alta, vai dando pistas de aproximação, dizendo: muito frio, frio, quente, conforme a distância a que se encontram do objecto. Quando se encontram muito perto diz: - a ferver; quando estão sobre o objecto diz: - a escaldar.

Aquele que o descobrir será o próximo a escondê-lo.

São estes, alguns dos jogos, que divertiram as gentes desta terra ao longo de várias gerações.

Conclusão

Apresentar uma conclusão sobre um trabalho, essencialmente de pesquisa, não significa o encerrar de um estudo, mas sim um abrir de portas para a sua continuidade. Tendo em conta a importância do património cultural para o estudo da história de um povo, este trabalho pretendeu inventariar os bens materiais, reveladores de marcas históricas, e recolher os bens imateriais, constituídos por saberes ancestrais. Nele reunimos um conjunto de bens que identificam e caracterizam a freguesia da Cumieira. Esta freguesia, com um passado muito remoto, possui um património cultural muito rico. Exemplos dessa riqueza são os indícios de povoamento romano e mouro, as tradições, os cantares, a gastronomia, os jogos. A Igreja Paroquial, construída pelo arquitecto Italiano Nicolau Nasoni (1739), as capelas distribuídas pelas diversos povos da freguesia, de diferentes épocas e estilos de construção, as casas brasonadas e as casas solarengas são um marco importante na cultura desta terra.

Nos últimos anos tomámos consciência desta imensa riqueza e do seu crescente desaparecimento e destruição. Esta tomada de consciência levou-nos a inscrever no mestrado em Ciências da Cultura como meio de complemento da nossa formação e, também, como forma de alargar os horizontes de conhecimento de modo a ser uma mais valia no desenvolvimento de uma investigação. Esta formação habilitou-nos de conhecimentos que nos possibilitaram efectuar uma intensa pesquisa sobre o património material que identifica as origens e a história da freguesia e a recolha de literatura de tradição oral ainda guardada na memória das gentes dos povos que a constituem.

Este trabalho não se apresentou uma tarefa fácil de concretizar, fruto do abandono e destruição do património, do desinteresse das gerações mais novas na sua preservação e da idade avançada daqueles que, nas suas vivências quotidianas, ainda o mantêm vivo. Felizmente, a motivação que nos assolou, deu-nos forças para ultrapassar todos os obstáculos que nos surgiram.

A recolha de informações passou pelo levantamento das principais referências do património arqueológico e arquitectónico e pela identificação de habitantes portadores de saberes ancestrais, como cantares, contos, lendas, anedotas e outras histórias que assumem uma posição de relevo na transmissão dos saberes entre as várias gerações. Posteriormente, partimos para a pesquisa em fontes primárias e trabalho de campo, onde foram realizadas entrevistas, prioritariamente aos habitantes mais idosos, que foram gravadas em suporte digital, de modo a possibilitar a sua análise e textualização. As pesquisas bibliográfica e

documental foram outros métodos utilizados para servir de suporte a algumas das afirmações e conclusões apresentadas.

A área territorial investigada engloba a totalidade da freguesia da Cumieira, inserida na Região Demarcada Douro, mas já no seu limite, sofrendo assim a influência de tradições ligadas à cultura duriense, mas também de tradições de povos com outras culturas e diferentes modos de vida. A sua localização na Região Demarcada e o facto de estar servida, desde os tempos da ocupação romana, por uma via rodoviária, foram factores decisivos para a abertura a outras culturas. A vinda de rogas de terras vizinhas e da Galiza para as vindimas, com passagem quase que obrigatória por esta freguesia, possibilitou um intercâmbio que contribuiu decisivamente para o enriquecimento cultural das gentes da freguesia da Cumieira. A chegada destes grupos à Cumieira era sinónimo de música, de alegria, de festa. Desde o início da sua “peregrinação” até chegarem ao Douro, entoavam canções como forma de assinalarem a sua passagem. Durante a sua permanência, desde a alvorada até ao final da pausa, os cantares ecoavam pelas encostas. Era um ambiente de convívio em que todas as pessoas cantavam, brincavam e desfrutavam de uma verdadeira jornada de amizade. Criava-se, assim, um ciclo de cantares que só terminava com o regresso às suas terras. Este facto possibilitou a aquisição de alguns destes cantares para o repertório desta freguesia, como se constata pelo grande número de cantigas (118) que conseguimos recolher.

A emigração com destino ao Brasil (cerca de 1/5 da sua população - seis centenas de habitantes), entre meados dos séculos XIX e XX, teve, também, um papel decisivo no enriquecimento cultural da freguesia. Esse enriquecimento deveu-se ao facto de muitos deles, após alguns anos emigrados, terem regressado, trazendo consigo uma nova cultura. Este contributo revela-se na quantidade de cantares recolhidos com influência brasileira.

O património cultural oral recolhido, para além das composições líricas, engloba um conjunto de composições narrativas e um conjunto de composições mágicas e religiosas. Através da análise deste conjunto de composições é possível delinear o perfil psicológico e constatar as vivências dos habitantes da freguesia da Cumieira. Em traços gerais, podemos caracterizá-los como alegres, “terra de tanta alegria”, com enorme devoção a Deus, crentes na cura tradicional, com muita fé mas, simultaneamente, muito supersticiosos e com elos familiares muito fortes.

Digo “alegres” pelo elevado número de cantigas que congrega o seu património, pelo conjunto de cantares que descrevem esse sentimento e pela existência de algumas tradições, como os festejos do Carnaval e dos Santos Populares, onde é evidenciada essa alegria:

“vamos dizer com firmeza, queremos morrer a cantar, detestamos a tristeza” ⁽²¹³⁾.

As orações, os responsos e, também, algumas tradições, comprovam a existência de um povo devoto a Deus que, para além da frequência com que assiste à Santa Missa (o número de capelas existentes são uma prova dessa devoção), complementa a sua fé rezando ao longo do dia. As recolhas efectuadas (num total de 22) apresentam-nos orações apropriadas para diferentes circunstâncias, como é o caso da Oração a Santa Bárbara”, rezada em dias de trovoadas, ou para diferentes momentos do dia, caso da “Oração da Manhã”, rezada ao nascer do sol, e da “Oração de Final de Missa”, rezada após o seu término.

Os ensalmos revelam-nos um povo crente na obtenção da cura de doenças por meio de rezas. O recurso frequente às “mulheres de virtudes”, para a obtenção da cura de determinados males, é a convicção de que foram dotadas de uma faculdade divina e que, através dela, é possível a ajuda directa de Deus para o tratamento da doença. Jesus Cristo, Maria ou os Santos são invocados, sempre que se realizam esses rituais.

Também as superstições fazem parte do quotidiano deste povo. Encontrar casas com ferraduras, escondidas atrás da porta, para protecção contra o mau olhado, ou acreditar que o cantar da cotovia durante a noite é prenúncio de morte, ainda é muito frequente.

Os contos, as cantigas ou os jogos revelam-nos uma terra de gente sociável. Desde tenra idade que, através dos jogos, se criava um espírito de amizade e de convívio. “A Macaca”, o “Eixo” ou o “Lencinho” eram jogos colectivos que criavam laços de sociabilidade e desenvolviam a auto-estima. Os contos, normalmente narrados em família ao serão, criavam um ambiente de convívio entre todos e, ao mesmo tempo, um sentimento de união incutido pelos valores que transmitiam. Por seu lado, as cantigas, normalmente entoadas em conjunto, no trabalho ou em alturas de diversão, eram um dos factores que possibilitava um convívio salutar entre os seus habitantes.

São estas vivências, que caracterizam o povo da Cumieira, que lhe dão singularidade e o distinguem de outros povos. É, pois, uma freguesia de vincadas tradições que perduram através dos tempos e que ainda se mantêm vivas graças à memória dos habitantes mais idosos.

Como dissemos no início, com a realização deste trabalho pretendemos contribuir para a divulgação do património cultural da freguesia da Cumieira, sensibilizar e consciencializar os seus habitantes para a importância da sua preservação, alertar as entidades

²¹³ Anexo 40 – “Cumieira Transmontana”.

competentes para a necessidade de manter este legado histórico-cultural; que o trabalho realizado possa também servir de base documental para a realização de futuras investigações.

Bibliografia

I. Referências Bibliográficas Activas

- **BRAGA**, Teófilo (1982), *Romanceiro Geral Português*, Edição Veja, Lisboa.
- **CARDOSO**, Altino Moreira (2009); *Grande Cancioneiro do Alto Douro*, Rolo e Filhos SA, Mafra.
- **DIAS**, Jorge (S/D), *Cancioneiro Popular Duriense*, Edição Centro Cultural Regional de Vila Real, Vila Real.
- **FERRÉ**, Pere (2004), *Romanceiro Português de Tradição Oral Moderna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- **GIACOMETTI**, Michel e al (1981); *Cancioneiro Popular Português*, Edição Círculo de Leitores, Lisboa.
- **HERCULANO**, Alexandre (1909); *Opúsculos*, Tomo IX, Livraria Bertrand, Lisboa.
- **PEREIRA**, Vergílio et al. (1950), *Cancioneiro de Cinfães*, Junta da Provincia do Douro Litoral, Porto.

II. Referências Bibliográficas Passivas

- **ABRANTES**, Ventura Ledesma (1954), *O património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença*, Edição de Álvaro Pinto, Lisboa.
- **ALMEIDA**, António Vitorino de, 1997, *Educação Musical*, 6º ano, Texto Editora Ltd, Porto.
- **ANDRADE E CASTRO**, Bernardim Freire (2009) in *Operações Militares no Norte de Portugal durante as Invasões Francesas*, Edição Direcção de Infa-Estruturas do Exército, Lisboa.
- **ARAÚJO**, Dantas (2004), in *Separata da Revista Turismotel*, Editel, Porto.
- **AZEVEDO**, Correia de (1974), *Brasões e Casas Brasonadas do Douro*, Gráfica de Lamego, Lamego.
- **AZEVEDO**, Correia de (s/d), *Vila Real de Trás-os-Montes*, Tipografia do Carvalhido, Porto.
- **AZEVEDO**, Julião Soares de (1944), *Condições Económicas da Revolução Portuguesa de 1820*, empresa Contemporânea de Edições Ltd, Lisboa.
- **BAPTISTA**, João Maria et al (1874), *Chorografia Moderna do Reino de Portugal*, Vol. I, Lytographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- **BARROS**, Dioguo Guomez de (1499), in *Tombo da Igreja da Cumyeira*, Arquivo Universidade do Minho.
- **BONITO**, Afonso, Jornal “O Cumieirense” de Fevereiro de 2000.
- **BOTELHO**, Henrique (1903); in *Archeologo Português*, Vol VII, Imprensa Nacional, Lisboa.
- **BRAGA**, Teófilo (1994), *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, Publicações D. Quixote, Lisboa.
- **BRANDÃO**, Domingos Pinho (1964), *Nicolau Nasoni, Pintor da Igreja da Cumieira*, Porto

- **C, PADRE J B de** (1814), *Roteiro Terrestre de Portugal*, Quinta Edição, Oficina Rodrigues de Andrade, Lisboa.
- **CABRAL**, António (1979), *Trás-os-Montes e Alto Douro*, Gráfica do Ministério da Comunicação Social, Lisboa.
- **CABRAL**, António (1999), *Tradições Populares II*, Mirasete Artes Gráficas, Lisboa.
- **CAPELA**, José Viriato et al (2006), *As freguesias do distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758*, Barbosa & Xavier Lta, Artes Gráficas, Braga.
- **CIDADE**, Hernani (2004) in *História de Portugal*, Edição Quidnovi, Matosinhos.
- **COELHO**, Nelly Novaes (200); *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. Editora Moderna, São Paulo, Brasil.
- **CORREIA**, João David Pinto (2001), in *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, em Évora, Universidade de Lisboa.
- **CORREIA**, Mário (1984), *Música Popular Portuguesa*, Centelha promoção do livro SARL, Porto.
- **COSTA**, António Carvalho da (1868) *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, Braga.
- **COSTA**, Avelino de Jesus da (2000), *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, 2ª Edição, Edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, Braga.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – I Série A, nº 209, de 08 de Setembro de 2001
- **DIÁRIO DO GOVERNO** nº109 de 8 de Maio de 1823.
- **DUARTE**, Joaquim Correia (1994), *Resende e a sua história*, Vol. I, Lusografe, Braga.
- **FERREIRA**, Joaquim Alves (1999); *Literatura Popular de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Minerva Transmontana, Vila Real.
- **FONSECA**, Álvaro Moreira (1949-1951); *As Demarcações Pombalinas no Douro Vinhateiro*, Editora Instituto de Vinho do Porto, Porto.
- **FONSECCA**, Francisco Pereira Rebello (1791), in *Memórias Económicas*, Oficina da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- **FUNK**, Gabriela (1999), *Poética e enigmática das adivinhas populares portuguesas*”, in Actas do 1º Encontro sobre Cultura Popular 25 a 27 de Setembro de 1997, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, p. 433.
- **GUERNER**, Chistovão (1814), *Discurso Histórico e e Analytico sobre o Estabelecimento da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, Impressão Régia, Lisboa.
- **HOMEM DE MELLO**, Pedro (s/d), *Danças de Portugal*, Livraria Avis, Porto.
- **JUSTINIANO**, Manuel de S. José (1758) in *Memórias Paroquiais*, Vol II.
- **LE MOS**, Ester de (S/D); *Na aurora da nossa poesia*, Coimbra Editora, Coimbra.
- **LIMA**, Augusto C. Pires de (1928) *Cancioneiro Popular de Vila Real*, Edição de Maranus, Porto.
- **LOPES-GRAÇA**, Fernando, 1991, *A Canção Popular Portuguesa*, Editorial Caminho, Lisboa
- **MEMÓRIAS ECONÓMICAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA** (1791), Tomo III, Officina da Academia, Lisboa

- **MENDES**, José Maria Amado & **CASTRO**, Columbano Pinto Ribeiro (1981), *Trás-os-Montes em finais do século XVIII: segundo manuscrito de 1796*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- **MODESTO**, Maria de Lurdes (2005) *Boa vida in Diário de Notícias*, de 24 de Abril, Funchal.
- **MONTEIRO**, J. Gonçalves (1984); *Subsídios para a monografia do Concelho de Armamar*, Novelgráfica, Viseu.
- **NIZA**, Paulo Dias de (1767); *Portugal Sacro-Profano*, Parte I, Officina Miguel Costa, Lisboa.
- **NOGUEIRA**, Carlos (2004), *Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa*, disponível em www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_adivinhas_nogueira_a.pdf, (Consultado em 05 de Junho de 2010)
- **PACHECO**, Helder (1985); *Tradições Populares do Porto*. Lisboa: Editorial Presença.
- **PINHO LEAL**, Augusto (1873), *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário Geographico, Estatístico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa.
- **REIS**, António Matos (2002); *Origens dos Municípios Portugueses*. 2ª edição, Livros Horizonte, Lisboa.
- **REIS**, Fernando de Azevedo (2008): *A música Popular e Folclórica*, Dissertação de Douturamento não publicada. Vila Real: UTAD
- **RIBAS**, Tomaz (1982), *Danças Populares Portuguesas*, 1ª Edição, Livraria Bertrand, Amadora.
- **ROLAND**, Manuel (1965), *A música, das origens à actualidade*, Edições Arcádia, Barcelos.
- **SANTANA**, Maria Olinda, 1999, *Liuro dos Foraes Nouos da Comarca de Trallos Montes*, Editor João Azevedo, Mirandela
- **SARAIVA**, José Hermano (2004); *História das Freguesias e Concelhos de Portugal*, Vol. XV, Gráfica Quidnovi, Matosinhos.
- **SARDINHA**, José Alberto (2005), *Tunas do Marão*, Tradisom, Vila Verde.
- **SILVA**, Francisco Ribeiro da (2003) in *A população e a sociedade*, nº10/2003 de CEPESE, Edições Afrontamento, Porto.
- **SOUSA**, Fernando Alberto Pereira de (2008), in *População e Sociedade*, nº16/2008 de CEPESE, Edições Afrontamento, Porto.
- **TEIXEIRA**, Júlio A. (1946), *Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu Termo*, Imprensa Artística, Vila Real.
- **VASCONCELOS**, José Leite (1882), *Tradições Populares de Portugal*, Livraria Portuense de Clavel & CA, Porto.
- **VASCONCELOS**, José Leite (1887-1889), *As cantigas populares in Revista Lusitana*, Livraria Portuense, Porto.
- **VASCONCELOS**, José Leite (1938); *Opúsculos*. Vol. V, Etnologia, Imprensa Nacional, Lisboa.

III. Dicionários e Enciclopédias

- **CHEVALIER**, Jean & **GHERBRANT**, Alain (1982), *Dicionário dos Símbolos*, traduzido por **RODRIGUEZ**, Cristina & **GUERRA**, Artur, Teorema, Lisboa.
- **COSTA**, Américo (1929-1949), *Dicionário Chorographico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*, Vol V., Livraria Civilização, Porto.
- **DICCIONÁRIO CHOROGRAPHICO** (1936), Vol. V, Tipographia Privativa do Diccionário Chorographico, Vila do Conde
- **DICIOPÉDIA 2003**, Porto Editora Lda, Porto.
- **FONSECA**, Arnaldo (1929-1949) in *Dicionário Chorographico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*, Vol V., Livraria Civilização, Porto.
- **GRANDE DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA** (2002), 7ª Edição, Quidnovi, Porto.
- **GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA** (S/D), Editorial Enciclopédia Lta, Vol. XXVII, Lisboa
- **MACHADO**, José Pedro (1991), *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, Publicações Alfa SA, Lisboa.
- **NOVA ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA**, Vol. X, Ediclube, 1991, Lisboa.
- **REIS**, Carlos & **LOPES**, Ana Cristina M. (2002, *Dicionário de Narratologia*, 7ª edição, Almedina, Lisboa.

IV. Internet:

- Ceia, Carlos, E-Dicionário de Tremos Literários em www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=902&Itemid=2, consultado em 02 de Setembro de 2010.
- Igreja da Cumeieira. In Infopédia, Porto: Porto Editora, 2003-2010. Disponível em [www.infopedia.pt/\\$igreja-da-cumeieira](http://www.infopedia.pt/$igreja-da-cumeieira)>, consultado em 18 de Abril de 2010.
- www.cm-pesoregua.pt/turismo/turismo_lazer3.htm, consultado em 18 de Dezembro de 2009
- www.curiosidades10.com/lendas/o_lobisomem.html, consultado em 14 de Maio de 2010.
- www.eira.espigueiro.pt/gac-cumieira/vilacumieira_economia.html, consultado em 30 de Outubro de 2004.
- www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73696/, consultado em 18 de Dezembro de 2009
- www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=73696, consultado em 12 de Dezembro de 2006.
- www.jornalaguarda.com/noticia.asp?idEdicao=224&id=10160&idSeccao=2624&Action=noticia, consultado em 12 de Junho de 2010.

- www.minerva.uevora.pt/jlc/santovarao/m12_2006.htm em 20ABR2010, consultado em 21 de Dezembro de 2009
- www.moocaonline.com.br/esoterico/quebranto.htm, consultado em 18 de Janeiro de 2010
- www.nervir.pt/public_html/projectos/bisalhaes/historico/raizes_olaria_01.html, consultado em 08 de Maio de 2010
- www.wapedia.mobi/pt/Cultura, consultado em 15 de Agosto de 2009

Anexos:

Composições líricas - Cantigas

Tema: A personificação da natureza

Anexo 1: Cantiga - Pé na areia

Doze meses tem o ano,
Quatro caras tem a lua,
Diga-me lá ó menina:
Quantas pedras há na rua?

Eu só dou beijos
A quem quero bem.
Eu só dou beijos
A quem me quer bem.

Eu só dou beijos
A quem não me falseia.
Bate, bate, bate,
meu amor o pé n'areia

} bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Anexo 2: Cantiga - A lua anda

A lua anda,
O sol desanda,
Anda tudo,
Anda tudo ao redor.

Só eu não ando
E não desando,

Sou leal, sou leal
Ao meu amor.

Não me toques, toques, toques,
Não me loques, loques, loques,
Como faz, faz, faz,
Como faz, faz, faz. } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Anexo 3: Cantiga - Vai alta a lua

Vai alta, a lua vai alta,
Mais alta vai o luar,
Mais altas vão as estrelas
Qui estão no céu a brilhar. } bis

Ora meixe²¹⁴ cavaquinha⁽²¹⁴⁾ meixe, } bis
Ora meixe cavaquinha fina,
Quanto mais a cavaca meixe } bis
Mais eu gosto da menina.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 4: Cantiga - Pus o pé no batatal

Pus o pé na batateira, }
Ora fiz tremer o batatal } bis

Rouxinol repenica o canto, }
Ora vai falar ao meu quintal. } bis

Vai falar ao meu quintal, }
Ora vai falar à minha horta } bis

²¹⁴ Mulher que faz doces ou biscoitos chamados de cavacas.

Rouxinol repenica o canto,
Ora vai falar à minha porta. } bis

Vai falar a outra porta,
Ora vai falar a outro lado, } bis

Rouxinol repenica o canto,
Ora vai falar ao meu namorado. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 5: Cantiga - A perdiz anda no monte

A perdiz anda no monte,
O perdigão no balado⁽²¹⁵⁾. } bis

A perdiz bai dizendo:
- Hás-de ser meu namorado. } bis

Ora adeus que bou embora,
Ora adeus que embora me bou, } bis
Amor não chores pro mim,
Não chores que eu aqui estou. } bis

Não chores que eu ainda aqui estou,
Que eu aqui estou contigo, } bis
Chorarás quando me bires
Num balado sem abrigo. } bis

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 6: Cantiga - Manjerição

Manjerição da janela
Dá-lhe o bento, abana, abana. } bis

²¹⁵ *Balado* = valado; propriedade murada em toda a sua volta.

Não há bala que atravesse }
O peito à Mariana. } bis

O peito à Mariana, }
Àquela c'roa maldita, } bis
Manjerição da janela, }
Dá-lhe o vento, grita, grita. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Tema: Saudade

Saudade, sentimento bem português, revelador de tristeza onde a alma chora de recordações. O sentimento de nostalgia, solidão e angústia de quem sente a falta de alguém. A morte ou a ausência são os motivos mais fortes para a saudade.

Anexo 7: Cantiga - O meu amor foi-se embora

O meu amor foi-se embora, }
Ai, para longe trabalhar, } bis
Aqueles carinhos d'outrora, }
Ai, sempre me hão-de lembrar. } bis

O meu amor, ele virá, }
Já trespassado de luz, } bis
Dentro do peito trará }
Mil saudades d'amor. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

A necessidade de procurar melhores condições de vida, levava, muitas vezes, à separação do casal, o marido parte para terras distantes, enquanto a mulher fica na sua terra a criar os filhos. Esta cantiga fala-nos da saudade provocada pela partida do amado que se ausentou para trabalhar.

A mulher, lamentando esta situação, recorda, com nostalgia, os “carinhos d'outrora” que tão boas recordações lhe trazem e que sempre lhe “hão-de lembrar”.

A mulher continua a alimentar o sonho do seu regresso e, embora já velho, “trespassado de luz”, sente que ele voltará com saudades e com o mesmo amor de quando partiu.

Anexo 8: Cantiga - Pequena da aldeia

Pequena da aldeia,
Que fazes aqui?
Nem comes, nem bebes,
Que é feito de ti?

- No alto da serra
Meu peito sentiu
Saudades por ela,
Mas ela fugiu.

Mas ela fugiu
E deixou-me só,
Vestida de luto,
Sem pena, nem dó.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Esta cantiga retrata os sentimentos de angústia e solidão que a morte de uma mãe provoca. Esta dor leva-nos, muitas vezes, ao isolamento do mundo, à pretensão de ficarmos sós, e foi o que esta criança tentou encontrar. Procurou o alto da serra, onde não visse ninguém, possivelmente o local onde costumava acompanhar a mãe. A criança, além de sentir saudades da mãe, sente a solidão por se encontrar “só” e o abandono em que ficou “sem pena nem dó”.

Anexo 9: Cantiga - Lindas são as criancinhas

Lindas, lindas, lindas
São n’as criancinhas,
Que caras tão lindas

Que a gente adora,
Foi a minha Inês
que se foi embora.

Que se foi embora,
Destino é sorte,
Foi para o Redondo,
Já deixou o norte.

Já deixou o norte,
É beleza em fundo,
Foi no mês de Agosto
E vem em Setembro.

E vem em Setembro,
E se Deus quiser,
Porque ela é menina
E não é mulher.

Aurélio Garcia – 82 Anos – Bouça-Boa Folder A – 12
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD), UTAD

Todas as crianças são bonitas, principalmente quando essas crianças são parte da nossa família. O autor elogia a beleza das crianças, sendo elas tão bonitas, “a gente adora”. O sujeito parte deste pressuposto para justificar a saudade que sente pela partida da sua “menina” para o Redondo, Alentejo. Embora seja uma separação curta, apenas um mês, é o tempo suficiente para criar uma profunda tristeza causada pelas saudades do afastamento.

Anexo 10: Cantiga - O ai, menino o ai

O ai , menino o ai,
o ai, o ai também alibia } bis
em certas ocasiões
ai, se não desse o ai, morria.

Se não desse o ai morria, }
 O meu peito alibiou, } bis
 Quem me dera agora 'star }
 Onde este meu ai chegou. } bis

Onde este meu ai chegou, }
 Que não bi há tanto tempo, } bis
 Fui ter à praia de Espinho, }
 Fui falar ao Regimento. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Uma mulher que suspira de saudade provocada pela ausência do seu amado que partiu para cumprir o serviço militar. O “ai”, um suspiro de amor pelo seu amado e o sonho que ele chegue ao seu destino.

Anexo 11: Cantiga - Ó Laurinda

Ó Laurinda, ó Laurinda,
 Não estejas a ramar⁽²¹⁶⁾,
 Tu bem sabias Laurinda }
 Que eu qu'ia p'a militar. } bis

Que eu qu'ia p'a militar, }
 Que eu ia p'ró regimento, } bis
 Ó Laurinda, ó Laurinda, }
 Não me sais do pensamento. } bis

Não me sais do pensamento, }
 Não me sais do coração, } bis
 Ó Laurinda, ó Laurinda, }
 Vou pedir a tua mão. } bis

²¹⁶ Chorar.

Vou pedir a tua mão,
 Amanhã se Deus quiser, } bis
 Ó Laurinda, ó Laurinda,
 Hás-de ser minha mulher. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Novamente uma cantiga que envolve um militar. Laurinda é uma mulher que sofre com a partida do seu amado para cumprir o serviço militar. Este sentimento é-nos transmitido pelo choro da mulher, “ramar”.

O sentimento de amor está fortemente manifesto nas promessas feitas pelo jovem, num crescendo de paixão. A saudade que esta separação vai provocar será atenuada pelas promessas de amor feitas a Laurinda.

Anexo 12: Cantiga - Primavera da vida

A cantar com muito calor
 Passamos a vida num mar de alegria sem fim,
 A dançar com o meu amor
 Pela nossa terra que é um jardim.

Um dia mais tarde virá,
 Passando com saudade,
 O tempo que mais tarde lembrará
 Será o da mocidade.

Cantemos pois com alegria
 Essa saudade tão querida,
 Enquanto não findar⁽²¹⁷⁾ o dia
 Da primavera da vida.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

²¹⁷ Acabar.

Anexo 13: Cantiga - Meu amor foi p'ro Barsil

Meu amor foi p'ro Brasil,
Meu amor é brasileiro,
Só me manda saudades,
Não me manda dinheiro

E arregaça, pum, pum,
E arregaça, arregaça o teu vestido,
E arregaça, pum, pum,
Arregaça as calças ao teu marido.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Tema: Fainas agrícolas

“Quem canta seus males espanta”. Este provérbio popular traduz a forma de o povo atenuar os seus males, por exemplo, o cansaço e a fadiga, provocados por um longo dia de trabalho. Para isso nada melhor que cantar no trabalho, principalmente quando estes eram colectivos. O trabalho era, em geral, executado ao ritmo de cantares. Os cânticos entoados na época das vindimas são um exemplo da forma como o homem (e a mulher) usava a música para suavizar o esforço dispendido ao longo do dia de trabalho.

Anexo 14: Cantiga - À margem do Douro

À margem do Douro
eu fui à bindima
pela terra acima
contigo bailei.

À margem do Douro
Alegre ginjeira⁽²¹⁸⁾
Aquele videira
Que eu bindimei.

²¹⁸ Bebida que tem como ingredientes a aguardente e a ginja.

Cachos d'ubas aos punhados,
Das dornas⁽²¹⁹⁾ p'ra o lagar,
A alegria nos telhados
Das casinhas do lugar.

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 15: Cantiga - Debaixo desta ramada

Debaixo desta ramada }
Ora viva a pândega, } bis
Ora viva a pândega. }

Anda à roda, anda à roda }
Meu amor aqui não anda. } bis
Anda à roda, anda à roda, }
Meu amor chegou a hora. }

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 16: Cantiga – Fui ao Douro às vindimas

Fui ao Douro às vindimas, }
Não achei que bindimar } bis
Bindimaram-me as costelas, }
Foi o que lá fui ganhar. }

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 17: Cantiga - Não me importo que vindimes

Não me importo que vindimes }
Videirinha que eu podei, } bis
Não me importo qu'outros gozem }
O que eu já gozei. }

²¹⁹ Vazilhas que servem para o transporte das uvas. Antigamente eram em madeiras transportadas em carros de bois, hoje são em chapa metálica para facilidade de transporte e descarga.

O anel que te dei,
Ao Domingo à Trindade, } bis
Fica-me largo no dedo, } bis
Apertadinho n'amizade. }

Se Domingo fores à missa,
Põe-te em sitio qu'eu te veja, } bis
Não faças andar meus olhos } bis
Aos pulos pela igreja. }

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

Anexo 18: Cantiga - Adeus Pêso da Régua

Adeus Pêso da Régua,
Adeus Largo da Estação, } bis
Quando olho para o ar, } bis
Patego olha o balão. }

Eu cá bou mais o meu par, } bis
Eu cá bou toda contente, } bis
Se não me dás uma fala, } bis
Morro aqui de repente. }

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

Anexo 19: Cantiga – Cantiga do vinho

O vinho adorado,
o sangue de Cristo,
Mesmo engarrafado,
Eu não lhe resisto.
O vinho bendito,
Dentro de um copito,
É que ele sabe bem.
Dobra de valor,

Tem belo sabor
Quando está na mãe.

Para que para a tristeza,
Com toda a certeza.
Nem há nada com'ó vinho
Num copinho.

Então não lhe escolho cor,
Bebo que nem um amor,
Até ficar um anjinho.

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 20: Cantiga - Cantares da cava

Agora lá vai um berro, ooouuuu
Lá pr'ós lados do Marão,ooouuuu
Aí vem o nosso patrão,..... ooouuuu
Que nos traz o garrafão.ooouuuu

Ó rapazesizei todos, ooouuuu
Do fundo do coração, ooouuuu
Que viva nossa patroa, ooouuuu
E que viva também o patrão ooouuuu

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Tema: Confissão

Anexo 21: Cantiga - Eu venho dali, d'além

Eu venho dali, dali, }
Eu venho dali, d'além, } bis
Dubaixo da laranjeira⁽²²⁰⁾ }
Muita laranja lá tem. } bis

²²⁰ Laranjeira, símbolo da fertilidade.

Muita laranja lá tem, }
 Muita folhinha amarela, } bis
 Dubaixo da laranjeira, }
 Ainganei⁽²²¹⁾ uma donzela. } bis

Ainganei uma donzela⁽²²²⁾ }
 Ainganei o meu amore } bis
 Dubaixo da laranjeira }
 Faz sombra não faz calor } bis

Laura de Jesus Teixeira, 69 anos, Bairro Novo, Folder A-17
 (Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 22: Cantiga - Aqui, aqui

Aqui, aqui, aqui, }
 Aqui é que eu hei-de estar, } bis
 Aqui neste recantinho }
 Toda a noite a namorar. } bis

Noite e dia a namorar, }
 Noite e dia a dar paleio, } bis
 É um regalo⁽²²³⁾ andar }
 Com seu amor ao passeio. } bis

Com seu amor ao passeio, }
 Com seu amor a passear, } bis
 É um regalo andar }
 Noite e dia a namorar. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

²²¹ Enganar – Ter relações sexuais com uma mulher solteira antes do casamento.

²²² Mulher solteira.

²²³ Satisfação.

Anexo 23: Cantiga -Amores, amores

Amores, amores, eu só tenho um, } bis
Falar a verdade, não tenho nenhum. } bis
Minha adorada, dá-me a tua mão, } bis
Recebe um abraço do meu coração. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Tema: Sofrimento

Anexo 24: Cantiga - Cor Morena

A cor morena
É cor do lírio,
A cor morena
É do meu martírio.

És do meu gosto,
És da minha opinião,
Hei-de amar a cor morena,
Consolar meu coração.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Tema: Carnaval

As críticas pessoais eram muito usuais durante os festejos do Carnaval. Embora toleradas durante este período, “no Carnaval ninguém leva a mal”, muitas delas eram bastante agressivas e algumas mesmo insultuosas.

Anexo 25: Cantiga - Pirantum

Mais um pirantum⁽²²⁴⁾ } bis
Que na roda entrou, }
Deixai-o bailar } bis
Qu’ainda não bailou. }

²²⁴ Pessoa mal vestida; vadio.

Ó de rouba e rouba⁽²²⁵⁾
 E torna a roubar
 Rapaz deixa a moça
 Vai p'ró teu lugar.

} bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 26: Cantiga - Carnaval

Não corteis a folha à malva,
 Nem a raiz à serralha⁽²²⁶⁾,
 É o sustento dos homens
 Em ano de pouca palha.

} bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 27: Cantiga - As esquinas de Arnadelo

As esquinas de Arnadelo
 Já se não chamam esquinas,
 Chamam-se confessionários
 De confessar as meninas.

} bis

Bater, bater, bater,
 Ora bate tamanquinha⁽²²⁷⁾,
 Bater, bater, bater,
 A menina há-de ser minha.

} bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Crítica social direccionada às mulheres de Arnadelo que procuram as esquinas das casas para, escondidas, poderem falar ao seu amado.

Anexo 28: Cantiga - A língua da minha sogra

A língua da minha sogra

²²⁵ Jogo popular dançado.

²²⁶ Planta bravia.

²²⁷ Soca; Chinelo de couro forte e planta de madeira.

Tem um metro e quarenta,
Hei-de mandá-la guisar
Com malagueta e pimenta.

Rambóia⁽²²⁸⁾, a vida é uma folia
P'ra cantar e dançar,
Viva a alegria.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 29: Cantiga - Ó Micas

Ó Micas deixaste ir
O passarinho à rede,
Agora pões-te a chorar
Viradinha p'rá parede.

Enrola, enrola, torna a enrolar,
O passarinho é de quem o agarrar.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Crítica dirigida a uma mulher, Micas, que terá sido enganada pelo seu amado. A perda da virgindade por parte da mulher era um acto altamente reprovável pela sociedade e motivava que, grande parte das vezes, a mulher dificilmente voltasse a encontrar um homem que estivesse disposta a aceitá-la. A mulher agora chora o acto que praticou.

A critica é aproveitada para lhe dar uma sugestão que, depois do que aconteceu, o “passarinho” é para qualquer homem, “é de quem o agarrar”. O passarinho representa o rapaz, a rede o véu da virgindade: o passarinho pode ficar com a rapariga que o apanhar.

Anexo 30: Cantiga - Manel

Lá baixo o Manel Raposa,
O Manel Cié

²²⁸ Farra; pândega.

Com o seu rabo de beludo
Bai de banda, bai di banda, ⁽²²⁹⁾ olé ⁽²³⁰⁾.

Bai di banda, Manel Cié,
bai di banda, bai di banda, olé,
bai di banda Manel Cié.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Canção dançada pelo Entrudo,⁽²³¹⁾ “rabo de beludo”, durante os festejos carnavalescos. Este entrudo, ao som dos cantares, rompia pelo meio da multidão obrigando-a a afastar para não ser fustigada pelo rabo.

Anexo 31: Cantiga - Ó compadre chegadinho

Esta noite choveu papas⁽²³²⁾,
Trabalharam as colheres,
Trabalharam as vassouras
Na cabeça das mulheres.

Ó compadre, ó compadre chegadinho,
Faz favor, faz favor de se chegar,
Ponh’aqui, ponh’aqui o seu pézinho
E vamos os dois bailar.

Esta noite fui dormir
Com a minha prima T’resa,
Acordei de madrugada
Ainda a vela ‘stava acesa.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

²²⁹ Vai de lado.

²³⁰ Expressão de alegria.

²³¹ O Entrudo era um homem que vestido a rigor, com uma croça pintada de várias cores, chocalhos pendurados e com um longo rabo, fazia arredar a multidão para passar o desfile.

²³² Sopa de couve cegada com farinha de trigo.

Cantiga típica da quadra carnavalesca onde a provocação era a tônica dominante. Três quadras, três momentos a salientar. Em primeiro lugar, o homem demonstra a sua autoridade em casa, usando de violência sobre a mulher. Em segundo lugar, os festejos pela felicidade do acto praticado. E em terceiro lugar, a demonstração de virilidade perante um acto de infidelidade para com a sua mulher.

Anexo 32: Cantiga - Entrudo

C'os rapazes era assim:

O Entrudo é festibal

Lá na pátria do marício

Gobernaba-a com chouriço,

O folgar não fica mal.

O senhor Ismael entraba, era assim:

Arredem-se e façam largo,

Armam todos um terreiro

Deixem entrar este soberano

Que é senhor do mundo inteiro.

E a música tocava: tam...tam...ta.... Tocava esta marcha, depois era assim:

Bemos da beira mar,

Lá da terra do marício,

Gobernaba-a com chouriço,

O folgar não fica mal.

E cantava-se:

Nós somos trovadores,

Bemos da beira mar,

Cantamos os nossos amores,

Passamos a vida a cantar.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Tema: Cantares religiosos

Anexo 33: Cantiga - Minha Santa Bárbara

Minha qu'rida Santa Bárbara⁽²³³⁾,
Fermosa e berdadeira,
Quem foi que te desbiou
Cá da nossa Cumieira.

Cá da nossa Cumieira,
Ainda bolto a dizer,
Se eu soubesse quem foi
Bem no mandaba prender.

O nosso pobo está triste,
E até me dá que pensar,
O nosso pobo está triste
Só lhe falta chorar.

Só lhe falta chorar,
Um pedido lhe estou a fazer,
Que regresse à Cumieira,
Nosso pobo a quer ber.

Nosso pobo a quer ber,
Assim é o meu pensar,
Lá na sua capelinha
E no seu lindo altar.

Sua linda capelinha

²³³ Segundo a tradição popular, Santa Bárbara é celebrada pelos fiéis, como advogada contra as tempestades, é a protetora das colheitas. O homem crê que sendo venerada todos os anos, as colheitas estão protegidas contra as intempéries.

É um belo miradouro
Que se vê Bila Real
E a região do Douro.

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Santa Bárbara da Cumieira, como é conhecida na freguesia e nas redondezas, é a Santa protectora das vinhas contra as tempestades. Em 1976, esta peça de arte foi roubada da sua capelinha e não mais voltou a aparecer.

Nesta cantiga, o cantador suplica à Santa que regresse ao lugar onde sempre foi venerada, “lá na sua linda capelinha e no seu lindo altar”.

Podemos dividi-la em vários momentos, de acordo com as quadras. Assim, na primeira quadra, apresenta-nos a Santa e anuncia-nos o roubo. Na segunda surge a promessa de mandar prender quem praticou o acto reprovável. Na terceira quadra, a tristeza que se abateu sobre o povo que a venera. Na quarta, o pedido dirigido à Santa para que volte para o seu lugar. Na quinta, a localização do sítio para o qual deve voltar. Por fim, na última quadra, a exultação do local onde se encontra a capela, “é um belo miradouro”.

Anexo 34: Cantiga - Linda noite de Natal

Linda noite de Natal
Fui fazer uma oração,
Pedir à Nossa Senhora
Que nunca me falte o pão.

A Virgem me respondeu:
- tu estás abençoado,
Que nunca te falte o pão
P’ra poderes cantar o fado. } bis
- Ó meu Deus, ó meu Senhor,
Ó que alegria me deste,
Obrigado meu amor,
Linda prenda me trouxeste. } bis

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Cantiga dedicada à Virgem Maria para solicitar o pão de cada dia. Após a satisfação do pedido, surge o agradecimento a Deus por tal benção.

Anexo 35: Cantiga - Bendito

Bendito e louvado seja
O Santíssimo Sacramento da Eucaristia.
- O fruto do ventre e sagrado
Da Virgem puríssima Santa Maria.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Tema: Cantares dos Santos Populares

Anexo 36: Cantiga – Cantar de S. João

Ó meu lindo S. João da ponte,
Ó meu lindo marinheiro,
Lebai-me nas Vossas barcas
Para o Rio de Janeiro.

E repenica, repenica, repenica,
é o S. João a suar im bica.
Não é nada, não é nada, não é nada,
é o S. João a comer pescada.
E repenica, repenica, repenica,
E o S. João a suar im bica.

Se o S. João soubesse
Quando era o seu dia,
Binha do céu à terra
Com prazer e alegria.

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 37: Cantiga - A bela sardinha

A bela sardinha assada,
Um dia fora de portas,
Foi pelo povo c'roadada, }
Como a rainha das hortas. } bis

Sardinha assada tem fama
Por ser petisqueira e chalada,⁽²³⁴⁾
Muitas vezes ela escama,⁽²³⁵⁾
Muitas vezes é chapada.⁽²³⁶⁾

Com pimentos à mistura,
E a murraça⁽²³⁷⁾ até desanca,⁽²³⁸⁾
Apanha-se uma gressura,
A gente até bai de desanda.⁽²³⁹⁾ } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

A sardinha, durante os meses de Verão, principalmente durante a celebração dos Santos Populares, é comida na rua, nas festas, nas romarias, “fora de portas”. Normalmente, esta refeição é acompanhada por diversos tipos de salada, pimentos, alface, pepino, tomate, daí ser considerada a “rainha das hortas”. A sardinha sendo um peixe acessível “aos bolsos” do povo adquiriu fama de petisqueira e barata “chalada”, mas, “muitas vezes”, é fraca, “ela escama” e é moída. Se acompanharmos este petisco com um vinho fraco, “a murraça”, põe as pessoas mal dispostas, e “apanha-se uma gressura” bebedeira que até ficamos a cambalear.

É notória a quantidade de expressões populares arcaicas usadas nesta canção.

²³⁴ Chalada – barata.

²³⁵ Muitas vezes ela escama – muitas vezes não presta.

²³⁶ Muitas vezes é chapada – muitas vezes está moída, repisada.

²³⁷ Murraça – vinho fraco; na expressão mais popular “vinho a martelo”.

²³⁸ Desanca – ficar derreado com o efeito do vinho.

²³⁹ Bai de desanda – “vai de lado”, vai a cambalear.

Anexo 38: Cantiga - Bairro da Eira

Ó Bairro da Eira⁽²⁴⁰⁾,
Carreirinho das formigas,
Onde os rapazes se assentam
À espera das raparigas.

Ó bairro das casas caiadas,
Das janelas pintadas,
Cheias de flor,
Onde nasceu minha mãe
E eu nasci também,
Cheia de amor.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

O Bairro da Eira, largo central do povoado do Assento, era o local onde, até há poucos anos, se faziam os bailaricos e as fogueiras nos festejos de São João e São Pedro. Pela sua centralidade e, certamente, por ser uma passagem obrigatória para a fonte, onde as moças ao final da tarde se deslocavam com frequência, era o sítio ideal para os homens aguardarem “à espera das raparigas”.

Tema: Hinos de louvor à Cumieira

Anexo 39: Cantiga - A Cumieira

A Cumieira, no alto dos seus vinhedos,
Olavas⁽²⁴¹⁾ e olivais que têm seus doces enlebos⁽²⁴²⁾.
A Cumieira é um ninho de amor,
É a princesa do Corgo,
A melhor dama de amor.

²⁴⁰ Bairro central da freguesia da Cumieira.

²⁴¹ Olavas, será que queria dizer olivas, azeitonas?

²⁴² Enlevos, encantos.

Corações em alborada, nasce a lua,
O rancho segue contente,
As pedrinhas da calçada que há na rua
Nem sentem passar a gente
E o lugar desta aldeia vem cantar,
Tudo serbe de alegria,
Alegria sem probeia⁽²⁴³⁾, desde o toque de alvorada⁽²⁴⁴⁾
Ao toque da Abé Maria.⁽²⁴⁵⁾

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 40: Cantiga - Cumieira Transmontana

Cumieira Transmontana
Cheia de baile e folia,
Quer ser bem lusitana,
Trazemos a romaria,
Ó ramos da nossa terra,
Ó filhos de Portugal,
É gente humilde da serra,
Honramos Vila Real.

A mocidade desta terra
Cumpre sempre,
No campo canta cantigas
Sempre alegre e sorridente,
Ó mocidade vamos dizer
Com firmeza:
Queremos morrer a cantar,
Detestamos a tristeza.

²⁴³ Sem probeia = sem limites.

²⁴⁴ Madrugada.

²⁴⁵ As ave-marias tocam pelas 19:30 horas. O autor, por certo, pretende que se entenda “até final do dia”.

Cumieira linda aldeia,
Cheia de encanto e beleza,
Temos por honra o trabalho,
A nossa maior nobreza.
Ó linda aldeia sem par,
Assim podemos dizê-lo,
Ó terra que foste berço
Do Marechal Teixeira Rebelo⁽²⁴⁶⁾.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 41: Cantiga - A marcha da Cumieira

A marcha da Cumieira	}	bis
Vai ser de certo a primeira		
Por ser alegre e sádia,		
Depois da canseira		
Vai ganhar o dia.		

Tens enxada p'ra cabar
E o pão para amassar
É o pão que dá vida.
Cumieira deve ser
A aldeia sem par
Onde eu vou biber.

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

Anexo 42: Cantiga - Avante

Ávante gente transmontana,
Ávante, viva a liberdade,

²⁴⁶ “António Teixeira Rebelo, fidalgo da casa real, conselheiro, commendador da Ordem de S. Bento de Aviz, marechal de campo, ministro e secretario de estado, fundador e primeiro director de Collegio Militar, etc... Nasceu no lugar de Cilhão, (freguesia da Cumieira) em 1748, falleceu em Lisboa a 5 de Outubro de 1825” (Dicc. Chorografico de Portugal Continental e insular, Vol. V, pag. 1006).

Ávante gente lusitana,
Ávante viva a liberdade.

A nossa terra, jardim em flor,
Ó linda terra do nosso amor,
Terra bendita, ó terra sem rival
És o encanto do nosso Portugal.

A nossa terra, com tanta beleza,
Foi um capricho da natureza,
Assim te juro, nunca te deixarei,
Terra mais linda jamais encontrarei.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 43: Cantiga - Marcha em festa à Cumieira

Cantais gente obreira
Que não há noite, sempre dia,
Quem trabalha a vida inteira
Precisa ter alegria.

Marcha em festa à Cumieira,
Tão gaiteira,
Como moçoilas, radiante
E galante,
Toda a gente diz contente:
- Olha a aldeia toda em festa,
Não há outra como esta.

} bis

Quatro ramos de giesta,
Dois balões, uma fogueira,
É quanto basta p'rá festa
Da gentes da Cumieira.

Quando vais para o quintal
Abrandas os passos teus,
Até o teu avental
Se põe a dizer-me adeus.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 44: Cantiga - Cumieira, Cumieira

Cumieira, Cumieira,
Terra da minha paixão,
Foste decerto a primeira }
Que meti no coração. } bis

Não há, não há,
Não pode ser, não pode ser,
Terra mais linda
Não pode haver, não pode haver.

Turistas dizem assim,
Certos de seus ideais:
- Cumieira é um jardim }
De vinhas e olivais. } bis

Cumieira tem estradas,
Capelinhas e igreja,
E por quem é visitada }
A todos causa inveja. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 45: Cantiga - Minha terra

Ó moças da Cumieira
Desta terra feiticeira,
De encantos tais,
Muito alegre cantai sempre

Porque a tristeza da gente
Não pega mais.
Mal desponta a madrugada
Com vozes em chilreada
Com doce harmonia,
Vós dizeis com tanta graça
À gente que por aí passa
Muito bom dia.

A Cumieira minha terra, meu amor,
Onde não pára a tristeza
E se não conhece a dor,
Ó Cumieira, mocidade sempre em flor,
Alegre canta e trabalha
Desde a aurora ao sol pôr.

Tanta beleza sedutora
Nesta terra encantadora,
Desta linda mocidade,
Para trás nos vai ficar
E mais tarde recordar,
Ai que saudade.

Mesmo à beira dos caminhos,
Encostados, já velhinhos
Vêm dizendo sorrindo
Com sua doce bondade,
Ao passar a mocidade,
O rancho vai lindo.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 46: Cantiga - Um ninho de andorinhas

A nossa terra bendita, tão bonita,

Que não há outra igual, em Portugal,
É um ninho de andorinhas, pequeninas,
Expostas ao temporal, no beiral.
Uma terra tão airosa, tão bondosa,
Que a nossa pátria terá, onde haverá?
Deve ser a Cumieira, a primeira
Aldeia, pois outra não há.

É tão linda a nossa terra,
Temos por ela um tal prazer,
Se vivermos fora dela
Melhor seria, então, morrer.
Terra de tanto trabalho,
Terra de tanta alegria,
Sem descansar, todos cantam
Desde a alvorada at'ó fim do dia.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Tema: Profissões

Anexo 47: Cantiga - Dobadeira⁽²⁴⁷⁾

Esta noite lá na minha aldeia } bis
Tudo dormia só eu namorava, }
Doba, doba, dobadeira doba } bis
Não enrikes⁽²⁴⁸⁾ a meada. }

Não m'enrikes a meada } bis
Não m'enrikes o novelo, }
Doba, doba, dobadeira doba } bis
As tranças ao meu cabelo. }

²⁴⁷ Mulher que fia o linho.

²⁴⁸ Enriçar – emaranhar.

As tranças ao meu cabelo, }
 As tranças à minha amada, } bis
 Doba, doba, dobadeira doba }
 As tranças da namorada. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

O fiar o linho era, normalmente, um trabalho colectivo feito aos serões, local propício para um encontro ou uma simples troca de olhares.

Anexo 48: Cantiga - Saloia lavadeira

Ó saloia⁽²⁴⁹⁾ labadeira,
 Cheia de brio e vaidade,
 Leva a trouxa⁽²⁵⁰⁾ a toda a feira,
 Quando vai para a cidade.
 A freguesa curiosa
 Le⁽²⁵¹⁾ procura a pobrezinha
 Porque é ó labadeira
 Tua roupa tão branquinha?
 No labadouro cor de marfim }
 Eu bato a roupa,e canto assim. } bis
 Sou saloia labadeira
 Sou solteira e sou formosa
 E labo no rio Mondego
 Com o sabão cor-de-rosa.

Aurélio Garcia, 82 Anos , Bouça-Boa

Anexo 49: Cantiga - Lavadeira

- Botei⁽²⁵²⁾ meus olhos ó rio⁽²⁵³⁾

²⁴⁹ Aldeã.

²⁵⁰ Fardo de roupa transportado à cabeça.

²⁵¹ Lhe.

²⁵² Deitei.

Só p'ra ber teu brio
Estabas a labare

- Laba, laba, labadeira,
estás na brincadeira
Estás a namorare. } bis

- Ó Maria olh'ó gaio
Olha o papagaio
Na tua janela. } bis

- Não era gaio nem gaia
Era'ó papagaio⁽²⁵⁴⁾
Da pena amarela. } bis

Laura de Jesus Teixeira, 69 anos, Bairro Novo, Folder A-14
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Sendo a lavagem da roupa no rio, uma tarefa desempenhada em grupo⁽²⁵⁵⁾, esta cantiga tem a particularidade de ser cantada por várias pessoas; cada terceto corresponde a uma fala.

A primeira quadra, cantada pelo homem, retrata a ida de um jovem até ao rio para um possível encontro com a sua amada, “botei meus olhos ó rio”. O segundo terceto, cantada em coro pelas lavadeiras, transporta-nos para um final feliz, o encontro amoroso do jovem com Maria. No terceiro terceto, cantada por uma lavadeira, é feito um alerta à rapariga que se aproxima alguém com o propósito de a ver: o gaio, uma ave de rapina que quer agarrar a sua

²⁵³ Tal como nas cantigas de amigo medievais, o rio, as fontes ou os serões eram locais propícios para encontros amorosos.

²⁵⁴ O surgimento do papagaio nas canções reflecte a influência que a emigração para o Brasil teve na música portuguesa. Segundo dados do Arquivo Distrital de Vila Real, em finais do século XIX e princípios do século XX emigraram para o Brasil cerca de 300 pessoas residentes na freguesia da Cumieira. Segundo esses dados, muitos deles voltaram para levar a família e outros regressaram em definitivo.

²⁵⁵ Na freguesia da Cumieira, era tradição, no início do Verão, as mulheres deslocarem-se, em grandes grupos, ao rio para lavarem as roupas de cama usadas durante o Inverno.

presa ou o papagaio, uma ave que criada em Portugal serve de animal de estimação. Um interessado no seu amor que lhe ronda a janela ou um amor que já está na sua janela, no seu coração?

No quarto terceto surge a resposta de Maria, após a partida do jovem, dizendo tratar-se do seu amado, “era o papagaio da pena amarela”.

O papagaio, sendo uma ave originária do Brasil (ou África), leva-nos a acreditar na influência que a emigração teve no âmbito cultural, isto porque desde meados do século XIX até meados do século XX, emigraram para o Brasil cerca de seis centenas de pessoas, regressando após alguns anos.

Anexo 50: Cantiga - Pedreirinho

Pedreirinho pica a pedra, }
Carpinteiro a madeira, } bis
Cada qual no seu ofício, }
Eu também sou labadeira. } bis

Eu também sou labadeira, }
Lavo no rio de Jordão, } bis
Lavo saias e entremeios⁽²⁵⁶⁾, }
Também labo meu calção. } bis

Estas é que são as saias,
Estas calças é que são,
São dançadas, são bailadas, }
Na raiz do coração. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 51: Cantiga - Padeirinha

Ó que lindos olhos }
Tem a padeirinha } bis

²⁵⁶ Roupa interior, cuecas.

São mal empregados }
Andar à farinha. } bis

Andar à farinha, }
Andar ó calor, } bis
Bate padeirinha }
És o meu amor. } bis

És o meu amor, }
És a minha amada } bis
Bate padeirinha, }
Acerta a pancada. } bis

Acerta a pancada, }
Acerta-a no chão, } bis
Bate padeirinha }
Do meu coração. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Cantiga de amor, cantada por um homem à sua amada.

Esta cantiga desenvolve-se num crescendo de amor. Inicia-se com um interesse amoroso despertado pelo olhos bonitos da padeirinha, na segunda quadra o amor pela jovem já é efectivo, já a trata de “meu amor”, na terceira sobe a intensidade do amor, trata-a por “minha amada” e por fim já é um jovem apaixonado, já é o amor “do meu coração”. Do interesse inicial à paixão efectiva.

Tema: A sedução

Anexo 52: Cantiga - O terreiro é estreito

Afastai-vos raparigas }
Que o terreiro é estreito, } bis
Quero dar minhas voltinhas, }
Quero dá-las a meu jeito. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

A utilização da dança como um meio de sedução. O jovem entra no “terreiro” para apresentar a sua dança e atrair a atenção das moças.

Anexo 53: Cantiga - Viva quem chegou

- Viva quem aqui chegou, }
Por ora não digo quem. } bis
Chegaram aqui dois olhos }
A quem os meus querem bem. } bis

- Como está, meu bem, como passa, }
Meu amor como passou? } bis
- Passo bem, não quero dizer, }
Passo mal, não quero saber. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

O cumprimento como meio de aproximação e cortejo à mulher amada. A jovem responde com desprezo não dando possibilidade de qualquer veleidade por parte do homem.

Anexo 54: Cantiga - Tenho na minha janela

Tenho na minha janela }
O que tu não tens na tua } bis

Um ramo de bioletas }
Biradinho para a rua } bis

Manuel, meu Manuel }
Lindo nome Deus te deu } bis

Quando Deus te não deixou }
Como t'hei-de deixar eu? } bis

Laura de Jesus Teixeira, 69 anos, Bairro Novo, Folder A-15
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 55: Cantiga - Tenho meu amor de frente

Tenho meu amor de frente, } bis
Brincas tu e brinco eu, }
Ora bem cá tu para meus braços, } bis
Ninguém te quer mais do qu'eu }

Ninguém te quer mais do qu'eu } bis
Em toda a sociedade, }
Ora bem cá tu para meus braços } bis
Se for da tua vontade. }

Se for da tua vontade } bis
Assim como é da minha, }
Ora bem cá tu para meus braços } bis
Ó minha rica pombinha. }

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 56: Cantiga - Aqui dentro

Aqui dentro deste salão,
No meio deste sobrado,
Tantos olhos que aqui andam, } bis
Só os teus me dão cuidado. }

Só os teus me dão cuidado, } bis
Só os teus eu quero bem, }
Só os teus é que me agradam, } bis
Só os teus e mais ninguém. }

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

A cantiga situa-nos num espaço, um salão, possivelmente durante uma festa onde há várias mulheres. Um jovem, perante tantos olhares femininos, faz uma declaração de amor à sua amada.

Anexo 57: Cantiga - À entrada da Cumieira

À entrada da Cumieira, olaré, } bis
Logo me cheiram as rosas, olaré. }

Olaré sou tua não o digas a ninguém, }
Olaré só tu, ó meu rico bem. }

Logo meu coração disse, olaré, } bis
Aqui há moças formosas, olaré. }

Olaré sou tua não o digas a ninguém, }
Olaré só tu, ó meu rico bem. }

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Tema: Cantigas de embalar

A canção de embalar caracteriza-se por ser uma melodia calma com uma sonorização de canto agradável ao ouvido. O seu ritmo lento convida a adormecer. São cantigas usadas pelas mães ou as amas para fazer adormecer os bebés mais rapidamente.

Anexo 58: Cantiga - O meu menino é d'ouro

O meu menino é d'ouro,
D'ouro é o meu menino,
Bamos intrega-lo ós anjos⁽²⁵⁷⁾
Enquanto é pequenino.

Nana, nana meu menino
Que a mãezinha logo bem,
É dá-le⁽²⁵⁸⁾ sopinhas com mel

²⁵⁷ “Entregá-lo ós anjos” é uma expressão popular que significa “pôr a dormir na paz dos anjos”.

²⁵⁸ Dar-lhe.

Nana, nana meu menino.

Nana, nana meu menino
Que a mãezinha logo bem,
Bamos entregá-lo ós anjos
Enquanto é pequenino.

Amélia Rodrigues Lisboa, 76 anos, Estalagem

Tema: Cantares alusivos a terras

Anexo 59: Cantiga - Marcha à Régua

Régua dama de nobreza,
com tal beleza
foste dotada.
Teus vinhedos verdejantes,
lembram infantes,
de cavalgada.

Teu brasão tem barco à vela
branca e donzela,
da singeleza.
Uma vila tão ousada
não foi gerada,
da natureza!...

Régua dourada
Douro é teu irmão
és por ele lavada
d'alma e coração.
Régua do Douro,
fama mundial
fez teus bagos d'ouro
Marquez de Pombal.

Régua centro Duriense
um avalanche
te proclamou.
Da lavoura protectora
a redentora
casa fundou.
Casa do Douro e do Povo,
ao Estado Novo,
dê-os também
bendita mina de ouro
pois que do Douro,
Foste a Mãe!...

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 60: Cantiga - Passei pelo Bairro Alto

Passei pelo Bairro Alto,
Por lá era o meu caminho,
A carochinha me disse:
- Ó José paga-me o binho.

- Eu o binho não to pago
Que eu dinheiro não tanho,
Demore-se um bocadinho
Que eu bou ao Brasil e banho.

Matilde sacode a saia,
Cabalheiro lebanta o braço,
Matilde dá-me um beijinho }
Que eu te darei um abraço. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 61: Cantiga - Eu vi Lisboa a arder

Eu bem vi Lisboa a arder
As pedrinhas a espalhar,
Eu bem vi uma menina
Pelo seu amor a chorar.

Toma lá, toma lá, toma lá,
Toma lá o meu coração
Se não me vieres beijar,
Ai, eu morro de uma paixão.

} bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Anexo 62: Cantiga - Se fores ao Porto

Se fores ao Porto, Piedade,
Leva a bandeira da mocidade.

A silva pica, a silva prende, a rosa cheira,
Viradinha a norte, meu amor leva a bandeira.

} bis

Leva a bandeira da fita azul,
Viradinha a norte, viradinha a sul.

} bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 63: Cantiga - Se chegar a ir ó Porto

Se chegar a ir ó Porto
Hei-de jurar o que vi,

} bis

Já dormi na tua cama,
Muito chegadinha a ti.

} bis

São saias meu amor, são saias,
São calças à brasileira,

} bis

São dançadas e bailadas,
Servem de toda a maneira.

} bis

Estas é que são as saias, }
 Estas calças é que são, } bis
 São dançadas e bailadas }
 Da raiz do coração. } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Tema: Cantares alusivos a pessoas

Anexo 64: Cantiga - Menina Aurora

Ó menina Aurora, }
 Eu digo, eu digo, } bis
 Trago na algibeira }
 Cinco reis⁽²⁵⁹⁾ comigo. } bis

Cinco reis comigo }
 Ao lado esquerdo, } bis
 Ó menina Aurora }
 Não posso estar quedo⁽²⁶⁰⁾. } bis

Não posso estar quedo, }
 Não posso, não, não, } bis
 Ó menina Aurora }
 Do meu coração. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 65: Cantiga - Maria

Maria, linda Maria,
 Esse teu nome bendito,
 Tão simples e tão bonito
 Como a clara luz do dia.

²⁵⁹ Moeda antiga do tempo da monarquia.

²⁶⁰ Quietos.

Tanta doçura ela encerra
Que neste mundo, afinal,
Não há como em Portugal
Outras Marias na terra.

A maria quando passa
Traz dentro d'alma bondade,
Até mesmo na desgraça
Só há Marias da Graça,
Marias da Caridade.

Maria tão doce luz,
Esse teu nome irradia,
Que no céu é virgem,
A Mãe de Jesus,
Também se chama Maria.

Nesta terra de Marias,
As Marias concerteza
São alegres melodias
Cantadas todos os dias
Sobre a terra portuguesa.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 66: Cantiga - Maria levanta a saia

Ó Maria levanta a saia,
Ai que a saia está-s'a sujar. } bis
Ai a renda custa dinheiro, }
Ai o dinheiro custa a ganhar. } bis

O dinheiro custa a ganhar, }
O dinheiro ganhei-o eu, } bis
Ó Maria levanta a saia, }
Sacode a saia que mando eu. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

As evidências de dificuldades económicas na chamada de atenção “o dinheiro custa a ganhar”. Perante a circunstância, o homem, como chefe de família que ganha para o sustento da casa, ordena a Maria “levanta ... mando eu”.

Anexo 67: Cantiga - Matilde sacode a saia

Metilde sacode a saia,
Cabalheiro alebanta o braço, } bis
Metilde dá-me um beijinho }
Que eu te darei um abraço. }

Isto é que são as saias, }
Estas calças é que são, } bis
Dançadas são bailadas }
Da raiz do coração }

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

Anexo 68: Cantiga - Amélia

Maria Amélia, sentada ó lume,
C’um pontapé tirou-lhe o costume.
Ora bem comigo, Amélia bem, }
Se a ti não amo, a mais ninguém. } bis
A mais ninguém, não hei-de eu amar, }
Há-de ser contigo até acabar. } bis
Ora bem comigo, Amélia bem,
Se a ti não amo, a mais ninguém.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 69: Cantiga - Ó Julia

Ó Julia, ó Julia, ó Julia,
Qui é, qui é, qui é?
Quem quiser dançar a Julia }
Há-de ser leve do pé. }

Há-de ser leve do pé, }
 Há-de ter o pé ligeiro, } bis
 Ó Julia, ó Julia, ó Julia, }
 Já não quero o teu dinheiro. } bis

Já não quero o teu dinheiro, }
 Já não quero o teu valor, } bis
 Ó Julia, ó Julia, ó Julia, }
 Há-de ser o meu amor. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 70: Cantiga - António vadio

Ó António, ó António, }
 Ó António, ó vadio, } bis
 Caíste da ponte abaixo }
 Foste bober água ó rio. } bis

Foste bober água ó rio, }
 Foste bober água ó mar } bis
 Ó António, ó António }
 Tu não sabias nadar. } bis

Tu não sabias nadar, }
 Foste logo lá p'ro fundo, } bis
 Ó António, ó António, }
 Breve deixaste o mundo. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 71: Cantiga – Cantiga dos nomes

Lídias são patetas,
 Marias vaidosas,
 Miquelinas pretas,
 Armindas moncosas.
 Palmiras tararas,

Rosas malcriadas,
Luíças caloteiras,
Fernandas carecas,
Celestes marrecas.
Alices matreiras,

Conceição e Clementinas são traquinas
Carolinas e Julietas são forretas,
As Teresas mal encaradas.
As Júlias desgovernadas,
As Albertinas gulosas.

Estas que eu falei,
São pois nas melhores,
Porque as que eu faltei
Inda são piores.

De vida arregaladas,
Muito pintadas,
Parecem alguém.
O pobre marido,
muito mal vestido,
Nem casaco tem

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 72: Cantiga - O Avental da Carolina

O avental da Carolina }
Custou-lhe quatro vinténs, } bis

Ainda não era estreado }
Já lhes davam os parabéns } bis

Bate palmas e mais palmas, }
Amor dá-me a tua mão, } bis

Dá-me cá esses teus braços }
Amor do meu coração. } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Tema: Cantares com influências do Brasil

Anexo 73: Cantiga - Meu amor é brasileiro

Meu amor foi p'ró Brasil,
Meu amor é brasileiro,
Só me manda saudades
Mas não me manda dinheiro.

Vai lá p'ra frente,
Vai lá p'ra frente,
Não apertes tanto a roda
Dá entrada a toda a gente.

Vai lá p'ra trás,
Vai lá p'ra trás,
Não apertes tanto a roda
Dá entrada ao teu rapaz.

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

Anexo 74: Cantiga - Papagaio, olha a rola

Papagaio olha a rola, }
Olha a rola coitadinha. } bis
Quem quiser dançar a rola
Benh'á meia-noite à cozinha.

Benha à meia-noite à cozinha } bis
Ó quarto d'onde ela dorme. }
É um baile assiado, }
Vira-te ó rola p'ro outro lado. } bis

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Tema: Cantigas de roda ou divertimento

Anexo 75: Cantiga - Minha saia azul

Minha saia azul alegre }
Solteira te hei-de romper, } bis

Tenho meu amor pequeno, }
Hei-de deixá-lo crescer. } bis

No jardim de tantas damas }
Só uma escolherei, } bis

Escolhe uma para ti }
Que eu também assim farei. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Com a alusão a uma peça de roupa “saia azul”, a jovem evidencia o tempo que ainda pretende ficar sozinha “solteira te hei-de romper”. O amor que esta jovem sente ainda está a despertar, é “pequeno”, já encontrou o homem que desejava, mas ainda não tem o fervor necessário para uma grande paixão. ...“hei-de deixá-lo crescer”, é preciso dar tempo porque só assim o seu amor se pode tornar maduro.

Depois do desejo expresso pela jovem em manter-se só, possivelmente pretendendo afastar algum pretendente, surge a confidência de um homem, perante um amigo, evidenciando o interesse no amor daquela mulher “só uma escolherei” apesar de ser uma terra com “tantas damas”. À utilização da forma imperativa na expressão “escolhe uma para ti” contrapõe-se a utilização do verbo no futuro “escolherei” e “farei”, alegando esperar o tempo necessário para conseguir o amor da jovem, “deixá-lo crescer”.

Anexo 76: Cantiga - A chita da minha blusa

- A chita da minha blusa }
Já não se usa } bis
Vai-se labar. }

Não quero a tua riqueza, }
Quero a pobreza } bis
Do Salazar }

- Roubei-te um beijo, Maria,
 Desde esse dia
 Não sei que sinto. } bis

Por uma coisa tão pouca,
 Fica na boca,
 Não sei que sinto. } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

A chita era um tecido, de algodão, muito usado até meados do século passado, precisamente a época em que António Salazar governou Portugal. Este estadista não apresentou, durante a sua vida, mesmo durante o período que governou o país, qualquer indício de riqueza e, após a sua morte, deixou a família com fracos recursos financeiros.

A canção apresenta-nos uma jovem, Maria, também ela de fracos recursos financeiros, que prefere viver pobre, “quero a pobreza” do que viver com um homem que não ame, “não quero a tua riqueza”.

O homem responde à jovem, fazendo uma declaração de amor. O beijo que lhe roubou, apesar de ser “uma coisa tão pouca”, tão insignificante, despertou nele uma tão grande paixão que “desde esse dia não sei que sinto”.

Anexo 77: Cantiga - Aperta a faixa

Ó rapaz aperta a faixa,
 Ó rapaz aperta-a bem. } bis

A faixa bem apertada
 Ós homens fica-lhe bem. } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Anexo 78: Cantiga - Do alto da Cumieira

Do alto da Cumieira
 Se avista Penaguião
 De dentro desses teus olhos
 Se avista meu coração.

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 79: Cantiga - Três e meio

Três e meio p'rá pedrinha
E um tostão para o anel.
Eu hei-de casar contigo
Se eu chegar a ter mulher.

Se eu chegar a ter mulher, }
Se eu chegar a ter rapaz } bis
Eu hei-de casar contigo
Pr'amizade que o faz

Pr'amizade que a faz,
Pr'amizade que o fez,
Eu hei-de casar contigo }
Senão for agora, é p'ra outra vez. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 80: Cantiga - A pomba

A pomba caiu ó mar,
A pomba ó mar caiu,
Nos braços do meu amor
Agarrei a pomba, ela me fugiu.

Se ela la quisesse
Ficaba a praia deserta,
Bão-se uns amores bêm outros,
Não há palavra mais certa.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 81: Cantiga - Amores dos estudantes

O amor dos estudantes
Não dura, senão, uma hora.
Toca o sino, vão p'rá aula, }
Bêm as férias bão-se embora. } bis

Mas ainda conserva o preceito
 De apertar a sua mão,
 Dá-me um abraço ó anjo, }
 Recebe o meu coração. } bis

Pois agora viras tu, }
 Pois agora viro eu, } bis
 Pois agora viras tu, }
 Viras tu mais eu.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 82: Cantiga - Atirei co'a laranja ó ar

Atirei co'a laranja ó ar,
 Do ar ó chão, caiu, caiu,
 Fui falar ó meu amor,
 Minha mãe não consentiu.

Minha mãe não consentiu }
 E o meu pai estava a ralar, } bis
 Atirei co'a laranja ó ar,
 Do ar ó chão, tornei apanhar.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

O amor de uma jovem que não é do consentimento dos pais. Mesmo sem aprovação a jovem insiste em encontrar-se com o seu amor.

Anexo 83: Cantiga - O automóvel

Lá bai o automóvel, }
 Lá bai a fugir, } bis
 Ó pópó, ó não, não,
 O pópó lá bai a fugir.

Eu não te quero a ti, }
 Eu não te quero, não, } bis
 Já dei a quem merecia }

O meu pobre coração.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

A partida do automóvel que leva o amado. Perante esta separação, que ela não desejava que acontecesse, “oh não, não”, uma resposta negativa para alguém que a pretendia, recusando-lhe o seu amor porque o seu “pobre coração” já estava entregue “a quem merecia”.

Anexo 84: Cantiga - Ó ferreiro, guarda a filha

Ó ferreiro, guarda a filha,
Não a deixes à janela
Anda aí um rapazinho
Que quer fugir com ela.

Vai tu, vai tu, com ela,
Vai tu p’ra casa dela.

És do meu gosto
És da minha opinião,
Hei-de amar a moreninha
Da raiz do coração. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 85: Cantiga - O amor que há-de ser meu

Sapato e meia branca
Requerem meia amarela, } bis
O amor que há-de ser meu
Não passeia nesta terra. } bis

Não passeia nesta terra,
Nem cá há-de passar, } bis
O amor que há-de ser meu,
‘stá p’rá vida militar.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 86: Cantiga - Bota Amarela

Aquele senhor de bota amarela,
Ele me perguntou se eu era donzela⁽²⁶¹⁾. } bis

Se eu era donzela, eu donzela sou,
Aquele senhor, ele me perguntou.

Ó Valentim, Valentim, já tás, }
Ó Valentim és o meu rapaz. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Com uma pergunta “um senhor” revela interesse no amor de uma jovem, que responde afirmativamente às suas pretensões “és o meu rapaz”.

Anexo 87: Cantiga - O meu voto

Esta noite c’o meu voto, }
Lamego se há-de arrasar, } bis
Para que saibas, Lamego, }
Cheguei a Vila Real. } bis

Entra ó meio, entra ó meio, }
Deixai entrar os pimpões, } bis
Ai cada qual com sua dama, }
Para nós é eleições. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 88: Cantiga - Ó prima

Eu hei-de ir à tua terra, ó prima, }
E tu hás-de ir à minha. } bis

Meia volta ao largo, se a sabes dar,
És o meu amor, não te hei-de deixar.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

²⁶¹ Solteira.

Anexo 89: Cantiga - Ó rica prima

Ó prima, ó rica prima, }
Ó prima, porque choras? } bis
Ó prima, ó rica prima, }
Tão novinha e já namoras. } bis

Ó prima, ó rica prima, }
Ó prima, tu porque choras? } bis

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Anexo 90: Cantiga - Usas chapéu à vareira

Usas chapéu à vareira, }
Mandai-o arredondar, } bis
Debaixo do chapéu andam }
Olhinhos de namorar. } bis

Ó que lindo par eu lebo
Aqui à minha direita,
Ó que linda rosa barnca }
Que tão belo cheiro deita. } bis

À que lindo amor eu lebo
A meu lado, junto a mim,
Ó que lindo crabo roxo }
Criado no meu jardim. } bis

Vejo terras de Além-Douro, }
Vejo a serra do Marão, } bis
Também vejo a Cumieira, }
Terra de meu coração. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 91: Cantiga - Se o loureiro

Se o loureiro não tivesse }
Pelo meio tanta flor, } bis

Da minha janela
Bia os olhos ó meu amor. } bis

Assim, assim, assim,
Disse meu pai que não era assim, } bis

Pega lá que te dou eu
Um abracinho igual ao teu. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 92: Cantiga - Senhor Padre Valentim

Senhor padre Valentim,
Não se pode ser mulher,
Se é bonita, agrada a todos,
Se é feia, ninguém a quer.

Marca o passo minha branca flor,
Já aqui está quem há-de ser o meu amor. } bis

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 93: Cantiga - Ao passar a ribeirinha

-Ao passar a ribeirinha }
Pus o pé, molhei a meia } três vezes
Não casei na minha terra }
Fui casar à terra alheia } três vezes

-Minha mãe casa-me cedo }
Enquanto eu sou rapariga } três vezes
E o milho sachado tarde }
Não dá palha, nem espiga. } três vezes

Graciete Martins, 90 anos, Amoreira

Como foi assinalado, na análise de outras composições, a perda da virgindade, antes do casamento, era um acto reprovável perante a sociedade.

Nesta cantiga, a mãe, em conversa com a filha, confessa o acto que praticou e, por isso, a necessidade de casar na terra alheia onde o facto não era do conhecimento geral: “Pus o pé, molhei a meia” é a expressão simbólica que representa a confissão.

Na resposta, a filha suplica à mãe que a case cedo porque só assim é possível amar e ter filhos. A simbologia da expressão “não dá palha nem espiga” poderá ter um significado mais profundo, relacionado com o acto sexual, o prazer e a fecundação. Um campo que “não dá palha nem espiga” é um campo infértil, um campo seco que não serve para nada porque nada produz. A mulher, se não for “cultivada” enquanto é fértil, torna-se num campo abandonado onde nada germina, logo não pode ter filhos que é a razão primordial⁽²⁶²⁾ da sua existência.

Anexo 94: Cantiga - Ao passar o ribeirinho

Ao passar o ribeirinho
Cobrei a minha biola,
Ajuntei os cacos todos, } bis
Madei fazer outra noba. }

Tudo é dançar, dançar, } bis
Tudo é dançar assim, }
Vai de roda c’o seu par, } bis
Bai-me falar ó jardim. }

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 95: Cantiga - Com cinco reis de cigarros

Com cinco reis de cigarros } bis
Aprendi a namorar. }
Só tu, só tu, só tu, }
Só meu mariola, } três vezes
Só tu deixaste ir }
O canário à gaiola. }

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

²⁶² “Bicha seca” é o termo popular, usado na freguesia da Cumieira, para denotar as mulheres que não podem ou não têm filhos.

Anexo 96: Cantiga - Amor não me escrevas

Amor não me escrevas, } bis
Cartas são papéis,

Não quero que gastes } bis
Comigo dez reis.

Comigo dez reis, } bis
Comigo um vintém⁽²⁶³⁾

Ó meu amorzinho } bis
Olha quem lá vem.

Amor dá-me parte
Da tua abalada,
Pode ser que eu
Siga a tua jornada.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 97: Cantiga - Aqui se brinca

Aqui se brica, aqui se dança, } bis
Aqui se joga a laranjinha,

Eu conheço o meu amor } bis
Pelo ranger da botinha.

Pelo ranger da botinha, } bis
Pelo ranger do sapato,

Eu conheço o meu amor } bis
Lá no cimo, lá no alto.

Pelo ranger do sapato, } bis
Pela fita do chapéu,

Eu conheço o meu amor } bis
Como as estrelas do céu.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

²⁶³ Moeda de cobre que valia 20 réis.

Anexo 98: Cantiga - Deixa-me ir

Deixa-me, qu'eu vou com pressa }
Ao freixo tirar o ninho, } bis
O freixo 'stá derreado⁽²⁶⁴⁾ }
C'o peso do passarinho. } bis

Tudo é dançar, dançar, }
Tudo é dançar assim, } bis
Vai de roda com seu par, }
Vai-me falar ao jardim. } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 99: Cantiga - Desenrola teu cabelo

Desenrola o teu cabelo, } bis
Não o tragas, não o tragas enrolado. } bis
Desengana o teu amor, } bis
Não o tragas, não o tragas enganado. } bis
Ajoelha-te aos pés e reza, } bis
Nem assim, nem assim tens compaixão. } bis
Levanta-te e dá-me um beijo, } bis
Ai amor, ai amor do meu coração, } bis

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 100: Cantiga - Ora vai-te embora

Quando o comboio apita }
'stá a chegar à estação. } bis
Ora vai-te embora, }
Vai-te embora }
Se queres ir, } bis
Ora vai-te embora }
Que o comboio 'stá a partir. }

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

²⁶⁴ Que não pode endireitar as costas.

Anexo 101: Cantiga– Rebola a bola

Rebola a bola,
Você diz que dá, que dá,
Você diz que dá na bola,
Você na bola não dá.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Tema: O Ciúme

Anexo 102: Cantiga - A renda do meu avental

A renda do meu abental }
Tem dois corações no meio, } bis
Quando passo por certas damas, }
Pois agora é que m’eu maneio. } bis

Pois agora a m’eu maneio, }
Já me estou a manear⁽²⁶⁵⁾, } bis
Meia bolta que dá seu par, }
Outra meia que torna a dar. } bis

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

A conquista do amor desejado pode provocar inveja e cobiça por parte de outras pessoas que tinham os mesmos objectivos. Uma jovem que conseguiu conquistar o coração ao seu amado sente-se realizada e, ao passar “por certas damas”, numa atitude de superioridade e de provocação, maneia-se.

Anexo 103: Cantiga - A cobra anda na água

A cobra anda na água }
Com a cabeça no lodo. } bis
Eu não falo de ninguém,

²⁶⁵ Andar rápido dando movimento às ancas em tom provocatório.

De mim fala o mundo todo.

São caracóis, caracóis, caraquitos,
São caracóis, caracóis mais bonitos.
São caracóis, caracóis ao luar,
São caracóis que hão-d'estimar.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 104: Cantiga - O meu amor anda arreliado

O meu amorzinho
Anda arreliado
Ele julga que tenho
Outro namorado.

Agora já tenho,
Já me não importa,
Eu só me panteio
Quando vou p'rá horta.

Quando vou p'rá horta,
Quando vou e venho,
Eu já nao m'importo
Do amor que tenho.

Quando vou p'rá horta,
Quando vou e vinha,
Eu já não m'importo
Do amor qu'eu tinha.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

O ciúme de um homem leva a uma zanga. A jovem como já encontrou o amor que pretendia e não tendo necessidade de atrair sobre si a atenção de outros homens, não cuida do seu aspecto pessoal, apenas se “panteia” quando sai à rua.

Anexo 105: Cantiga - Sou bonita

Ela qu'ria, como eu era,
Triste me qu'riam fazer,
Na flor da minha idade
me qu'riam empadecer.⁽²⁶⁶⁾

Sou bonita, sou bem feita,
Sou delicada e tudo,
Bem-haja o pouco ter,
É o que desmancha tudo.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

O ciúme de alguém perante uma jovem bonita e bem feita. A jovem tem a noção da sua beleza, mas a sua pobreza é um obstáculo a arranjar um bom marido.

Tema: Cantigas de Natal

Anexo 106: Cantiga de Natal I

Ainda agora aqui cheguei
Pus o pé nesta escada
Logo meu coração disse: }
- Aqui mora gente honrada. } bis

Lá vão os pastores,
Lá vão para Belém,
Adorar o Deus Menino
E a Sua Virgem Mãe.

Quem diremos nós que viva
Lá na folha do vira-o-vento,
Vivam estes senhores todos
Que estão das portas para dentro.

Graça Catalão, 52 anos, Barreiro

²⁶⁶ Perder o vigor, a alegria.

Anexo 107: Cantiga de Natal II

Venho-lhe dar boas festas,
Anunciá-las também,
Que nasceu o Deus Menino } bis
No presépio de Belém.

Nasceu Jesus, alegres cantemos,
Nasceu o Messias, o Rei da Judeia,
O sol divino reina também,
A voz tranquila cá da nossa aldeia.

Graça Catalão, 52 anos, Barreiro

Anexo 108: Cantiga de Natal III

Cantai, cantai com alegria
As Boas-Festas até ser dia
Na noite destas não há saudades
São prendas de ano da mocidade.

Viva o senhor José,
Viva os anos que ele deseja,
Viva também uma rosa,
Que a recebeu na igreja.

José Silva, 47 anos, Amoreira

Anexo 109: Cantiga - Cantiga de Natal IV

Grato e jucundo⁽²⁶⁷⁾ }
Se canta o hino } bis
Ao Deus Menino }
Que veio ao mundo.

Reina a alegria, }
Lindos cantares } bis
Soam nos ares }
Nesse seu dia.

²⁶⁷ Alegre; feliz.

Em Belém, à meia-noite,
Noite de eterna alegria,
D'aurora nasceu o sol,
Nasceu Jesus de Maria. } bis

Graça Catalão, 52 anos, Barreiro

Anexo 110: - Cantiga de Natal V

Ao sana⁽²⁶⁸⁾ aleluia
Haja alegria
Cantai assim:
Viemos aqui, meus senhores,
Numa embaixada do amor,
Dizer-vos com alegria,
Já nasceu o Salvador.

Já nasceu o Salvador
Em Belém, terra de luz,
Nasceu, nasceu o menino,
Terno e divino
Nasceu Jesus.

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 111: - Cantiga dos Reis

Ora viva o rico, no seu palácio,
Ora viva o pobre, junto a seu lar,
Ora viva o povo civilizado,
Ora viva quem os reis nos vem dar.

Quem diremos nós que viva
Na pelezinha da raposa,

²⁶⁸ Hossana

Viva o senhor José }
E mais a sua esposa. } bis

José Silva, 47 anos, Amoreira

Composições Líricas Lúdicas:

Lengalengas

Anexo 112

Ia eu pela serrinha acima,
Veio a geada, prendeu-me a perninha.
Oh neve, tu és tão forte que o meu pé prende?
Eu sou tão forte que o sol me derrete.
Oh sol, tu és tão forte que derrete a neve, a neve o meu pé prende?
Eu sou tão forte que a nuvem me encobre.
Oh nuvem, tu és tão forte que encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?
Eu sou tão forte que o vento me espalha.
Oh vento, tu és tão forte que espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?

Eu sou tão forte que a parede tem mão em mim.
Oh parede, tu és tão forte que tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?

Eu sou tão forte que o rato me fura.
Oh rato, tu és tão forte que fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve meu pé prende?

Eu sou tão forte que o gato me caça.
Oh gato, tu és tão forte, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve meu pé prende?

Eu sou tão forte que o cão me mata.
Oh cão, tu és tão forte, mata o gato, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?

Eu sou tão forte que a água me afoga.

Oh água, tu és tão forte, afoga o cão, mata o gato, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?

Eu sou tão forte que o boi me bebe.

Oh boi, tu és tão forte, bebe a água, afoga o cão, mata o gato, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?

Eu sou tão forte que o homem me mata.

Oh homem, tu és tão forte que mata o boi, bebe a água, afoga o cão, mata o gato, caça o rato, fura a parede, tem mão no vento, espalha a nuvem, encobre o sol, derrete a neve, a neve o meu pé prende?

Eu sou tão forte que Deus me mata.

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo Folder A – 10
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 113

Os cavalos a correr,
As meninas àprender
Qual será a mais bonita
Que se irá esconder.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 114

Não há Sábado sem sol,
Domingo sem missa,
Nem Domingo sem preguiça.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 115

Para entreter as crianças quando estavam a chorar, pegava num pau, um bocadinho aceso e fazia assim c'o pau e dizia assim:

Fita bonita,
Cordão de retrós,

Menina bonita
Não é para vós.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 116

Joaninha voa, voa,
Que o teu pai vai p'ra Lisboa,
Enfiada numa linha
A tocar a campainha.
Dlim, dlim, dlim...

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 117

Pico, pico, sarapico,
Quem te deu tamanho pico?
Foi a velha socarralheira
Que anda lá pela ribeira
Ápanhar ovos de perdiz
Que são filhas do juiz
E 'stão presas pelo nariz.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 118

Grilinho sai cá fora
Que o teu pai morreu agora
Com uma faca de leitão
Espetada no coração.
Gri, gri, a tua casa não é aí,
A tua casa é aqui.
Gri, Gri.

Composições Narrativas

1. Anedotas

Anexo 119

Um casal de namorados, namurabum-se já quase há dois anos e acuntece que diz eles assim:

- Bem, agora que estamos a namorar já quase há dois anos, bamos resolver casar. E diz a namorada assim: - Ah, primeiro temos que falar c’ os nossos pais! - ‘tá bem, bamos falar c’os pais. Foram falar com os pais, combinaram o casamento. Casaram-se. Quando foi na boda, no fim da boda, foram quinze dias gozar lua-de-mel. No regresso da lua-de-mel de quinze dias, a rapariga foi parar ao Hospital e o marido foi pr’ó Cemitério.

E agora diz a menina assim, porqueia?

Porque ela era enfermeira e ele era cobeiro.

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo

2. Adivinhas

Anexo 120

Ia um gajo a cabalo e havia uma rapariga, uma moça nova, num campo, derreada a trabalhar. O gajo parou e disse-lhe:

- Ó menina, ó menina do combro⁽²⁶⁹⁾, deixa-me meter o meu de entre as pernas no seu redondo?

Diz ela: - Não, ainda é cedo, está pelado, mas quando tiver pêlo venha cá metê-lo.

Resposta: A menina do combro, era ela que estava derreada, estava a trabalhar. O “redondo” era o campo. E o “meu de entre as pernas” era o cabalo. E que “estava pelado” que ainda não podia lá metê-lo, “e’stava pelado”, não havia erva e quando tivesse “pêlo que fosse lá metê-lo” era quando tivesse erva podia lá meter o cabalo a pastar.

Fernando Martins de Moura, 74 anos, Estalagem

²⁶⁹ Parte mais elevado de um rego.

Anexo 121

Sou linda e divertida,
Um pouco achatada,
Sem comer fruta nem leite,
Ando por vezes destemperada.⁽²⁷⁰⁾
De seis filhos que tenho
Vivem da minha manutenção,⁽²⁷¹⁾
Tenho as tripas de fora,
Já venho assim de nascença.
Resposta: a viola.

Olinda de Jesus Esteves, 74 anos, Eira

Anexo 122

Bou-lhes dizer uma adibinha:
Estabam uma poucas de pombas juntas. Passa um gabião e diz axim p'rás pombas:
- Adeus ó cem pombas.
E diz axim uma:
- Cem pombas não, mas nós e outras tantas como nós e a quarta parte de nós e contigo meu gabião, cem pombas são.

Augusta da Conceição Teixeira Brás, 84 anos, Covêlo

Anexo 123

Uma belha, muito belha, c'o cigarro na garganta, de sete filhas que tebe só uma xaiu xanta.

Xabe essa? É boa de xaber. Então não é a xemana xanta?

Augusta da Conceição Teixeira Brás, 84 anos, Covêlo

3. Histórias Jocosas

Anexo 124

Um gaijo antes de morrer disse p'rá mulher:

²⁷⁰ Desafinada.

²⁷¹ Sustento

- Ó mulher, eu quando morrer, era um gaijo pingolas, gostava de uma pinga, de comer umas febras de presunto ou salpicão, quando morrer não te peço mais nada, pões-me uma garrafa de binho e um salpicão ou dois, para coisa, para eu lá comer.

Morreu. Lembrou-se.

- Ai, o vosso pai disse isto assim, tenho de lhe fazer a vontade.

Já na urna, lá abriram, pronto, a mulherzita lá lhe mete o que ele pediu que queria levar a garrafa de binho e o salpicão ou dois. Fecharam, toca a sair o enterro. A mulher começa agritar, o costume, aaaaaii. Os vizinhos:

- Deixa lá.

- Ai que eu só tenho pena do que ele leva no meio das pernas, ai que só tenho pena do que ele leva no meio das pernas.

- Ó mulher, então ainda agora vai a caminho e já estás aí a gritar.

- Ai que eu só tenho pena do que ele leva no meio das pernas.

- Então?

- Era uma garrafa de binho e dois salpicões que ele pediu para levar.

Fernando Martins de Moura, 74 anos, Estalagem

Anexo 125

Ela tocaba biolino e ele tocava biolão...

Uma altura, eu tinha uma amiga, que era muito minha amiga, só a mim é que me contava os segredos, e eu sabia que ela que se ia casar. Mas teve um namorado antigo e, pronto, perdeu a virgindade com ele. Depois arranjou um marido e num lhe queria, num lhe queria dizer, num lhe queria dizer.

Então o marido, quando se casou, foram para a cama, iam-se deitar, e ela num queria ir, tinha medo. E depois ela tocaba biolino, e ele tocava biolão, já há muito tempo, e ela disse-lhe:

- Então bamos, antes de ir para a cama, fazer uma serenata.

E então ela foi e começou a tocar biolino, e no biolino cantava assim:

- Já não tenho virgo, já não tenho não...

E o marido, que tocava biolão, ouviu aquilo e dizia assim:

- Ó que puta, ó que puta, então... Ó que puta, ó que puta, então...

Quando tal, puseram tanta vez aquilo a tocar, encheram-se, no fim ele disse assim:

- Olha, quer tenhas ou não, o trabalho já não no levo tanto. Bamos lá a isso. E lá foram. Pronto. Acabou a história.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 126

Um indibíduo tinha um papagaio à porta. E chamaba-se Manuel. E o papagaio começou “Eu bi o cu ó Manel, eu bi o cu ó Manel.” Diz o dono do papagaio assim: - Oube lá, se boltas a dizer uma coisa dessas, eu bou-me a ti, depeno-te todo, ficas todo depenadinho! O papagaio esqueceu essa.

Passaba lá uma senhora que ia p’ ó trabalho todos os dias de manhã e o papagaio começou-se a meter co’ ela.

- Olha, lá bai ela toda emproada, de dia bai p’ó trabalho e de noite bai p’á noitada. No segundo dia a mesma coisa, lá bai ela toda emproada, de dia bai p’ ó trabalho e de noite bai p’á noitada. O que é que ela resolveu? Resolveu a contar ao marido. Chegou a casa: - Oh homem, olha que o papagaio dali do bizinho, do Manel, está-me a probocar. - Então o que é que se passa? - Que de dia bou p’ó trabalho e de noite bou p’ á noitada. -Ah! Então espera lá que eu já lhe trato da saúde! Vou-lhe trocar o pescoço! Lá bai ele, bou pôr uma piruca na cabeça, bou-me pintar todo, bou bestir a tua roupa, bou calçar os teus sapatos. Bais ber que eu bou-lhe trocar o pescoço. Lá bai ele, preparou-se todo, todo pintado. Lá bai ele pela rua fora, a passar perto do papagaio. Diz o papagaio assim: - Ena, ena, lá bai ele todo gaiteiro, durante a semana é corno ao sábado é paneleiro!

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo

Anexo 127

Uma senhora tinha três filhas, e era biúba. A mais belha resolveu casar-se. Diz a mãe assim, fez o casamento à filha e diz-lhe a mãe no outro dia assim: - Oh filha, que tal aquela coisinha? Tal... - Oh mãe, é comprida, mas é delgadinha. -Oh filha, afunda, mas não alarga. Aquilo passou-se. Quando resolveu casar a do meio. No outro dia do casamento, diz a mãe assim: - Oh filha, e que tal aquela coisinha? - Oh mãe, curtinha, mas grossa. - Oh filha, alarga, mas não afunda. Quando resolveu casar a mais noba, lá fez o casamento, e no outro dia diz a mãe assim:

- Oh filha, que tal aquela coisinha?
- Oh mãe, comprida e grossa!
- Oh filha, que rica coisa para a tua mãezinha!

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo

Anexo 128

Um namorado, já namoraba a rapariga há uns dias e ele, ele queria ir dançar lá p'ó conjunto. Queria ir dançar e diz a filha assim:

- Não, não posso ir dançar, que a minha mãe disse-me que me pode cair a passarinha.

- Não, isso não pode ser possível.

- A minha mãe disse que não posso dançare!...

- Pronto... Mas nós fazemos bem. Vamos ali a um recanto, eu dou-te dois pontos e depois tu já podes dançar. - 'tá bem, pronto. Lá foi dar os dois pontos e diz ela ó fim:

- Olha, dá outros dois.

- Não, que já não tenho mais linhas... Lá foram p'ra casa. A filha chegou a casa: - Oh mãe, agora já posso dançare. - Proquê, minha filha? – Olhe eu contei ao meu namorado e ele deu-me dois pontos, eu ainda pedi outros dois, mas ele disse que não tinha mais linhas, mas eu meti assim a mão pro baixo e ainda encontrei dois novelos.

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo Folder

Anexo 129

Dois miúdos, dois irmãos, o miudito era mais belho e a miudita era mais nova. Andavam a brincar no quintal, a mãe lá estava a fazer a lida de casa, olha da janela, vê-os todos surrados, todos cheios de pó, de terra, do quintal.

-Ah, seus patifes, ah, seus macacos, já p'rá banheira os dois! Toca a tirar a roupa e já p'rá banheira.

Lá vão os miúdos por ali acima, zás, toca a despir-se, banheira...

A miúda começou a olhar p'ó irmão e olhou assim, biu-lhe a pilinha, começou a olhar p'ó irmão e olhava por ela abaixo e não via nada e diz ela:

- Oh mãe! Oh mãe!
- Que é filha?
- Anda cá!
- O que é que foi?
- A mãe lá foi.
- Que é que aconteceu?
- O mano que tem ali no meio das pernas?
- É uma pilinha!
- Eu também queria uma pilinha, também quero uma pilinha.

Diz-lhe a mãe assim: - Não te incomodes filha, quando fores grande e se te portares bem... também vais ter uma.

Diz-lhe o irmão assim: - E se te portares mal, tu vais ter muitas...

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo

Anexo 130

Olhe, foi uma ocasião, dois irmãos, um era mais pacato, mais honesto, mais coiso, não era tão asneirento, nem nada. O outro era mais rebelde.

E o que era mais pacato resolveu casar-se. Diz ele assim p'ó irmão: - Ouve lá, eu vou-me casar e tu também vais ó casamento, mas eu quero que tu no dia da boda não faças p'ra lá distúrbios. Vão p'ra lá pessoas de bem, pessoas agradáveis, não vais sujar a minha imagem.

- Não, nem penses numa coisa dessas, s' eu ia fazer uma coisa dessas.

Foram à igreja, fizeram o casamento, quando foi p'r'á boda lá vão lavar as mãos para poder comer e ele tinha mais uma senhora junto com ele à bacia para lavar as mãos, diz ele assim:

- Ai que mãos tão lindas, tão delicadas, tão branquinhas!...

Diz ela assim:

- Pois é, porque eu uso luvas.
- Olhe, minha senhora, não é nada disso, qu'eu também uso cuecas e tenh' os colhões pretos.

Armando Machado Brito – 69 Anos – Bertelo

4. Contos Populares

Anexo 131: - Um homem muito rico...

Era um homem muito rico,
Quatro bezes subiu o bouco,
Casou c'uma mulher pobre,
Grande soberba alcançou.
Foi um probezinho à porta,
Esmola lhe foi pedir,
Nem lhe binha abrir a porta,
Nem o binha despedir.
E o homem como dorido,
Dorido do coração,
Beio da sala para a cozinha,
Deu-lhe um bocado de pão.
E ela como malbada,
E das mãos lhe foi tirar,
E nesse dia em qu'ele ia,
À caldeira a foi deitar.

Corina Gomes Pereira da Silva 68 anos Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 132

Então a história é assim:

Era uma vez um casal de lenhadores que tinha três filhos, e um dia, como não tinham que lhe dar de comer, decidiu abandoná-los na floresta. As crianças tanto andaram até que encontraram uma casa, lá vivia um lobisomem. Depois de comer foram dormir juntamente com as três filhas do lobisomem. Elas usavam um carapuço para dormir. Quando o lobisomem chegou a casa disse à mulher que lhe cheiraba a carne humana, mas ela disse que não era nada, que era dele estar cansado. A criança desconfiou do que se estava a passar e roubou os carapuços às filhas, às filhas do lobisomem para os pôr na cabeça dela e dos irmãos. Ao meio da noite o lobisomem acordou e foi bisitar o quarto das filhas e encontrou lá mais três crianças. Como tinha fome e não tinham carapuço comeu-as. Ora bem, entretanto as

crianças aproveitaram para fugir, pois...

De manhã, quando o lobisomem acordou e deu conta do sucedido, do que tinha acontecido, foi depressa calçar as botas de sete léguas e passou a floresta para o outro lado à espera das crianças. Como demoravam e estava cansado, enfadado, adormeceu. As crianças ao aproximarem-se repararam que era o lobisomem e que estava a dormir. A mais nobra das crianças rouba-lhe as botas e calçou-as e num salto chegou a casa levando consigo os irmãos. Ora bem, os pais quando os viram correram de alegria a abraçá-los.

A notícia do sucedido espalhou-se rapidamente por todo o lado e o rei quando soube mandou-os chamar e ofereceu-lhes muito dinheiro para terem sempre que comer. A partir daí foram muito felizes e acaba a história.

Fernando Martins de Moura, 74 anos, Estalagem

Anexo 133: -A bruxa de Lamego

Antigamente, quando nós éramos pequeninas, que fazíamos os serões, os nossos avós diziam-nos sempre alguma coisa. Mas isto, que ela me contou, a minha avó, era verdadeiro, mesmo. A avó..., o avô dela, da minha avó, já na altura, naquelas alturas diziam que havia muitas bruxas e labisomes... naquela altura havia. E então havia as horas de rega, havia as horas de rega p'ra regarem. Como o povo tinha... regava daquela força, regavam mais pessoas, num é ...tinham aquelas horas.

E então, uma altura, o meu avô, da minha avó, foi lá regar das duas às quatro horas. Chegava lá, a poça estava sempre baziá. E ele começava a ralar e começavam-se a rir, a bater palmas, dentro duma mina, que tinha. E então eles diziam que eram as bruxas. Ao outro dia tornava lá, era na mesma. E ele disse:

- Não, desta vez elas pouco de mim num vão fazer. Pegou numa navalhinha que levava. E disse assim: - Eu vou fazer e acontecer. Andavam a dançar e a bater as palmas, dizia ele, e ele pegou numa navalhinha e picou uma. E ficou ali aquela menina, nua, porque as bruxas que andavam sempre nuas, num sabiam, porque elas saíam de casa e àquela hora tornavam, num é, mas não sabiam que eram.

E então ele pegou num casaco, bestiu-a e trouxe-a p'ra casa e deitou-a a dormir com a filha. E aquela filha... E depois ela disse de donde era. Era de Lamego. E eles foram lá levá-la, que antigamente nem havia carros, e elas tinham um burro. Quase todos tinham, assim, um burrito, e foram lá levá-la. E depois os pais até ficaram muito agradecidos, que num sabiam,

já andavam todos aflitos por num saber da filha, e até lhe deram coisas, depois, para eles trazerem, que eram pobres e ... ficaram todos contentes.

E quebrou-lhe o fado, porque depois de serem picadas, quebrou-lhe o fado. Mas... foi a essa, porque continuava, continuou muito tempo a ser essa coisa das bruxas.

Corina Gomes Pereira Silva, 68 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 134: - As bruxas

As bruxas muitas vezes deziã que iam aos armazéns beber vinho, lá que se emborrachavam. Deziã que entrabam pelo buraco da fechadura.

Primeiro habia muita coisa de bruxas, agora já não se fala tanto disso. Mas primeiro em qualquer encruzilhada cá da terra cheiraba ao azeite cimbro que era o azeite qu'elas se lababam, por bisto com ele.

Quando tal, agente ia a passar e cheiraba ao azeite cimbro e dezia-se:

- Olha, hoje passaram por aqui as bruxas.

Deziã, assim, as bruxas quando saíam de casa:

- Eu te benzo com as fraldas do meu cu, enquanto bou e benho não acordes tu.

Aurélío Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 135: - Era a oliveira...

Uma altura, o meu pai era enxertador, e andaba na Cumieira, nas enxertias, depois... nas enxertias, era a de comer, e comiam também à noite. Entretinham-se mais um bocadinho, comiam... e vinha mais tarde. E era na altura... naquela altura havia... ele dizia que havia as bruxas. E depois ele vinha a pé da Cumieira p'ra baixo, de noite. Beio uma noite, que era muito luar, chegou ali ao Carbalhal, biu no meio da estrada uma meda de sombras a dançar, e ele:

- Ai, que estão ali as bruxas! Como hei-de fazer? Se bou p'r'ó caminho de Santa Bárbara, estão elas ali; se bou por aqui, estão elas ali. Como bou fazer?

Mas ainda parou, com medo. Conforme binha o vento, mais elas dançabam. Diz ele assim:

- Eu tenho que passar, seja como for.

Afinal, ao passar, eram... o luar... era uma oliveira, que fazia o luar. Conforme binha o vento, dançaba no meio da estrada, e ele cheio de medo. Estaba a ber se tornaba p'ra trás... e num era, era a oliveira.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 136: - Os labisomes

Conforme havia as bruxas, num é, também habia os labisomes... As bruxas, pronto, ficabam assim... eram... como eram. Os labisomes diz que eram transformados em cabalos, mesmo. E, às vezes, os antigos diziam mesmo, de noite, sentiam aqueles barulhos e nós aqui, num é, que estamos aqui numa laguinha, que vai ter ao rio, chamamos-lha ribeira, e depois eles diziam:

- Por aquela ribeira abaixo, aqueles cascos dos cabalos até faziam lume. E eram os labisomes. Mas era só de noite, porque àquela hora demarcada,

amanhecendo o dia, transformavam-se na pessoa que eram. Ao outro dia podiam virar outra bez ao mesmo labisome, mas naquele dia... ficabam até amanhecer. De noite, só de noite é que era. Logo que lá está, mas muitos já sabiam, agarrabam aquelas agulhetas que primeiro pica... espicaçabam os bois e os cabalos e assim, logo, ao eles passarem, aqueles mais robustos que num tinham medo, com aquele ferrão que os picassem, ficabam na mesma pessoa; ficaba homem como ficou... como ficaba a bruxa.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 137: - Testemunho sobre a existência do lobisomem

O lobisome, oubia-se aqui dizer que binha das Laranjeiras p'ra baixo, feito num cabalo branco e depois binha c'umas correntes de rasto, fazia um barulho, e tudo, e metia pela Costa da Beiga abaixo, que se sumia por ali p'ra baixo.

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 138: - O Morto da Beiga

Antigamente, foi muito antigamente, mas pronto, ainda é de lembrança dos meus pais e assim. Na Veiga, morreu um homenzinho. Morreu um homem e foram todos ao funeral.

Primeiro era o caminho belho, num havia carros p'ós lebar, tinham que os lebar a subir a costa, sempre ao ombro. Quando chegaram ao cemitério, abrem o caixão p'ra... p'ra dizer o responso, o home pôs-se a pé, começou a fugir.

Por isso lhe chamaram o Morto da Beiga, que ainda hoje é a família dos Mortos da Beiga. E é o morto-bibo. Toda a gente lhe chamaba o morto-bibo, porque chegou lá estava morto... estava bibo!

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 139: - O morto da Igreja

Também dezião que iam pôr os mortos na igreja. Um certo dia que um morto que beio a si, supomos que ficou em estado de coma, e que beio a si e quando se biu sozinho, que beu, binha p'ra sair da igreja e conforme crabou as mãos na tranca, que a porta que não abriu e que depois tiberam que lhe cortar as mãos p'ra lo tirar as mãos da tranca p'ra fora.

Conforme apertou as mãos na tranca c'o a ideia de abrir a porta que não conseguiu a sair e que tiveram de lhe cortar as mãos.

Se foi berdade eu no sei, ou não, não posso afirmar, mas foram coisas que se oubiram contar.

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 140: - O rico e o índio

A história era assim...

Um índio andaba a pedir esmola e acontece que vai, abordou uma casa de um senhorio grande, de um rinconço, e o gajo correu com ele, não lhe deu nada e ofendeu-o: vai-te daqui meu cão de raça vermelha. O homenzito lá abalou, lá p'ró sítio dele.

Um dia, às tantas da noite, sinte bater á porta, veio abrir a porta. Era o indivíduo que já se tinha perdido à dois dias na floresta, que ele andava a caçar, perdeu-se. Perdeu-se, lá encontrou a aquela porta ... aquela casa com a luz, dirigiu-se, bateu à porta e receberam-no, era o índio a quem ele tinha negado comida, coisa assim no género. O gajo foi muito bem

recebido e de recompensa queria-lhe dar muito dinheiro, muitos haveres, muita coisa e tal... não vou-te fazer assim, assado, vou-te fazer feliz.

Diz ele: - No quero.

- No queres?

- Não.

- Então que é que queres?

- Só quero que se um dia, um pobre índio bater à tua porta, que nunca digas: vai-te daqui meu cão de raça vermelha.

Rezam as histórias.

Fernando Martins de Moura, 74 anos, Estalagem

5. Lendas

Anexo 141: - Lenda da Santa Custódia

O padre binha de Folhadela e depois dizia:

- Quem quisesse saber se os filhos viviam ou morriam, que agarrassem, quando estão doentes, numa camisinha e fossem botá-la onde está a Sagrada Custódia afogada, que é no entre rios, ó vir da Bila (na junção do rios Corgo e Sordo).

E o padre era o que nos dizia a nós:

- A Santa Custódia afogaram-na no entre rios e está ali um milagre. Todas as mães o podem fazer que no há médico que faça milagre. Elas quando têm uma criancinha de mama e que está muito doentinha, muito chiopinha, tira-lhe uma camisinha, leva-a com ela e vai lá e bota a camisinha. Se a camisinha for pela áuga abaixo a criancinha no morre, se a camisinha for abaixo, a Nossa Senhora vá p'ró pé dela, no binga.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 142: - Lenda do Romão

Havia uma propriedade no Romão cujo dono ia regar lá todos os dias. A partir de uma certa altura, chegava lá, encontrava a poça vazia, outro dia vazia, outro dia vazia e resolveram, ele e mais vizinhos, resolveram guardar a ver quem lá ia à água. Quando no foi às páginas tantas viam um cavaleiro romano num cavalo. O cavalo parava em frente à poça e bobia a água da poça. Ora, o que é que ia fazer o cavaleiro? Encontrar-se com uma namorada.

Fernando Martins de Moura, 74 anos, Estalagem

Anexo 143: - Lenda do sino de prata

Então, havia um sino de prata na torre da igreja e alguém de Vila Real resolveram cá vir tentar roubá-lo. Ó descer o sino, a coisa não correu como eles queriam, deixam-no cair e partiu. Ora, partiu. O povo acorda com aquele alvoroço todo, impuseram-se e recuperam o sino, não no deixam roubar. E o padre da freguesia da altura resolveu do sino fazer vários ornamentos para a igreja. Como cálices ou outras coisas no género.

Fernando Martins de Moura, 74 anos, Estalagem

Composições mágicas e religiosas: orações e responsos, superstições e crenças

1. Orações e responsos

Anexo 144: - Oração a Santa Bárbara

Magnífica a minha alma
Engrandeça o seu Senhor,
Espírito Santo s'alegrou
Quando viu seu Salvador.
(Diz-se assim três bezes.)

Santa Bárbora bendita
Que no céu esteis escrita
Com papel e água benta
Nosso Senhor nos livre desta tormenta.
(Também se diz três vezes.)

Santa Bárbora se bestiu e calçou,
A sua Santa irmã labou,
Nosso Senhor le perguntou:
- Bárbora Santa, aonde bais?
- Senhor, ao céu me bou
Espalhar as treboadas

Que andam no mundo armadas,
Bou deitá-las ó Marão
Onde não haja palha nem grão,
Nem meninos a chorar,
Nem campos, nem eiras,
Nem ramos de figureiras.

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 145

Santa Bárbara bendita,
Que no céu estais escrita
Com papel e água benta,
Acuda-nos a esta tormenta.
- Onde vais, Bárbara?
- Vou espalhar as trovoadas
Que no mundo andam armadas.
- Pois vai, Bárbara,
Deita-as ao mundo maninho,
Onde não haja pão, nem vinho,
Nem meninos a chorar,
Nem galinhos a cantar.

Maria Otília Gomes Pereira Silva, 75 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 146

Santa Bárbara se vestiu e se calçou
E ao caminho se deitou
E Jesus lhe perguntou:
- Onde vais, Bárbara?
- Vou espalhar as trovoadas
Que no mundo andam armadas.
- Pois vai, Bárbara.

Deita-as ao mundo maninho,
Onde não haja pão, nem vinho,
Nem meninos a chorar,
Nem galinhos a cantar,
Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria vou rezar
Para da trovoada nos poder livrar.

Maria Otília Gomes Pereira Silva, 75 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 147: - Oração da Quaresma

Ó calvário de amor,
Ao seu filho redentor,
Às costas levais a cruz,
Sendo vós o reino do céu
Que vos levam tão mal tratado
Por caminhos e ruas
Tantos bofetões e também arrepelões
Cuidando de não chegar
Àquele tão triste lugar.
Indo eu caminhando por esta rua,
Avistei uma capelinha de Santa Maria Madalena.
- Que fazeis aqui, Senhor?
- Esta missa estou rezando.
- Esta missa por quem é?
- É do Senhor que andando e quebrando
Aqui se fica o Vosso filho crucificando.
- Estas novas para mim,
Madalena, são bem piedosas
Entrarão pelos meus ouvidos,
Sairão pelos meus sentidos.
- Vós, mulheres, que tendes filhos,
Ajudai-me a chorar as lágrimas de Jesus Cristo,
Jesus Cristo é vosso filho,

Vosso filho berdadeiro.
Numa Santa Sexta-feira
Desceu Nosso Senhor de sua cadeira
E se encontrou com o São Pedro e São João.
São Pedro chorava, São João dizia:
- Não choreis a madre minha,
Que a nós bale mais a morte do que a bida.
Estando aqui neste planto
Aqui passou Nosso Senhor,
Me deixou esta cruz,
Também este pendão,
Para quem se lembrar da sua santa sagrada morte e paixão.
Quem beijar a santa Cruz, sua alma terá luz;
Quem beijar a santa pedra, a sua alma se não perca.
Quem esta oração disser, na quarentena do Senhor
Quatro vezes cada dia, quatro almas salvaria:
A primeira será sua, a segunda de seu pai,
Terceira de sua mãe, quarta de quem Deus quiser,
Mais pecados que lá tenha, Ámen.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos, Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 148: - Acto de contrição

Acto de contrição,
Senhor meu Deus Cristo,
Homem verdadeiro, criador, redentor meu,
Por seres Vós quem sois, infinitamente bom,
Digo-vos ser amado, pusemos estimo,
Pese-me o Senhor em todo o meu coração de vos ter ofendido,
Mas eu proponho firmemente ajudar, prova eu sinta,
A Vossa Santa minha graça,
Emendar-me e nunca mais Vos tornar a ofender
Espero alcançar perdões das minhas culpas

Pela Vossa infinita mesericórdia.

Amén.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 149: - Perdão de Nossa Senhora

Eram duas raparigas muito amigas, iam à missa diárias.

Uma morreu e a outra ficou. E quando uma morreu e a outra ficou, a que morreu beu ter com a que ficou para pedir ao Nosso Senhor que lhe perdoasse os pecados que fizeram ir à missa, como não tinham tino nenhum e que estavam sempre, pronto, não ligavam. Ela então biu, Nosso Senhor que lhe disse:

- Quando ias para a missa nunca ias com assento, agora irás depenar estas penas ao inferno.

Acudiu Nossa Senhora com palavras de Evangelho:

- ó meu filho, ó meu filho, ó meu filho tão amado, pelo leite que mamaste, pelo sangue que derramaste, acóde àquela alma que ela vai selar perdão.

- Faça-se, seja mandado, disse Deus. A minha mãe me mandou.

São Miguel pesou as almas, os pecados eram tantos que a balança os sampejou.

Nossa Senhora tirou a touca, sobre a balança a deitou, c'o milagre de Nossa Senhora, o peso corrente ficou.

Pecadora por vós rezai, não arraste pelo chão, a Virgem é piedosa pelos pecadores, amén.

Que esta oração merceja, não há ninguém que um dia há-de carecer ao perdão da Virgem Maria.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 150: - Oração da confissão

Ó meu bom Jesus do Horto,

Tu foste preso e foste morto,

Perdoaste a vossa morte

Que foi tão cruel e tão forte.

Perdoai os meus pecados,

São muitos e prolongados.

Eu aos pés do confessor

Não me soube confessar,
Confesso-me a Vós, Senhor,
Sois o Senhor da verdade,
À hora da minha morte
De mim tende piedade.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos , Bertelo
(Arquivo Digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 151: - Credo Antigo

Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra e em Jesus Cristo no céu, seu filho, Nosso Senhor, o qual foi concebido pela graça do debino Espírito Santo que nasceu de Santa Maria Virgem, ficando Ela sempre Virgem padeceu ante de Ponce Pilatos. Foi morto, sepultado, desceu aos infernos, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos e subiu ao céu. Está sentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso de onde creio que há-de vir, com glória, julgar os vivos e os mortos. Creio no Debino Espírito Santo, Santa Igreja Católica Romana, na Comunicação dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, a vida eterna dura para sempre. Amén

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 152: - Confissão de Nossa Senhora

Foi-se a Virgem confessar, pela manhã, ao Domingo, não por ela ter pecados, nem penas ter cometido.

Ó Senhor Padre de missa, a confissão me há-de ouvir, eu ando embarçada, de bésperas a parir.

O Padre se assentou, a donzela ajoelhou, o ventre que ela trazia toda a terra alumiou. O Padre bendo isto, olvidou seus pensamentos. O Padre p'ra remir pecados: - Vamos aos sete mandamentos.

Respondeu lh'a Nossa Senhora:

- O primeiro qu'eu amei, foi pelo Dibino Senhor, amei-O de tal sorte que o trago a meu favor. O segundo é guardar coisas que de Deus são, no dia de Nossa Senhora tive grande ocupação. O terceiro é jurar, sempre jurei de contínuo, aos vinte e cinco de Março encarnei o Berbo Dibino.

O quarto é honrar pais mais que a nós, não sei se será ofensa se chamar Jesus, por Vós.

O quinto foi que matei o demónio infernal quando concebi meu filho sem pecado original.

O sexto é que eu fui Birgem pura e donzela, fui esposa de Jasus, roubei o céu e a terra.

Ao sétimo é qu'eu qu'ria ser criada de menores, ser esposa de Jesus e mãe de Nosso Senhor.

Ó Senhor Padre de missa, acabou-se a confissão, faça-me agora a mercê de me deitar absolvição.

Levantai-vos pomba branca, ó espelho cristalino onde todo o bem se encerra, até o Berbo Dibino.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 153: - Para entrar no Céu

Lá em cima, no monte Calvário,
Está Jesus Cristo à morte
Com uma cama de agonias
Nem bolber se podia.
- Ó meu Deus, ó meu Senhor,
Quem Lhe pôs essa sorte?
- Foi os pecadores
A fugir-lhe à morte.
Dai-Me tinta e papel
Para fazer o testamento:
A São Pedro deixai-lhe as chaves,
A São Miguel as balanças,
Bengalinha de ouro bista
Que se forma uma lançada.
Nossa Senhora partiu,
São José acompanhava,
Chegadinhos a Belém
Toda a gente dormia.

- Ó porteiro, abre-me a porta
Que eu sou a Virgem Maria.
- Eu a porta não na aibro
Enquanto não seja dia.
São José bem por lume
Por quantos mistérios havia
Perguntou ao padre eterno
Como ficava lá Maria.
- Maria ficou cobertinha de anjos
Mais o seu bendito filho,
Os lençóis na sua cama
Eram de linho muito fino,
Os bracinhos que a adoravam
Eram de ouro e betão,
Aqui se acaba, meu Senhor,
Esta é a Vossa oração.
Quem esta oração disser
Três vezes ao dia
As portas do céu se lh'abrem,
Às do Inferno nunca as abria.

Maria Otília Gomes Pereira Silva, 75 anos, Bertelo
(Arquivo digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 154: - Oração das palavras ditas e retrocadas

Este responso serve para afastar o mau-olhado.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas.

Diz-me a primeira...

- A primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as duas...

- As duas: as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as três...

- As três: as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as quatro...

- As quatro: os quatro evangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as cinco...

- As cinco: as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, os quatro evangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as seis...

- Os seis: os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, os quatro evangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as sete...

- As sete: os sete sacramentos; os seis, os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, as quatro evangelistas; as três, as três pessoas

da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as oito...

- Os oito: os oito bem abenturados; os sete, os sete sacramentos; os seis, os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, os quatro ebangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as nove... - As nove: os nove meses que Nossa Senhora andou com seu filho no ventre; as oito, os oito bem abenturados; os sete, os sete sacramentos; as seis, os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, os quatro ebangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as dez...

- As dez: os dez mandamentos; as nove, os nove meses que Nossa Senhora andou com seu filho no ventre; as oito, os oito bem abenturados; as sete, os sete sacramentos; as seis, os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, as quatro ebangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as onze...

- As onze: as onze mil birgens; as dez, os dez mandamentos; as nove, os nove meses que Nossa Senhora andou com seu filho no ventre; as oito, os oito bem abenturados; as sete, os sete sacramentos; as seis, os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor

Jesus Cristo; as quatro, os quatro evangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as doze...

- As doze: as doze bem-abenturanças; as onze, as onze mil birgens; as dez, os dez mandamentos; as nove, os nove meses que Nossa Senhora andou com seu filho no ventre; as oito, os oito bem abenturados; as sete, os sete sacramentos; as seis, os seis sírios ventres; as cinco, as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, as quatro evangelistas; as três, as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, as duas tabuinhas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os santíssimos pés; a primeira, casa de Jerusalém, onde Nosso Senhor morreu por nós, ámen.

- Custódio, sim, amigo meu.

- Custódio, sim, amigo teu não!

- Diz-me as doze palavras ditas e retrocadas. Diz-me as treze...

- Treze raios tem o sol, treze raios tem a lua. Afasta-te, demónio, que esta alma é minha, não é tua!

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos , Bertelo
(Arquivo digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 155: - Oração do Peregrino

Quando Deus era menino

Andava pelo mar

Com Seu sangue a pingar.

Trata, trata Madalena,

Não no queiras alimpar,

Salva a mim, salva a ti,

Não salves os judeus

Que pregaram o nosso Deus

Na bela santa cruz,

Para sempre, amen, Jasus.

Amélia Rodrigues Lisboa, 76 anos, Estalagem

Anexo 156: - Oração a Deus

Com Deus me deito, com Deus ma lebanto,
Com a graça de Deus c'o Dibino Espírito Santo.
Nossa Senhora me cubra com o seu divino manto,
Se eu coberta com ele for, a minha alma no terá medo nem temor,
Se eu dormir acordai-me, se eu morrer alumiai-me,
Co'as onze mil virgens e c'o a Santíssima Trindade.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 157: - Responso a São Gabriel

António⁽²⁷²⁾ Jesus Cristo em teu corpo
P'ra que n'o seja pego⁽²⁷³⁾, f'rído, nem morto,
Nnem teu sangue debôto⁽²⁷⁴⁾.
Para quem fala maldade,
As tuas passadas mal acertadas,
Que te venha o anjo São Gabriel que te faça companhia,
Peço à Santa Virgem Maria.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 158: - Responso aos Santos

Meus filhos,
O Anjo da Guarda ande convosco,
Jesus Cristo na vossa companhia,
Santo António ao vosso lado,
Vós não sejais feridos, nem mortos,
Nem vosso sangue ande em bôtos,⁽²⁷⁵⁾
Que as vossas passadas sejam bem dadas,
Vossas falas estimadas,

²⁷² Nome da pessoa a quem é destina a oração.

²⁷³ Tantado, cair em tentação.

²⁷⁴ Derramado.

²⁷⁵ Jorros; de jorrar.

C'o Anjo São Gabriel
E o São Rafael
Vos faça a companhia
Que fez ao filho da Virgem Maria,
Por Cristo Nosso Senhor,
Um Pai nosso e uma Ave-Maria.

Ana Cunha, 89 anos, Canelo

Anexo 159: - Responso a Santo António

Santo António se bestiu e calçou,
Por um caminho andou,
Encontrou Nosso Senhor e Lhe perguntou:
- António, tu onde baís?
- Senhor, eu bou ao Céu.
- Tu, ao Céu não irás,
Tu na Terra ficarás,
Quantas coisas se perderem,
Todas acharás,
Quantas missas se disserem,
Todas dirás.
Reza-se um Pai-Nosso e uma Ave-Maria.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos, Bertelo
(Arquivo digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 160: - Responso às Pessoas

Este responso é dito para que nada de mal aconteça a alguém querido. Se houver enganos no responso, significa que a pessoa não está bem de saúde.

António⁽²⁷⁶⁾, Nosso Senhor é teu pai,
Nossa Senhora tua mãe,

²⁷⁶ Nome da pessoa a quem é destinada a oração.

Os Santos Apóstolos são teus irmãos,
Que te lebem e tragam nas suas mãos.
Com as armas de São Jorge sejas armado,
Não sejas preso, nem arrematado,
Nem teu corpo seja ferido,
Nem teu sangue acoalhado,
Nosso Senhor te guarde
Como guardou Jesus Cristo no ventre da Virgem Maria.
Em seu louvor
Uma Ave-Maria.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos , Bertelo
(Arquivo digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 161: - Oração de final de missa

Senhor, esta missa está acabada,
No seu seio apresentada,
Senhor dai-me que há nela,
Pr'a eu salvar a minha alma.
Senhor, se eu não poder voltar,
Mandai-me chamar
Pelo Anjo da Guarda
Que me venha acompanhar.
Rainha dos Anjos,
Senhora de tanto bem,
Ficai-vos Senhora na Vossa Repartição,
Mandai-me embora Senhor
Com a Vossa Santíssima bênção.

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 162: - Oração da manhã

Quando se bê nascer o sol dixe assim:
- Lá bem no sol, lá bem no dia,

Tomara viver com amizade e companhia
Como a Santa Virgem Maria.
Senhor, dai-me luz e graça
E gente que bem nos faça.

Ana da Conceição Teixeira Braga, 101 anos, Fundo do Lugar

Anexo 163: - Para lançar os ovos na galinha I

Esta oração diz-se quando se “deitam” os ovos na galinha. Deve repetir-se o número de vezes correspondente ao número de ovos, que deve ser ímpar:

- “Em louvor de São Gonçalo,
Nasça tudo pitas E só um galo.”
No final, reza-se um Pai-Nosso.

Maria Natália Gomes da Silva, 62 anos , Bertelo
(Arquivo digital do Departamento de Letras da UTAD)

Anexo 164: - Para lançar os ovos na galinha II

Em louvor de Santa Rita,
Nasça tudo galos e uma só pita.
Em louvor de São Salvador nasçam tudo pitas⁽²⁷⁷⁾ e um só galador.
Dizia-se isto a cada ovo.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 165: - Benzer o pão

Quando metia o pão no forno dizia assim, em cruz, com a pá em cruz, dizia assim:
- Deus cresça o pão no forno
E a graça no mundo todo.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

²⁷⁷ Galinhas.

2. Ensalmos

Anexo 166: - Talhar a Tropezia (inchaço)

“A tropezia é quando uma pessoa está inchada, bebe água de noite e incha. Já me aconteceu com dois filhos A pessoa está inchada, fica na cama. Agarra-se em mel, um bocadinho de mel, e o dedo untado, a gente pega, mete no embigo.”

Seguidamente rezava:

Maria⁽²⁷⁸⁾ eu te talho tropezia.

Tropezia vai para o monte,

Tropezia vai p'rá fonte,

Tropozia vai p'ró mar

Que ao corpo de Maria

Não possas voltar.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 167: - Talhar a dor de cabeça

Quando me dói a cabeça, pego acendo uma *bela* e digo a Nosso Senhor:

Deus te fez,

Deus te criou,

Deus te tire o mal

Que contigo entrou.

(repete-se três vezes na pessoa em cruz)

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 168: - Talhar o bicho

Primeiro um paninho com cinza quente embrulhada e enquanto se diz, toca-se na ferida:

Eu te talho aranha, aranhão,

Sapo, sapão, cobra cobrão,

Toda a qualidade de bicho

²⁷⁸ Nome fictício.

Que anda de rasto pelo chão,
Em louvor de São Julião,
Que emagueças e que apodreças.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 169: - Talhar o bicho

Bicho, bichão, sapo, sapão,
Cobra, cobrão, aranha, aranhão,
Todo o bicho que ande de rasto pelo chão,
Em louvor de São Sebastião,
Que ande para trás, para a frente não.

Manuel Rebelo Cardoso, 82 anos, Eido

Anexo 170: - Talhar o ventre caído

Deita-se a menina ou menino, que está com a perna comprida ou manco, deita-se de rabo para o ar e esfrega-se as costas com azeite para unir a carne das pernas. Depois é aquecida uma couve que é colocada sobre o local das costas onde se executou a massagem. Por cima da couve é colocada uma fralda ou um lenço. De seguida, vira-se a criança e faz-se uma nova massagem. Coloca-se outra couve pré-aquecida e aperta-se a fralda à volta da cinta da criança. Depois agarra-se na criança pelas pernas e coloca-se de cabeça para baixo e diz-se:

- Quando Deus pelo mundo andava,
Deu homem manso com mulher brava,
Deitou Deus em palhas enxutas e mantas molhadas,
Levanta-te ventre caído, com três palmatoadas.

Ao acabar dão-se três palmadas na planta dos pés. (tem de ser feito três dias seguidos à mesma hora).

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 171: - Talhar a Icterícia (olhos amarelos)

Atrícia, eu te talho,
Atrícia e lícia e fogo e lobo, e dor e descanso.
Por isso, como digo verdade,
Três vezes no teu corpo não labre.

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Anexo 172: - Talhar o aberto

Aquece-se um ferbedor d'água e o ferbedor bota-se à bacia de cu para o ar e depois as pernas hão-se estar a receber a bafarada da água. Q'ando acabar a reza a água está toda dentro do púcaro, a bacia não tem nada.

Se for aberto eu sei logo naquela hora porque a água entra toda p'a dentro do ferbedor e a bacia fica enxuta. Ó outro dia torna cá, são três vezes.

Eu digo:

- M* eu te cozo.

E ela diz:

- Carne desfiada com fio torto.

E digo eu axim:

- Carne desfiada torna a tua casa e fio torto volta ao teu posto.

(Ao mesmo tempo que faz a reza, passa a agulha em volta das pernas e por dentro do novelo de linha como quem está a cozer).

Ana Cunha, 89 anos, Cancelo

Tradições: usos e costumes

Anexo 173: - Tradição da missa da aguardente

- Amanhã é o dia dos fiéis, eles e nós hoje íamos para o cemitério à noite e depois estábamos lá até a música lá ir buscar-nos. Iam lá fechar as portas do cemitério e era c'o a música.

- A música depois ia e vinha e as pessoas vinham todas embora.

- E depois (a música) de madrugada iam p'rá Beiga e p'ra Bertelo dar a arruada de madrugada, e depois aquela gente binham c'o eles ó p'ra cima e depois habia a missa, lá p'rás seis horas habia a missa, chamábam-lhe a missa da aguardente, porque só cheirabam à aguardente, porque estava muito frio, no era? Já estava frio, de maneira que matabam o bicho com figos e com aguardente. Toda a gente, toda a gente!! ... quem na bebia.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 174: - Tradição de Carnaval

Aqui, no Carnabal da Cumieira, fazia-se uma linda brincadeira que parecia bem à melhor maneira. Era um senhor, chamado Miloa e tinha outro filho chamado Zé, por conseguinte,

tinham uma croça, cada um tinha uma croça, espécie do de S. Martinho de Mouros. Os de S. Martinho de Mouros também utilizavam essas croças quando bêm para a Cumieira tesourar, p'aqui p'ra casa do Rocha. E então essas croças eram cheias de chocalhos e chocalhas e então, eles conforme andavam a dançar com aquelas croças andavam cheias de chocalhos e então metiam um rabo muito grande como o rabo, supomos, como o rabo do lobo. Eles começavam a dançar quando começava a dançar o rancho. Eles começavam, também, a andar de roda do rancho a sacudir as pessoas e depois cantavam:

Cantamos, folgamos,
Viv'ó Carnabal,
Alegres dançamos,
Baile sem igual.

O Entrudo é festibal
Lá na pátria do patrício
Governaba-a com chouriço,
O folgar não fica mal.

Todos nós somos artistas,
Nossa arte é trabalhar,
Bemos com gosto e prazer
Nossos amigos visitar.

Aurélio Garcia, 84 anos, Bouça-Boa

Anexo 175

C'os rapazes era assim:
O Entrudo é festibal
Lá na pátria do marício
Governába-a com chouriço,
O folgar não fica mal.

O senhor Ismael entraba, era assim:
Arredem-se e façam largo,

Armem todos um terreiro
Deixem entrar este soberano
Que é senhor do mundo inteiro.

E a música tocaba: tam...tam...ta.... Tocaba esta marcha, depois era assim:
Bemos da beira-mar,
Lá da terra do marício,
Governába-a com chouriço,
O folgar não fica mal.

E cantaba-se:
Nós somos trovadores,
Bemos da beira mar,
Cantamos os nossos amores,
Passamos a bida a cantar.

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Anexo 176: - Tradição do altar da Senhora das Dores

Quando um miúdo era, berrava muito, berrava muito, talvez porque tivesse dores, iam, realmente, rebolá-lo, pronto, passá-lo no altar da Senhora das Dores. Isto, às vezes, devia ter outra função, era oferecê-lo à Nossa Senhora.

Maria Adelina Fernandes, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 177: - Tradição de encomendar a alma

Quando as pessoas estavam muito doentes e que estavam prontas para entregar a alma a Deus, iam pedir ao senhor Padre, então o senhor Padre tocava o sino, agora já não sei se eram duas badaladas, tocavam o sino.

O senhor Padre ia, levava o Santíssimo, levava a Sagrada Custódia, a pequenina, a pequenina, com uma hóstia para dar ao moribundo, se ele pudesse a receber, cantava-se e levava o guarda-sol, que se usava quando vem o Santíssimo p'ra cá p'ra baixo p'ró Senhor dos Passos, não é? E então toda a gente vinha porque o Senhor andava fora, toda a gente se juntava e ia a cantar o Bendito. E então:

- Bendito e louvado seja o Senhor, Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

E as mulheres respondiam:

- O fruto do ventre e sagrado da Virgem Puríssima Santa Maria.

Fosse daqui p'ra Cumieira, fosse da Igreja p'rá Cumieira, toda a gente cantava o Bendito, toda a gente ia.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 178: - Tradição do 1º de Maio

Quando era no dia de ... no 1º de Maio, havia a tradição de haver, havia aqui o senhor Abílio que andava de noite a pôr o ramo de giesta nas portas. E então os miúdos da escola iam ao monte e punham os miúdos todos de, vestidos de ... não eram todos, ... eram alguns, iam todos vestidos de giestas, depois iam a cantar:

Maio, Maio moço,
Chama-se António,
Anda na campanha
A varrer o caronho.

Maio, Maio moço,
Chama-se Francisco,
Anda na campanha
A varrer o cisco.

Maio, Maio moço,
Chama-se Manuel,
Anda na campanha
A limpar o tonél.

Maio, Maio moço,
Chama-se João,
Anda na campanha
A varrer o chão.

Isto depois era assim, no era? Mas isto já é muito antigo porque ainda hoje as camionetas, no é?, quando é no dia um, trazem sempre um ramo de .. de maias, para os burros não ire, roer as orelhas. Para os burros, é... tinha de se comer castanhas secas, nesse dia, para o burro não rilhar, roer as orelhas. Era, ... era. Havia assim.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 179: - Tradição do Ramos

Também diziam que no dia de Ramos não se podia comer caldo verde. Tinha de se comer caldo de castanhas cozidas, também, porque senão fazia mal.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 180: - Tradição nos partos difíceis

Antigamente, ... antigamente quando..., ninguém ia para o hospital, claro, no é? E então era sempre em casa, assistida pelas parteiras habilidosas. E quando o parto estava mais demorado iam pedir ao sacristão para tocar nove badaladas, que cada badalada correspondia a um mês de gravidez. E então ele tocava aquilo com tanta tristeza, tão prolongado cada badalada, que as pessoas já sabiam que tinham de rezar uma Salvé-Rainha a Nossa Senhora para que alibiasse a partureense.

Maria Adelina Fernades, 74 anos, Laranjeiras

Anexo 181: - O Padre de Silhão

Havia um padre que quando binha rezar a missa a Silhão que trazia as batatas cozidas no bolso. Às vezes diziam assim: - Tóto, tu és um agarrado, és como o padre de Mouçós, quando binha rezar a missa a Silhão trazia as batatas cozidas no bolso...

Valdemira das Dores Fernandes, 85 anos, Carreira

Quinta Feira 8.

Maio de 1823.

DIARIO DO GOVERNO.



N.º 109.

Je veux bien admettre chez moi une douce liberté;
mais je ne puis en tolérer l'abus.

Avantures de la fille d'un Roi

Tendo-nos sido sempre muito doloroso fallar nos acontecimentos de *Tras-os-Montes*, cuja lembrança nos horrorisa, temos hoje a satisfação de publicar os sentimentos dos habitantes da *Cumieira* (comarca de *Villa Real*) cujo elogio, se fazello tentassemos ficaria muito áquem de nossos desejos; e por isso transcrevemos parte de um documento remettido ao Governo, pelo constante, fiel, e digno Tenente Coronel de Milicias de *Villa Real*, *Carlos Correa da Silva* (que nunca deu ouvidos ás suggestões do rebelde *Amarante*) que para tal fim nos foi confiado.

«O paroco da *Cumieira*, *Mangel Flaviano Coelho*, em seu nome, e de todos os Constitucionaes da sua freguezia, tem a distincta honra de offerecer de novo a V. Magestade os sentimentos mais sinceros de sua inalteravel adhesão ao Systema Constitucional que felizmente hoje rege a Nação Portuguesa:

«Esta freguezia, ainda que lamenta a triste sorte de pertencer a uma provincia, que foi, prostituindo o seu juramento, a primeira que se atreveu a tocar com mão sacrilega a mimosa arvore da Constituição, que V. Magestade jurou e prometteram guardar tão religiosamente, tem ao mesmo tempo o desvanecimento, e a ufania de declarar na Augusta presença de Vossa Magestade, que a *Cumieira*, fiel ao seu juramento, jámais se deixou illudir com os imbutos, tramas, e ambiciosos projectos do infame ex-Conde de *Amarante*; e como *Portuguezes*, sempre firmes e nunca degenerados, preferirão antes o andar profugos das suas habitações, do que annuirem ás longas promessas com que este perfido seduzio alguns cobardes, e incautos animos.

«He nos momentos arriscados, Senhor, e convulsões politicas, que todo o cidadão deve fallar a linguagem franca do seu coração. Por tanto nesta, em que uma parecida mão tentou levantar o estandarte da rebelião, a *Cumieira* não quer deixar em silencio e dúbida os sentimentos liberaes de que se acha animada, e o amor que consagra a Vossa Magestade, o melhor dos Reis, que a Providencia collocou sobre o throno Portuguez: ella proclama na presença de Vossa Magestade, da Nação, e do mundo inteiro, que se o pestifero halito da rebelião soprou a uma legoa de distancia da execranda *Villa Real*; este jámais poderá contaminar os pacificos habitantes da *Cumieira*»